

# Do Internacional ao local: Processos colaborativos no âmbito da literacia ambiental

Leandro Martins

Prof. Doutor Vítor Braga

Prof. Doutora Marisa Ferreira

# Índice

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Abreviaturas.....	9
1.Introdução.....	10
2.Enquadramento teórico.....	11
2.1 Colaboração.....	11
2.1.1 Conceito de Colaboração Informal.....	14
2.1.2 Conceito de Colaboração Formal.....	16
2.2 Dimensões da colaboração.....	17
3. Voluntariado.....	30
3.1 Motivações para o voluntariado.....	33
4. Literacia Ambiental.....	35
5. Metodologia de Investigação.....	36
5.1 Objetivos do Estudo.....	40
5.2 Dimensões em Análise e Questionário.....	42
6. Apresentação e Discussão de Resultados.....	47
6.1 Entrevistas.....	47
6.2 Dados Quantitativos.....	54
6.2.1 Análise Fatorial e Estudo de Correlações.....	54
6.2.2 Análise de Clusters.....	67
6.3 Análise Discriminante.....	76
6.4 Discussão dos Resultados.....	77
7. Conclusão.....	82

Bibliografia.....	85
Anexos.....	104

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Dimensões da colaboração.....	18
Tabela 2: Definições de confiança.....	20
Tabela 3: Motivações dos voluntários ambientais.....	34
Tabela 4: Conceito de literacia ambiental.....	35
Tabela 5: Relação entre as motivações dos voluntários e a literacia ambiental.....	36
Tabela 6: Questões de Investigação do estudo.....	41
Tabela 7: Questões por dimensão.....	42
Tabela 8: Questões destinadas aos voluntários.....	44
Tabela 9: Caracterização por idades.....	54
Tabela 10: Caracterização por Países.....	54
Tabela 11: Estatística descritiva dos dados dos questionários.....	56
Tabela 12: Variância total explicada.....	59
Tabela 13: Matriz de componente rotativa.....	60
Tabela 14: Perguntas alocadas por fator.....	61
Tabela 15: Média dos fatores.....	62
Tabela 16: Agrupamento dos países e codificação das regiões .....	67
Tabela 17: Voluntários por região .....	68
Tabela 18: Clusters segundo K.means .....	69
Tabela 19: Centro dos Clusters .....	70

Tabela 20: Média dos Clusters.....	73
Tabela 21: Lambda de Wilk's .....	76
Tabela 22: Eigenvalues .....	76
Tabela 23: Resultados Finais.....	81
Tabela 24: Questões destinadas às organizações 1,2 e 3.....	105
Tabela 25: Questionário aos participantes do CTI.....	107
Tabela 26: Correlação anti imagem.....	110
Tabela 27: Matriz de Correlação.....	114
Tabela 28: Correlação de Pearson.....	120
Tabela 29: Matriz cruzada entre os grupos.....	126
Tabela 30: Anova.....	129
Tabela 31: Testes de igualdade das médias dos grupos .....	136
Tabela 32: Voluntários por região segundo o método K-Means.....	139
Tabela 33: Anova.....	140

## **Índice de Quadros**

Quadro 1: Teste de KMO e Bartlett.....	117
Quadro 2: Teste KMO com as variáveis filtradas segundo a correlação anti imagem...59	
Quadro 3: Comunalidades.....	117

## **Índice de Gráficos:**

Gráfico 1: Dendrograma.....	69
-----------------------------	----

## Resumo

Este estudo teve como base campos de trabalho internacional em regime de voluntariado ambiental, em que o propósito do mesmo é estudar a relação colaborativa entre as instituições responsáveis pela sua organização, bem como perceber de que forma estes campos foram impactantes na literacia ambiental quer dos voluntários, quer dos membros das organizações.

Após a pesquisa de bibliografia, foram identificadas algumas das dimensões da colaboração, sendo que estas serviram de base às entrevistas, que foram realizadas com o intuito de poder recolher a opinião de cada representante de cada uma das organizações. Fruto destas entrevistas, ficou explícito uma boa relação mantida entre os parceiros, sendo que os seus laços fortes e confiança foram realçados como um fator que aprimora o compromisso e a continuidade deste projeto.

Também ficou inicialmente definido o objetivo de perceber quais as motivações dos voluntários para participarem neste tipo de iniciativas, bem como perceber junto deles de que forma estes Campos de Trabalho Internacional foram impactantes na sua literacia ambiental. Através de questionários, foram recolhidas quais as motivações e o impacto destes campos na literacia ambiental dos voluntários. Assim, estes destacaram a participação neste tipo de iniciativas pelo interesse em ajudar o ambiente. Em relação à literacia ambiental, estes apontaram para um impacto positivo destes Campos de Trabalho Internacional na sua literacia ambiental, ainda que foi possível notar uma pequena discrepância entre aquilo que foi aprendido e a adoção das boas práticas transmitidas no seu dia a dia.

**Palavras-chave:** Colaboração; Ambiente; Sustentabilidade; Voluntariado

## **Abstract**

This study was based on International Work Camps in environmental volunteering regime, in which the purpose is to study a collaborative relationship between the institutions responsible for its organization, as well as to understand how this field had an impact on environmental literacy either from volunteers or from association members.

After the literature search, some of the dimensions of collaboration were identified, and these served as the basis for the interviews, which was carried out to collect the opinion of each representative of each of the associations. As a result of these interviews, a good relationship was maintained between the partners, and their strong ties and trust were highlighted as a factor that enhances the commitment and continuity of this project.

The objective was also to understand the motivations of volunteers to participate in this type of initiatives, as well as to understand with them how this International Work Camp had an impact on their environmental literacy.

Through questionnaires, the motivations and impact of this Work Camp on the environmental literacy of volunteers were collected. Thus, the main reason for their participation in this type of initiative is due of their interest in help the environment. In relation to environmental literacy, they pointed to a positive impact of this International Work Camp on their environmental literacy, although it was possible to notice a small discrepancy between what was learned and the adoption of good practices transmitted in their daily lives, thus a not-so-good point identified in this review.

**Keywords:** Collaboration; Environment; Sustainability; Volunteering

## **Abreviaturas:**

**CTI**-Campos de Trabalho Internacional

**SPSS** – Statistical Package for the Social Sciences

**OSFL**-Organização Sem Fins Lucrativos

## **1. Introdução**

A colaboração deve ser suficientemente ampla para incluir os propósitos, níveis de interdependência e sincronicidade de esforços (Randrup et al, 2016), sendo que esta é feita quando duas ou mais organizações agrupam energias através de acordos institucionais (Prentice e Brudney, 2016).

A motivação para a realização deste estudo prende-se com a intenção de analisar o voluntariado internacional de cariz ambiental, avaliar a participação ativa dos jovens em iniciativas deste género e perceber qual o impacto dos campos de trabalho internacional na sua literacia ambiental.

Neste estudo, as questões de investigação pretendem saber como é que os agentes envolvidos na organização destes Campos de Trabalho Internacional colaboram, quais as motivações para os voluntários participarem neste tipo de iniciativas, perceber o impacto em termos de literacia ambiental nos voluntários e nos membros das organizações que organizam esta iniciativa.

Desta forma, este trabalho divide-se em duas grandes partes. A primeira, engloba os conceitos principais do estudo, sendo eles o conceito da colaboração e o do voluntariado, em que foi feita uma análise mais aprofundada ao voluntariado ambiental.

A segunda parte, engloba a análise dos dados recolhidos, sendo feita uma qualitativa às entrevistas direcionadas aos representantes das organizações, bem como uma análise quantitativa aos questionários direcionados aos voluntários.

## **2. Enquadramento teórico**

### **2.1 Colaboração**

A colaboração revela-se um fenómeno bastante amplo e que pode ser investigada num nível interpessoal, intra organizacional ou interorganizacional (Colbry et al., 2014), podendo ser construída através de um vínculo, união ou parceria, criada por objetivos e compromissos mútuos (Henneman et al., 1995). Assim, a colaboração significa trabalhar com outros atores além das fronteiras organizacionais ou mesmo em relacionamentos multissetoriais, tendo como base o valor da reciprocidade (Agranoff & McGuire, 2003).

Desta forma, esta representa uma relação mais próxima, onde novas estruturas poderão surgir, assim como a construção de capital social e organizacional, isto se, ambas as partes estiverem interessadas e empenhadas em aumentar a capacidade de benefício mútuo (Poocharoen e Ting, 2015).

Este fenómeno da colaboração pode surgir pelo facto das organizações envolvidas não conseguirem, eventualmente, por si mesmas resolver certos problemas individualmente ou quererem colmatar algum tipo de escassez (Gray, 1989; McGuire e Silvia, 2010). Assim, estes acordos pode tratar-se de uma relação para alcançar objetivos comuns, sendo necessário definir o tipo de relação e os objetivos da mesma, sendo esta relação pautada pelo compromisso, por uma estrutura conjunta, autoridade mútua e partilha de recursos (Pennec & Raufflet, 2018). Para além disto, os processos de colaboração enfatizam a promoção da confiança, a organização da participação inclusiva, o desenvolvimento de uma compreensão partilhada de um problema, a construção de um compromisso com os objetivos pré-definidos e com as ações coletivas (Bryson et al., 2015). Para além disto, esta também engloba uma interdependência mútua, comunicação frequente, propriedade partilhada e abertura para com os parceiros (Ramadass et al., 2018). Desta forma, a boa

relação interpessoal, a motivação e o empenho nos objetivos pré-estabelecidos parecem ser a base de uma colaboração bem-sucedida.

A colaboração forma e mantém relacionamentos, e, se esta for produtiva, ajudará as organizações e os indivíduos a identificarem estratégias benéficas ao desenvolvimento dos intervenientes (Morton et al., 2004). Assim, o fortalecimento dos laços colaborativos interorganizacionais é frequentemente considerado como uma forma de alocar eficientemente os recursos escassos (Thomson et al., 2007) e uma forma de obter vantagem competitiva (Alonso et al., 2010).

No que às formas de colaboração diz respeito, são associadas algumas práticas de partilha de benefícios como a troca de know-how, experiência, aconselhamento em relação a assuntos administrativos e técnicos, atividades específicas ou serviços, em que os elementos dentro da parceria colaborativa podem utilizar os seus contactos pessoais para poderem obter informações importantes sobre o ambiente em que inserem, bem como obter informações sobre os seus pares ou potenciais parceiros (Fromhold-Eisebith, 2017). Por conseguinte, a colaboração pode criar uma relação de partilha de recursos financeiros ou humanos, constituindo assim uma relação de troca entre parceiros com o intuito de ajuda mútua, para benefício de cada um individualmente e da colaboração como um todo (Gazley, 2008).

Após a pesquisa bibliográfica deste tema, foi notada uma bifurcação neste conceito, tendo sido identificadas a colaboração formal e a colaboração informal. A estrutura de um processo para a colaboração sugere que a colaboração ocorre ao longo do tempo conforme as organizações interagem formal e informalmente por meio de formas repetitivas, de sequências de negociação, desenvolvimento de compromissos e execução desses compromissos (Thomson & Perry, 2006).

Assim sendo, as colaborações podem assumir duas formas. Estas podem ser informais e episódicas, ou podem ser contratos altamente formalizados, podendo envolver várias organizações dos mais variados setores de atividade como órgãos públicos, organizações sem fins lucrativos ou agentes privados (Simo, 2009). A colaboração entre organizações inclui elementos formais (transacionais) e informais (relacionais) e refere-se aos acordos interorganizacionais que estabelecem a natureza da colaboração entre os parceiros, incluindo métodos de transferência de conhecimento, propriedade intelectual, provisões, riscos partilhados e benefícios mútuos (Majchrzak, et al., 2015).

Resumindo, a colaboração formal representa acordos estabelecidos entre parceiros em que se especifica nalgum documento certas cláusulas que os assinantes à priori concordaram, enquanto a colaboração informal engloba um processo mais complexo, envolvendo variáveis relacionais que incluem a criação de sinais positivos no parceiro para que este se envolva com compromisso no processo de colaboração, sem serem definidas cláusulas mais rígidas e pré-definidas, à semelhança do que acontece na colaboração formal.

Durante o processo de colaboração poderão surgir vários obstáculos. Estes poderão surgir como consequência do ambiente onde as organizações se inserem, da falta de preparação para estas dinâmicas, nos aspectos relacionais ou discordâncias que poderão surgir à medida que o processo de colaboração se desenrola. Assim, cabe a cada um dos agentes envolvidos avaliar cada uma delas e tentar contorná-las, visto que as barreiras abaixo mencionadas poderão ser uma forte ameaça à eficácia e à continuidade da colaboração ao longo do tempo:

- Falta de confiança entre os parceiros (Khalid et al., 2016)
- Falta de preparação para novas habilidades e mentalidades (Ramesh et al., 2010)

- Falta de planeamento colaborativo e estratégico (Ramesh et al., 2010), (Khalid et al., 2016)
- Falta de compromisso da administração (Ramesh et al., 2010)
- Falta de consciência colaborativa e visão (Khalid et al., 2016) /compreensão (Ramesh et al., 2010).
- Disparidade da capacidade tecnológica entre parceiros (Ramesh et al., 2010)
- Partilha inadequada de informações (Ramesh et al., 2010)
- Relutância em partilhar riscos e recompensas (Ramesh et al., 2010)
- Métricas de desempenho inconsistentes e inadequadas (Ramesh et al., 2010)
- Baixa taxa de alfabetização (Khalid et al., 2016)
- Ameaça de eliminação da vantagem competitiva (Khalid et al., 2016)
- Dificuldade na seleção dos parceiros certos (Kumar & Goswami, 2019)
- Dificuldade na resolução de conflitos (Kumar & Goswami, 2019)
- Dificuldade em conseguir a lealdade dos parceiros (Kumar & Goswami, 2019)

Após esta introdução mais genérica, serão apresentados de forma mais detalhada os conceitos relativos à colaboração formal e informal.

### **2.1.1 Colaboração Informal**

As relações informais entre atores institucionais envolvem redes de relações sociais, económicas e políticas (Granovetter, 1973), podendo acontecer não apenas internamente, mas também além das fronteiras organizacionais (Cross e Parker, 2004).

As parcerias colaborativas informais dependem de acordos verbais baseados na confiança, que significa uma maior intensidade de interação pessoal e mais forte nos laços sociais dos parceiros do que na colaboração formal (Hessels & Parker, 2013). Este

processo envolve a partilha de informações e recomendações, trocas de recursos e reciprocidades (Thomson & Perry, 2006).

Assim, a falta de formalismos pode ser compensada por um sentimento de segurança e boa fé nas ações da outra parte (Carson et al., 2006), fortalecida quando ambas as partes entendem que os problemas que surgiram durante uma colaboração serão resolvidos em conjunto, por meio da comunicação e da cooperação, em vez de recorrer a acordos formais (Carson et al., 2006), em que estas se comportam umas com as outras como parceiras, independentemente das ligações formais que definam as suas condutas (Wildridge et al., 2004).

Neste tipo de relações, existe uma forte motivação num propósito e uma confiança mútua, que se revelam pré-condições essenciais para uma relação informal bem-sucedida. Neste mesmo sentido, também a reputação e a duração da relação podem ser consideradas fortes impedimentos para o comportamento oportunista, que pode ser mais comum nestes casos, uma vez que as partes não se encontram protegidas contratualmente (Carson et al., 2006).

Este processo de colaboração baseia-se numa abordagem mais relacional entre os agentes envolvidos. Os mesmos tentam obter benefícios por meio dos parceiros, normalmente através da absorção de conhecimento ou então através do aconselhamento. Na colaboração informal, a decisão de que se deve ou não procurar ou fornecer conselhos dentro de uma relação de colaboração, normalmente fica a critério exclusivo dos indivíduos envolvidos, dependendo dos incentivos individuais transmitidos pelos atores envolvidos na mesma, que podem ser determinados por atributos de carácter individual ou profissional, das suas origens, dos atributos de nível organizacional, ou grau de competição entre as organizações (Wältermann et al., 2019). Assim, a organização tem o poder de decidir o tempo de duração da parceria (Proulx et al., 2014) e os seus parceiros,

conforme os seus próprios critérios, sendo que, este tipo de colaboração lhes pode oferecer uma maior flexibilidade e custos de transação mais reduzidos, contudo, com menos fatores de certeza que as colaborações formais (Bauer et al.,2020).

Posto isto, vemos que nesta forma mais flexível e menos dispendiosa de colaborar, podem surgir oportunidades de ter um maior acesso a conhecimento externo (Lu et al., 2020) ou ter indicações ou acesso a novos contactos (Guo & Acar, 2005). Assim, pode ser um meio para alcançar o acesso a elementos importantes como experiência, equipamentos ou recursos, que podem vir a fazer diferença na performance das organizações (Dang et al., 2019).

### **2.1.2 Colaboração Formal**

A colaboração formal é normalmente baseada num acordo ou contrato escrito vinculativo entre organizações que define funções, expectativas, métricas de desempenho e outras regras que orientam a colaboração, exigindo uma participação contínua entre os atores envolvidos (Bauer et al., 2020). Assim, a colaboração formal acontece quando as organizações participantes estabelecem um relacionamento contínuo por meio de serviços, recursos ou programas partilhados, transferidos ou combinados (Kohm et al., 2000).

As colaborações formais criam uma certeza adicional e podem também proteger os membros envolvidos em relações colaborativas onde existem maiores riscos (Terman et al., 2017). Portanto, a colaboração formal é mais estruturada, estável (Kohm et al., 2000), juridicamente vinculativa (Guo & Acar, 2005), reduz a incerteza (Gazley, 2008) e mitiga o risco entre os atores envolvidos (Nylén, 2007). Resumindo, acaba por se revelar uma via usada pelos agentes envolvidos neste tipo de parcerias como forma de reduzir as consequências de eventuais comportamentos oportunistas (Terman, et al.,2020).

No que toca à materialização dos contratos formais, quanto mais bem especificados estes forem, melhor se desenvolverá a colaboração (Zhang et al., 2018). Assim, as estratégias de controlo formal ajudam a construir uma estrutura estável e quadro institucional que fazem as transações futuras serem mais previsíveis (Yang et al., 2011), ainda que, a implementação implique custos de transação mais elevados do que os mecanismos informais, que preservam uma maior autonomia dos parceiros colaboradores (Hansen et al., 2020). Neste sentido, quando uma das partes sente que o acordo informal envolve um certo risco, estes tendem a salvaguardar-se num acordo formal, visto que, uma falha por parte do parceiro pode trazer consequências indesejadas. Neste sentido, as organizações procuram minimizar essas ineficiências e a maior volatilidade das relações colaborativas informais com contratos formais (Grant & Baden-Fuller, 1995). Desta forma, simplesmente confiar no parceiro para agir conforme o esperado, para certos parceiros pode parecer arriscado. Forças externas, interesses internos ou falta de compromisso, podem atrapalhar a melhor das intenções para a colaboração, sendo que, estes agentes envolvidos preferem salvaguardar-se com estes mecanismos formais (Salam, 2017). Assim, os contratos formais foram pensados como resposta robusta à ambiguidade destes processos.

Sintetizando, a colaboração formal funciona como um mecanismo que define detalhadamente num contrato físico os contornos da colaboração, para que aqueles que subscrevem um acordo não fiquem à mercê de fatores externos imprevisíveis que lhes traga consequências inesperadas no futuro.

## **2.2 Dimensões da Colaboração**

Após a recolha de bibliografia sobre o tema da colaboração e consequentemente da colaboração formal e informal, serão estudadas as dimensões que influenciam o processo

de colaboração entre organizações e qual a sua influência no sucesso ou insucesso das mesmas. Na tabela 1, estão representadas as dimensões da colaboração identificadas na literatura, sendo que posteriormente serão analisadas individualmente de forma mais aprofundada.

Tabela 1: Dimensões da colaboração

Dimensão da colaboração	Autor
Laços Sociais e Interação	Dahlander e McFarland (2013)
Confiança	Wong et al. (2008)
Compromisso	Ramadass et al. (2018)
Interdependência	Ashraf et al. (2017)
Comunicação	Kenis & Knoke (2002)
Assimetria de Poder	Purdy & Jones (2012)
Experiência	Loosemore et al. (2020)

Fonte: Elaboração Própria

Os **laços sociais e interação** na colaboração começam a formar-se quando os intervenientes não se conhecem bem, e, com o decorrer da interação, as pessoas identificam traços desejáveis em potenciais parceiros. Este passo exige uma envolvimento mais superficial e estratégias de curto prazo para avaliar a hipótese de um futuro laço. Desta forma, os laços persistem quando as pessoas se conhecem e refletem sobre a qualidade da sua relação e sobre as experiências partilhadas, podendo posteriormente adotar estratégias de longo prazo, fazendo avaliações do valor da relação com a instituição parceira, de modo a obter recompensas provenientes desta decisão de se aliarem a um elemento externo à sua estrutura (Dahlander e McFarland, 2013).

Quando as organizações se envolvem em processos colaborativos, o fortalecimento dos laços com os parceiros pode ser um fator chave para que os intervenientes retirem externalidades positivas desta decisão. A determinação da força de um laço pode ser explicada pela combinação do tempo despendido, a intensidade emocional, a intimidade

ou a confiança entre ambos, bem como as reciprocidades que caracterizam os laços (Granovetter, 1973).

Os laços fortes gradualmente promovem e aprimoram confiança, reciprocidade e uma perspectiva de longo prazo, que por sua vez ajudam os parceiros a desenvolver projetos conjuntos e partilhar conhecimento importante (McDermott e Corredoira, 2009).

Desta forma, a importância de laços fortes dentro das redes, medidos por meio da frequência de comunicação, confiança e relacionamentos informais, foi estabelecida no contexto que pretende aumentar a força colaborativa interorganizacional. Assim, a colaboração e a comunicação informal são importantes para fatores como a empatia e amizade, visto que, uma ligação mais próxima está associada a níveis mais elevados de motivação para investir tempo e energia, partilhar informações, fornecer assistência e retribuir serviços e favores (Reagans & McEvily, 2003).

Numa perspectiva de extensão dos laços, os laços colaborativos podem ser transversais, dado que uma colaboração pode gerar laços entre organizações que não estão diretamente envolvidas na colaboração ou alterar o amplo padrão de fluxos de recursos e informações na rede. Para além disto, o aumento da influência pode ser alcançado não apenas pelo aumento do número de laços com parceiros colaboradores, mas estabelecendo colaborações que produzem conexões diretas e duradouras com organizações terceiras (Hardy et al., 2003).

A formação de laços pode ter alguns obstáculos, quer na criação dos mesmos, quer para a sua durabilidade ao longo do tempo. O conflito de interesses individuais (intrínseco às motivações estratégicas) e incertezas podem impedir a formação de laços fortes e duradouros (Bianchi et al., 2018).

A **confiança** é a base para áreas divergentes, como a negociação, liderança, trabalho em equipa, gestão de recursos humanos, mudança organizacional, empreendedorismo e alianças estratégicas (Fulmer & Gelfand, 2012). Na tabela 2 estão apresentados alguns conceitos, na perspetiva de vários autores.

Tabela 2: Definições de confiança

Definição	Autor
Confiança é a credibilidade de uma pessoa, grupo ou instituição mediante um dever voluntariamente aceite por outra pessoa, grupo ou instituição para reconhecer e proteger os direitos e interesses de todos os outros envolvidos numa união, esforço ou troca económica.	Hosmer (1995)
Confiança é a disponibilidade em colocar-se numa posição vulnerável às ações de outra parte contratante com base na expectativa que o outro realizará uma ação benéfica para si, independentemente da capacidade de acompanhar ou controlar a outra parte.	Mayer et al. (1995)
Confiança é a intenção de aceitar a vulnerabilidade com base em expectativas positivas das intenções ou comportamento de outro agente.	Rousseau et al. (1998)
Confiança é interpretação pessoal e construção individuais da realidade com fatores como disposição (percebida), crença, dependência, compromisso e expectativas.	Wong et al., (2008)
Confiança é a situação onde um ator não tem certeza do que o outro fará, mas tem boas razões para acreditar de que o último irá agir conforme as suas expectativas.	Tejpal et al. (2013)

Fonte: Elaboração Própria

No processo de colaboração, a confiança é reconhecida como um fator chave que contribui de forma preponderante para o sucesso de qualquer projeto (Wong et al. 2008), sendo que é base para relacionamentos interpessoais, cooperação e estabilidade em instituições e mercados (Lewicki et al., 1998). Para além disto, é importante para a continuidade e o aprimoramento do relacionamento ao longo do tempo (Zhao e Cavusgil, 2006). Para além disto, estes defendem que a confiança tem muitos recursos e benefícios, como por exemplo a redução da sensação de insegurança e risco.

A confiança pode dividir-se em dois tipos. A confiança afetiva e a confiança na competência (Almeida et al., 2017). A confiança afetiva representa aspectos como a

honestidade, compreensão mútua, credibilidade, respeito e conformidade e a confiança na competência refere-se ao conhecimento / técnica. Assim, os aspectos do comportamento em relação aos parceiros, podem melhorar a partilha de informações e conhecimento, a previsibilidade, a política de reposição e redução da coordenação de riscos entre os parceiros. Para além disto, a confiança pode ter um impacto positivo no desempenho da colaboração e pode igualmente reduzir o comportamento oportunista das partes contratantes (Costa et al., 2017).

A construção de relações de confiança entre pessoas e organizações na colaboração são essenciais ao sucesso da parceria. A confiança pode ajudar a proteger parcerias e estabelecer relacionamentos colaborativos, mitigando informações assimétricas, permitindo a partilha e a construção de uma relação mais aberta e honesta (Snaveley & Tracy, 2002). Assim sendo, a confiança desempenhará um papel fundamental na proteção dos relacionamentos com parceiros, ou mesmo no desenvolvimento de novos relacionamentos. (Gur & Alayoğlu, 2016).

O tempo que as organizações se relacionam pode ser um fator que pode favorecer a confiança na colaboração. A colaboração como uma rede social, é construída sobre amizade, confiança e interação anterior. Os sinais positivos dados pelos parceiros podem dar continuidade a um acordo presente, bem como pode ser um passo para colaborações futuras. Depois de um fortalecimento de laços interorganizacionais por meio da confiança, os agentes envolvidos podem conectar-se a parceiros dos seus parceiros, uma vez que têm a aprovação de um elemento da confiança destes novos contactos (Gui et al., 2018). Assim, a confiança é um fator importante para manter e estabelecer novas ligações (Gulati, 1995).

Depois de aprofundadas as vantagens da confiança e a sua importância para as relações interpessoais, agora são apresentadas as consequências da falta dela. Assim, a falta de confiança dentro de um processo de colaboração poderá reduzir o desempenho do grupo de trabalho, poderá aumentar o tempo de trabalho do mesmo, bem como poderá afetar os gastos para as organizações envolvidas. Se os membros de uma rede não confiam uns nos outros, não serão totalmente produtivos a trabalhar juntos para um objetivo comum e os indivíduos preferirão os seus próprios objetivos em vez de trabalhar num regime de colaboração e de benefício comum. Um nível de confiança reduzido está associado a dúvidas sobre a partilha de informações, que pode afetar a comunicação e a troca de feedback sobre um determinado assunto (Humayun & Jhanjhi, 2019). Assim, quando parceiros da colaboração operam em configurações de rede com baixos níveis de confiança, a falha parece pode ser um cenário eminente (Newell & Swan, 2000).

O **compromisso** é umas dimensões fundamentais dentro do processo de colaboração (Ramadass et al., 2018), podendo este ser fundamental para a execução de acordos formais ou informais (Thomson & Perry, 2006).

O conceito de compromisso é baseado numa abordagem psicológica que considera o compromisso como um ativo, sendo este uma orientação positiva para um relacionamento colaborativo. O compromisso consiste em três componentes: uma conexão afetiva, uma vontade de se envolver e a intenção de fazer um esforço para manter o relacionamento (Gundlach, et al., 1995). Esta dimensão permite que os intervenientes mantenham um interesse contínuo na colaboração e que consequentemente possam dar o seu melhor em prol da parceria, fomentando a confiança entre os parceiros (Morgan & Hunt, 1994), movendo o relacionamento numa direção mais coordenada (Wu & Cavusgil, 2006).

O compromisso organizacional pode ajudar a construir uma relação mais forte com os parceiros neste processo de combinação de recursos conjuntos, em que pode beneficiar a colaboração coletivamente e individualmente.

Esta dimensão também pode assumir um papel importante na resolução de um problema de um contrato incompleto ou inexistente, podendo este ser um fator que previna o oportunismo (Srinivasan & Brush, 2006). Quando há a percepção que existem maiores riscos dentro da colaboração, em que possa surgir o tal oportunismo, os atores têm mais probabilidade de criar mecanismos que podem aumentar a confiabilidade para resolver estes problemas de ação coletiva (Feiock et al., 2010), como é o caso dos contratos formais, que são tidos como uma forma superior de compromisso do relacionamento (Woolthuis et al., 2005).

Os administradores de negócios, os governos e setores civis usam o compromisso para encorajar e formar relacionamentos (Googins & Rochlin, 2002), contudo é preciso que estes possuam habilidades visionárias para desenvolver um compromisso com a ação coletiva, uma vez que os parceiros precisarão de motivos para manterem um interesse contínuo nos objetivos pré-definidos (Crosby & Bryson, 2005).

Resumindo, o compromisso é um fator essencial em qualquer colaboração. Este dará uma maior motivação para os parceiros contribuírem de forma ativa, contínua e eficaz para o sucesso destas parcerias de benefício mútuo, transmitindo uma imagem positiva para os restantes elementos de que estão realmente empenhados e motivados em fazer a diferença.

Em relação à **comunicação**, esta revela-se um pilar basilar da colaboração, uma vez que este fator é aquele que permite que os parceiros se entendam e que continuamente transmitam informações entre si. A comunicação interorganizacional pode englobar as estruturas, formas e processos criados pela troca de conhecimento e a criação de

significados entre as organizações e os seus parceiros (Shumate et al., 2016). Esta transmissão de informações é vista como um antecedente necessário para construir laços interorganizacionais, como fomentar a troca de recursos, estabelecer relações de poder, bem como permitir a ligação entre vários agentes, o que pode facilitar a extensão da rede de parceiros das organizações inseridas neste tipo de processos colaborativos (Kenis & Knoke, 2002). Para além destes, a comunicação também fomenta o compromisso e a confiança entre parceiros, sendo este elemento um fator de vitalidade para colaboração e um fator chave de sucesso para a mesma (Mohr & Spekman, 1994).

Para que a comunicação possa ser relevante nos processos colaborativos, esta deve ser honesta, consistente, construtiva, sustentada e eficiente (Alves et al.,2020). Para além disto, também a franqueza e a crítica construtiva revelam-se como fatores positivos dentro da comunicação praticada dentro do círculo dos parceiros (Austin, 2000).

A alta eficácia comunicativa entre parceiros pode reduzir ambiguidades, incertezas e assimetria de informação, melhorando assim a coordenação de esforços, a troca de conhecimento, a cocriação e implementação de metas e estratégias de parceria. Desta forma, a comunicação permite a combinação sinérgica de recursos, capacidades e processos que contribuem para o alcance de parcerias colaborativas eficazes (Atouba e Shumate, 2019).

A comunicação, na maneira formal ou informal, pode melhorar o entendimento entre os parceiros e aprimorar o contrato e a sua relação ao longo do tempo, trazendo várias vantagens (Hu et al.,2020):

- Partilha de informações
- Evita o comportamento oportunista dos parceiros
- Reduz o custo de transação do projeto

- Entende as capacidades e vantagens de cada um
- Fortalece a confiança
- Permite que as partes expressem as suas necessidades
- Ajuda a reduzir os conflitos e divergências
- Potencia o aumento da performance
- Permite a configuração e planeamento de metas

Uma comunicação frágil pode ser uma das principais causas do insucesso de várias parcerias colaborativas (Simo & Bies, 2007), assim, é um fator que permite aos líderes e aos agentes presentes em colaborações, promoverem uma comunicação que alinhe e coordene as ações dos membros, construa compreensão e confiança mútuas, estimule a resolução criativa de problemas e incentive o compromisso (Crosby & Bryson, 2005).

A **interdependência** na colaboração refere-se à ocorrência de uma dependência de interações entre agentes em que cada um é dependente do outro para cumprir os seus objetivos e tarefas. As características de interdependência incluem uma relação formal e informal ao longo do tempo, uma boa comunicação oral e escrita entre os parceiros, o respeito pelas opiniões dos mesmos, bem como a criação de aspectos positivos que beneficiem ambas as partes (Bousquet, 2008).

Posto isto, esta dimensão da colaboração é o resultado da integração relacional entre vários parceiros por meio da troca de informações, alinhamento de metas e de incentivos (Fayezi et al., 2012), da alocação de recursos, da definição de funções e entreajuda, o que exige que vários indivíduos trabalhem juntos para alcançar o sucesso (Caruso & Woolley, 2008). Este processo é mutuamente negociado e revela-se uma forma aceite de interação entre as partes com o reconhecimento da perspetiva, interesse, contribuição e identidade de cada um (Bouwen & Taillieu, 2004).

A interdependência entre organizações varia conforme a importância que uma organização tem para com a(s) outra(s). Assim sendo, a alta interdependência ocorre quando os recursos de ambos os parceiros são essenciais para atingir os objetivos da parceria. A elevada interdependência entre organizações faz com que estas estejam mais predispostas a renegociar alguns aspectos que podem entrar em desacordo ou que não sejam tão compatíveis, porque a importância que o parceiro representa na sua atividade e vice-versa, faz com que as lógicas incompatíveis entre ambas sejam mitigadas pelo grau de interdependência de recursos entre as organizações (Ashraf et al., 2017). Deste modo, quanto maior a interdependência e a percepção da necessidade de colaboração entre os parceiros, maior a disposição para partilhar recursos humanos, financeiros e de infraestrutura. (Marlier et al., 2015). Uma relação de baixa interdependência refere-se a uma situação em que os recursos dos parceiros são desejados, mas não são cruciais para o sucesso da parceria, ou são facilmente substituíveis (Ramadass et al., 2018).

Conforme as organizações se tornam mais interdependentes, a necessidade de maior eficácia na obtenção de metas é necessária para que as organizações sobrevivam e atinjam os seus objetivos.

A **assimetria de poder** é descrita em múltiplas dimensões, incluindo autoridade, recursos e legitimidade discursiva, sendo que esta pode estar presente na colaboração com os participantes, o design do processo e o conteúdo dos processos de decisão (Purdy & Jones, 2012).

O poder dentro da colaboração poderá existir de forma assimétrica entre os parceiros, pelas diferenças naturais que possam existir, podendo estas residir no nível de especialização, tamanho ou dependência (Belaya et al., 2009). Com estas condições, os intervenientes através da moderação do processo de colaboração poderão tomar decisões

que sejam cómodas para todos os participantes, de forma a reduzirem conflitos e que o desequilíbrio de poder não se torne num obstáculo. Posto isto, uma maior atenção ao poder pode ajudar a planear e implementar processos mais representativos, inclusivos e imparciais, levando assim a um maior empoderamento num sistema democrático (Purdy & Jones, 2012).

Nas colaborações, as organizações mais poderosas poderão assumir o comando das decisões tomadas quando não se consiga chegar a uma decisão que seja consensual. Desta forma, as instituições com mais poder podem coagir os seus parceiros para esta ou aquela decisão, seguindo a sua idealização daquilo que será melhor para o propósito a que se comprometeram, uma vez que o seu estatuto e experiência poderão ser importantes para obter melhores resultados (Nyaga et al., 2013; Phillips et al., 2002).

Relativamente à **experiência**, será analisado de que forma experiências anteriores das organizações em processos colaborativos influenciaram o seu desempenho nas parcerias com terceiros.

Com a experiência, os intervenientes assimilam novas dinâmicas e conhecimentos, podendo aplicar essas mesmas aprendizagens no futuro. No caso das colaborações entre setores, a experiência anterior permite aos líderes das organizações entenderem melhor como um certo setor funciona, podendo prever alguns riscos que possam estar associados à mesma (Bauer et al., 2020).

À medida que as colaborações entre setores acontecem, as interações repetidas fornecem amplas oportunidades para os parceiros desenvolverem respeito, confiança, compromisso e melhorar a coordenação, o que melhora as capacidades das organizações de aprenderem a gerar resultados (Shumate et al., 2018). Esta experiência poderá, também, permitir avaliar os parceiros e as suas capacidades de relacionamento avaliar a confiabilidade, o

potencial, os riscos relacionais, a compreensão das capacidades bem como boa vontade e confiança dos parceiros. Para além disto, pode facilitar o conhecimento dos processos de negociação e aprovação dos mesmos bem como ter melhores aptidões para avaliar a incerteza e o potencial de mudança transformadora das parcerias colaborativas. (Murphy et al., 2014), (p. 146).

No entanto, nos processos colaborativos podem surgir vários obstáculos. Com a diversidade de organizações, agentes, normas e perspetivas, podem surgir partes interessadas indefinidas, políticas, responsabilidades e questões jurídicas pouco claras, exigindo *know-how* proveniente da experiência real, para que as partes envolvidas saibam como lidar com a diversidade e conduzir este processo num caminho correto e de forma que todos concordem e que tenham confiança e compromisso naquilo que fique definido. (Pilemalm, 2016). Assim, a experiência anterior nas colaborações revela-se um fator importante na medida em que um agente que tenha experiência anterior terá conhecimentos adicionais sobre as formas de atuação e perceberá melhor as dinâmicas da colaboração (Loosemore et al., 2020).

A experiência anterior de trabalho em colaboração ou com uma questão específica provavelmente será útil como fonte de capacidade e competência. Dependendo da colaboração, as competências técnicas e conhecimentos adicionais poderão ser essenciais para a resolução de problemas específicos (Bryson et al., 2015). Os processos colaborativos entre setores requerem que os intervenientes percebam a existência de normas, práticas e ambientes diferentes dos seus. Assim, a experiência em colaborar com parceiros que atuam no mesmo setor ou em algum semelhante parece ser curto para perceber a tipologia das colaborações entre setores. Posto isto, os agentes terão de perceber as dinâmicas deste processo, para que possam dar respostas positivas neste tipo de iniciativas (Daymond & Rooney, 2016).

Para além disto, os anos de experiência poderão ser um aspecto importante na reputação das organizações e poderá ser um fator que chame à atenção de potenciais parceiros. Assim, as organizações que tenham membros com experiência neste tipo de colaboração podem usar este fator como algo positivo na construção de novas parcerias com novos parceiros (Seitanidi et al., 2010; Stadtler & Lin, 2016).

Posto isto, fica explícito que as experiências anteriores dos agentes envolvidos em processos colaborativos intersetoriais facilitam o desenvolvimento das capacidades para fazer face a problemas complexos, e que a falta dela pode representar um grande obstáculo ao sucesso da colaboração (Cairns e Harris, 2011).

### 3. Voluntariado

Existe uma estreita relação entre o voluntariado e a colaboração com a sociedade civil, através das organizações socioeconómicas, pois estas entidades representam uma nova forma colaborativa, renovando o envolvimento e a posição da sociedade civil no bem-estar da sociedade (Boje, 2015).

O voluntariado é visto como uma função de cidadania (Strandh, 2019), sendo marcado por uma escolha livre e atividades de ajuda deliberadas, em que há um comprometimento sem expectativa de recompensa ou outra compensação, que é realizado em nome de causas ou indivíduos que necessitam assistência (Kragt & Holtrop, 2019). O voluntariado é frequentemente descrito de forma simplificada como uma ação privada moralmente motivada e individual de ação voluntária que visa ajudar outros indivíduos (Evers & von Essen, 2019).

Segundo o quadro legal português na lei 71/ 98 de 3 de novembro o voluntariado é definido como “um conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.”.

O voluntariado é dividido em quatro componentes, sendo elas o livre arbítrio, a ausência de recompensa em moeda tangível, uma atividade realizada por meio de organizações formais e é realizado com o propósito de ajudar os outros (Haski-Leventhal et al., 2019).

Noutra perspetiva, o voluntariado é visto como um benefício para a sociedade, sendo que os voluntários recebem uma recompensa não financeira (Faiz, 2020), portanto pode ser benéfico para o bem-estar dos indivíduos (Yamashita et al., 2017), ou seja, é visto como uma forma de alcançar um melhor bem-estar psicológico, bem como um meio de

enriquecimento pessoal através de um maior capital social e humano (Kragt & Holtrop, 2019).

Angermann & Sittermann (2010) referem que o voluntariado é uma atividade:

- Desenvolvida fora da família, num contexto organizado ou informal;
- Não remunerada, ainda que possa haver reembolsos de despesas associadas à atividade voluntária; fora das diretivas do pessoal remunerado e sem sanções por quebra de contratos ou obrigações acordadas;
- Baseada em valores como a construção da paz, solidariedade, direitos humanos, desenvolvimento sustentável, democracia e prestação de contas;
- Aberta a todos e inclusiva

Dentro do voluntariado, existem vários tipos de voluntariado. Dentro deste, pode haver voluntariado com distintas tipologias, podendo ser de cariz religioso, desportivo, político, social ou ambiental (Inglehart, 2003). Neste estudo, o principal foco será o voluntariado na área ambiental, uma vez que é uma das diretrizes destes CTI.

O **voluntariado ambiental** envolve as pessoas num nível ambiental, social e pessoal, ao mesmo tempo que fornece uma valiosa contribuição para a conservação da natureza (Sloane & Pröbstl-Haider, 2019), sendo que as relações colaborativas são, também, um modo de combater certos problemas ambientais complexos (Koehler & Koontz, 2008). As organizações empenham-se, de forma crescente, em participar em iniciativas de cariz ambiental, muitas vezes colaborando com instituições ligadas à área do ambiente, de forma a poderem obter um real impacto na comunidade e, ao mesmo tempo, poderem trabalhar o reconhecimento da sua postura socialmente responsável perante a sociedade (Brzustewicz et al., 2021). Desta forma, o tema do ambiente, da gestão ambiental e da

ecologia cívica apontam para uma nova forma de ambientalismo, baseado no envolvimento cívico, que incluem iniciativas colaborativas e baseadas no cidadão e na gestão ambiental (Schild, 2018).

Desta forma, este tipo de voluntariado pode ser descrito como a prática que envolve uma ampla gama de atividades de conservação ambiental, incluindo gestão de habitat e restauração ecológica (Seymour et al., 2018), sendo que as funções desempenhadas pelos voluntários ambientais poderão passar por variadas atividades como manutenção, remoção de espécies invasoras, mapeamento e localização de colónias de pragas, construção de sinalização e de cercas, assim como a orientação de projetos de sustentabilidade (Randle & Dolnicar, 2015). Desta forma, este tipo de atividades podem dar aos participantes formação e informações sobre questões ambientais, bem-estar e desenvolvimento de habilidades (Molsher & Townsend, 2016).

O voluntariado ambiental tem sido reconhecido como um recurso importante na resolução de problemas ambientais locais, mas com importância global. O voluntariado ambiental tende a ser visto como uma forma de envolvimento cívico global ou um movimento social para o qual os membros demonstram responsabilidade, consciência e envolvimento, sendo este tipo de voluntariado um fator essencial para iniciativas de restauração ecológica (Woosnam, 2019). Este tipo de voluntariado pode, ainda, assumir várias formas, não se restringindo apenas a participações em iniciativas de conservação e proteção da natureza (Measham & Barnett, 2008):

**Ativismo-** Participar em campanhas de sensibilização, sendo esta atividade de forte base política, representando comportamentos ativos em relação ao ambiente.

**Educação-** Partilhar informações sobre espécies particulares ou ambientes, aumentando a conscientização de questões ambientais.

**Monitorização-** Monitorizar espécies vegetais, animais e comunidades.

**Restauração-** Reabilitar e restaurar projetos ecológicos em habitats degradados, instalação de infraestrutura para reduzir os impactos dos visitantes.

**Vida sustentável-** Implementar sustentabilidade no dia a dia por meio de projetos de design, e distribuição de tecnologias para reduzir consumo de recursos e promover a reutilização e reciclagem.

### **3.1 Motivações para o Voluntariado**

Clary et al. (1998) examinam as motivações dos voluntários do ponto de vista da psicologia, considerando seis funções que podem ser desempenhadas pelo voluntariado. Especificamente, os autores afirmam que o trabalho voluntário pode fornecer aos indivíduos oportunidades para:

- Expressar os seus próprios valores, altruísmo e humanismo;
- Função social, oportunidade de estar com amigos ou fazer novos amigos;
- Função de carreira, relacionada com a carreira profissional que pode ser obtida através do trabalho voluntário;
- Função de proteção relacionada com a resolução de problemas pessoais e que pode servir para reduzir a culpa por ser mais afortunado que outros;
- Função de reforço de forma a crescer e desenvolver-se psicologicamente

No que diz respeito ao voluntariado no âmbito ambiental, existem várias motivações que movem os voluntários para este tipo de iniciativas, como apresentado na tabela 3.

Tabela 3: Motivações dos voluntários ambientais

Motivações	Descrição	Autor
Ajudar o ambiente/Comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preocupação com o meio ambiente                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteger áreas naturais</li> </ul> </li> <li>• Fazer algo por uma causa que é importante para mim                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ver melhorias no meio ambiente</li> </ul> </li> <li>• Garantir o futuro de áreas naturais para meu usufruto                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ajudar a restaurar áreas naturais</li> <li>• Ajudar a preservar áreas naturais para as gerações futuras</li> </ul> </li> </ul>	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)
Carreira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colaborar com uma instituição que eu gostaria de trabalhar</li> <li>• Fazer contactos que possam ajudar na carreira                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar as opções de carreira possíveis</li> </ul> </li> <li>• Ganhar experiência para colocar no currículo</li> <li>• Ajudar-me a ter sucesso na profissão escolhida</li> </ul>	Bruyere e Rappe (2007)
Socialização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer pessoas novas</li> <li>• Trabalhar com amigos</li> <li>• Ver rostos familiares                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Divertir-se</li> </ul> </li> </ul>	Bruyere e Rappe (2007)
Benefícios Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite-me trabalhar numa área onde visito</li> <li>• Enriquecer as minhas futuras experiências de recreação</li> <li>• Aprimorar as atividades que gosto de fazer</li> </ul>	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)
Aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender sobre animais específicos</li> <li>• Aprender sobre plantas específicas</li> <li>• Aprender sobre o meio ambiente                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observar a natureza</li> </ul> </li> </ul>	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)
Compromisso com a organização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhar com um bom líder</li> <li>• Mostrar as minhas competências para a organização</li> <li>• Fazer parte de um projeto bem organizado</li> </ul>	Bruyere e Rappe (2007)
Valores e autoestima	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentir-me melhor comigo mesmo</li> <li>• Expressar os meus valores através do meu trabalho                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentir-me necessário</li> </ul> </li> <li>• Viver próximo aos meus valores</li> </ul>	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)
Apego ao lugar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteger uma área onde há um apego emocional ao local</li> </ul>	Measham & Barnett (2008)

Fonte: Elaboração Própria

#### 4. Literacia ambiental:

De forma a perceber melhor o conceito de literacia ambiental, foram recolhidas várias perspetivas deste conceito de modo a ser possível identificar aquilo que é o impacto destas nos conhecimentos e atitudes praticadas pelos intervenientes que participaram nesta iniciativa. Assim, a literacia ambiental envolve aquilo que são os níveis de conhecimento de um indivíduo bem como o seu envolvimento dentro das questões e conceitos ambientais, sendo estes elementos determinantes cruciais da sua vontade de participar em atividades relacionadas com o meio ambiente e de se envolver em atividades em prol da sustentabilidade do meio ambiente e das gerações futuras (Owusu et al., 2017).

Na tabela 4 encontram-se sintetizadas várias perspetivas deste conceito por vários autores, de forma a podermos ter uma visão mais abrangente sobre o conceito em questão.

Tabela 4: Conceito de literacia ambiental

Conceito de Literacia Ambiental	Autor
A literacia ambiental é caracterizada por um sistema de valores, o qual considera fundamental a existência compatível do equilíbrio entre qualidade de vida e qualidade do meio ambiente	Carta de Belgrado (1995)
A literacia ambiental é a capacidade das pessoas compreenderem o meio ambiente e as suas interações.	Hares et al. (2006)
A literacia ambiental envolve a capacidade de um indivíduo identificar, analisar, investigar, avaliar e resolver questões ambientais e ter um comportamento ambientalmente responsável estando este associado a práticas de gestão ecológica, persuasão, ação política e ação legal.	Hollweg et al. (2011)
A literacia ambiental consiste não apenas em conhecimento sobre o meio ambiente e as suas questões, mas também inclui componentes na vertente das atitudes, da sensibilidade ambiental e motivação para agir em prol do ambiente.	Ramdas & Mohamed (2014)

Fonte: Elaboração Própria

Com base no questionário desenvolvido por Liang et al. (2018), foram formuladas várias perguntas, que analisam as dimensões comportamental e afetiva, de forma a podermos avaliar o impacto desta iniciativa nas atitudes e na sensibilidade dos voluntários nas questões relacionadas com a proteção do meio ambiente.

Depois de apresentado o conceito de literacia ambiental, iremos relacioná-lo com o voluntariado ambiental. Nestas iniciativas, os voluntários ambientais são movidos por várias razões (tabela 3) e neste tipo de iniciativas estes podem adquirir aquilo que chamamos a literacia ambiental.

Neste momento, na tabela 5, irá ser feita a relação entre estas duas temáticas de modo a percebermos de que forma estes conceitos se relacionam.

Tabela 5: Relação entre as motivações dos voluntários e a literacia ambiental

Motivações do voluntariado	Autor	Literacia ambiental	Autor
Aprendizagens	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)	Conhecimento sobre o ambiente e as suas interações	Hares et al. (2006)
		Capacidade de um indivíduo identificar, analisar, investigar, avaliar e resolver questões ambientais	Hollweg et al. (2011)
Ajudar o ambiente/comunidade	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)	Adotar uma postura ambientalmente responsável	Hollweg et al. (2011)
		Atitudes que efetivamente contribuem para o bem-estar do meio ambiente	Ramdas & Mohamed (2014)
Valores e autoestima	Measham & Barnett (2008), Bruyere e Rappe (2007)	A literacia ambiental envolve um sistema de valores, no qual age-se de forma consistente de maneira compatível com o equilíbrio entre qualidade de vida e qualidade do meio ambiente	Carta de Belgrado (1975)

Fonte: Elaboração Própria

## 5. Metodologia de Investigação

A metodologia aplicada neste trabalho será o estudo de caso. Esta metodologia refere-se a uma “pesquisa aprofundada de várias perspetivas da complexidade e singularidade de

um projeto, política, instituição, programa ou sistema específico num contexto da “vida real”.” (Thomas, 2011, p.512). A abordagem qualitativa, permite que os investigadores trabalhem em estreita colaboração com os participantes dentro de uma organização e recolher informações relativas aos seus pensamentos pessoais e experiências dando assim uma compreensão mais rica e aprofundada sobre a investigação (Levy, 2006). Para Almeida et al. (2017), a análise qualitativa aplicada em estudos de caso pode ser uma forma de recolher informações mais detalhadas sobre indivíduos, pode oferecer uma boa oportunidade de inovação e mudar as premissas do quadro teórico recolhido, bem como pode ser uma boa alternativa ou complemento para os grupos onde o estudo é centrado.

Na primeira análise, foram feitas entrevistas online semiestruturadas, sendo esta técnica bastante comum dentro dos métodos qualitativos. Assim, esta forma representa uma recolha de informações com um ou mais indivíduos através de uma conversa entre investigador e entrevistados. Assim, foram colocadas uma série de perguntas abertas, focadas nas dimensões da colaboração, de modo a ser possível recolher elementos mais subjetivos dos entrevistados como experiências, opiniões, práticas, posicionamentos e discursos (Braun et al.,2020).

Em relação à metodologia quantitativa esta tem como objetivo obter dados precisos e medidas confiáveis que permitam uma análise estatística mais precisa. Assim, o objetivo desta metodologia é produzir informações detalhadas e ilustrativas, a fim de compreender as várias dimensões do estudo em análise (Queiroz et al., 2017). Neste caso, esta metodologia será aplicada aos dados fornecidos pelos voluntários que participaram nestes Campos de Trabalho Internacional (CTI) desde a edição de 2017 até à de 2020, com o intuito de identificar as suas motivações para participarem neste tipo de iniciativas e analisar o impacto destes campos na literacia ambiental dos voluntários.

Relativamente à análise quantitativa, esta será feita com recurso à ferramenta SPSS, em que faremos uma análise descritiva dos dados, uma análise fatorial às variáveis motivação e literacia ambiental, bem como irá ser feita uma análise de clusters de forma a podermos ver de que forma os indivíduos se agrupam.

A análise fatorial examina as correlações que existem entre um certo número de itens (respostas do questionário) e, ao fazer isso, reduz os itens em grupos mais reduzidos, conhecidos como fatores. Esses fatores contêm variáveis correlacionadas e são normalmente bastante semelhantes em termos de conteúdo ou significado (Hooper, D., 2012).

Em relação à análise de clusters, esta é uma análise exploratória multivariada que agrupa indivíduos ou variáveis em grupos homogêneos conforme características comuns que estes elementos possam ter (Marôco, 2010).

Relativamente à análise qualitativa, esta será feita através de uma análise documental, bem como através de entrevistas direcionadas aos responsáveis das instituições que organizam estes Campos de Trabalho Internacional (CTI), a iniciativa em análise neste trabalho.

Assim, será realizada uma análise de um estudo de caso aplicado a um CTI, realizado desde 2017 consecutivamente até 2020, num município situado no Norte de Portugal. Nestes CTI, temos sempre presente Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ) como entidade reguladora. Nas duas primeiras edições, a Organização 3, uma associação sem fins lucrativos (OSFL) em que a sua missão é a proteção do ambiente e a educação ambiental, geria esta iniciativa definindo o plano de trabalho, selecionando monitores e gerindo todos os aspetos práticos do CTI. A partir de 2019, os CTI passaram a ser geridos não só pela Organização 3, mas também pela Organização 2, também ela

uma organização sem fins lucrativos (OSFL) de cariz ambiental, cujo objetivo é a proteção em termos ambientais de rios à escala local. Para além destes, também a Organização 1, um órgão público da administração local, dá apoio a esta iniciativa desde o início da sua criação, em que suporta toda a logística como autorizações, material, estadia, refeições e transporte.

A principal motivação para realizar este tipo de iniciativas e acolher jovens voluntários, prende-se com a intenção de envolver estes mesmos jovens nas matérias ambientais e promover a cidadania ativa. Depois, temos os objetivos pedagógicos e de mostra da cultura nacional, valores naturais e patrimoniais. Por fim, os objetivos específicos variam com a temática eleita em cada ano e podem incluir a recuperação de áreas verdes, a limpeza e requalificação de rios, o controlo de espécies invasoras, entre outras problemáticas, sempre com o objetivo de transmitir conhecimento sobre o ambiente e promover a literacia ambiental nos voluntários. O grupo de voluntários contempla também alguns jovens locais que, ao partilharem esta experiência, tornam-se mais capacitados e dispostos a continuar as aprendizagens conseguidas.

Para complementar este estudo, será incorporada uma análise quantitativa sob a forma de questionários. Estes serão direcionados aos voluntários nacionais e internacionais que participaram nesta iniciativa ao longo destas quatro edições, de forma a perceber as suas motivações, assim como o antes e o após em termos de literacia ambiental dos voluntários que participaram na iniciativa em estudo.

Para além da técnica de recolha de dados, é importante definir o seu público-alvo, uma vez que os resultados dependem criticamente da devida seleção dos entrevistados e dos inquiridos. Assim sendo, as entrevistas terão como público-alvo os responsáveis das organizações que gerem e organizam esta iniciativa, dentro das quais a organização 1,2 e

3. Em relação aos questionários, estes serão dirigidos aos participantes desta iniciativa, particularmente entre as edições de 2017 e 2020.

## 5.1 Objetivos do estudo

Os objetivos deste estudo passam por (i) compreender como os agentes da colaboração colaboram, (ii) identificar as dimensões mais importantes que influenciam a relação entre os intervenientes, (iii) identificar as motivações dos voluntários e (iv) compreender a literacia ambiental dos intervenientes (participação pré e pós).

Assim, é crucial definir as questões de investigação e referir o que estas pretendem responder. Posto isto, as principais questões de investigação são:

- *Como é que os agentes envolvidos na organização dos CTI colaboram?*

Objetivo: Perceber as dinâmicas colaborativas dentro do grupo de trabalho, avaliando cada uma das dimensões identificadas na literatura e avaliar a importância de cada uma para os agentes envolvidos.

- *Quais as motivações para os voluntários participarem neste tipo de iniciativas?*

Objetivo: Perceber o que impulsiona os voluntários para participarem em iniciativas de voluntariado em geral e especificamente neste tipo de atividades de cariz ambiental.

- *Qual o impacto em termos de literacia ambiental nos voluntários e nos líderes das organizações que organizaram estes CTI?*

Objetivo: Compreender de que forma esta iniciativa foi relevante na aquisição de competências por parte dos voluntários e dos líderes das organizações, bem como avaliar o pré e pós CTI em termos de literacia ambiental nestes.

Tabela 6: Questões de Investigação do estudo

Dimensão	Questões de Investigação	Instrumentos	Destinatário(s)
Colaboração	Como é que os agentes envolvidos na organização dos CTI colaboram?	Entrevistas	Organização 1 Organização 2 Organização 3
Voluntariado	Quais as motivações para os voluntários participarem neste tipo de iniciativas?	Questionário	Todos os voluntários que participaram nesta iniciativa desde a primeira edição em 2017 até à de 2020.
Literacia ambiental	Qual o impacto em termos de literacia ambiental nos voluntários e nos membros das organizações que organizam estes CTI?	Questionário	

Fonte: Elaboração Própria

## 5.2 Dimensões em análise e questionário

Na tabela 7, estão apresentadas questões associadas às dimensões da colaboração identificadas na literatura de forma a analisar cada uma na perspectiva das organizações envolvidas nestes Campos de Trabalho Internacional. Estas serão dirigidas às instituições que organizam esta atividade.

Tabela 7: Questões por dimensão

Dimensões da colaboração	Questão	Suporte Bibliográfico
Laços sociais e interação	Durante as edições destes CTI, foram criados laços sociais pessoais e/ou organizacionais? Se sim, de que forma estes afetaram a colaboração no âmbito desta iniciativa?	Ekanayake et al. (2017)
	Antes da colaboração nesta iniciativa, já tinha colaborado com algum dos parceiros desta iniciativa? Se sim em que contornos?	Buvik & Rolfsen (2015)
Confiança	A organização que representa pode contar com as organizações parceiras para cumprir com as suas obrigações?	Chen (2010)
	Sente que no grupo de trabalho existe uma relação marcada por uma confiança mútua? Se sim, de que forma acha que foi um fator positivo na realização desta iniciativa?	Pesämaa et al. (2013)
	Quais os fatores de confiança dados por cada um dos seus parceiros para colaborar com esses nesta iniciativa?	
Compromisso	Sente que os seus parceiros estiveram completamente comprometidos em todas as edições da iniciativa?	Chen (2010)
	Estaria disposto a colaborar de novo na realização de uma nova edição dos CTI com os parceiros que trabalhou até então nos CTI? Se sim, sente que da outra parte há um sentimento semelhante?	
	Quais as competências distintas da sua organização que mais contribuem para a realização desta iniciativa? E como?	Austin & Seitanidi (2012)

<b>Interdependência:</b>	A organização que representa alcança mais facilmente os seus próprios objetivos ao trabalhar com as organizações parceiras ou de forma individual? Se sim, quais as funções desempenhadas pelos seus parceiros que não poderia fazer e que foram importantes para esta iniciativa?	Chen (2010) Huybrechts & Nicholls (2013)
	De que forma cada um dos seus parceiros trouxe elementos diferenciadores para a colaboração que foram importantes para realização desta iniciativa?	
<b>Comunicação</b>	Como considera a dinâmica de comunicação dentro do grupo de trabalho? Considera pertinentes os conhecimentos recebidos pelos parceiros?	Bond-Barnard et al. (2018).
	Que desafios e problemas específicos de comunicação são enfrentados em parcerias colaborativas com OSFL? Como são tratados e comunicados?	Snyder & Omoto (2008)
<b>Assimetria de Poder</b>	Houve algum tipo de conflito de ideias na realização desta iniciativa? Se sim, como é que os conflitos entre parceiros foram evitados ou geridos?	Gazley (2017)
	Considera que certas condições como as assimetrias de poder e as lógicas institucionais distintas afetaram a relação de colaboração?	Nicholls & Huybrechts (2016)
<b>Experiência</b>	Houve algum parceiro que se diferenciava pela sua experiência em assuntos como a criação de alianças com outros agentes ou ao nível de conhecimento mais técnico /especializado?	Vandaie & Zaheer (2015)
	Como essas competências gerais/específicas da organização contribuíram para um melhor funcionamento da parceria?	Austin & Seitanidi (2012)
<b>Obstáculos</b>	Com base na sua experiência, houve obstáculos ao trabalhar juntamente com outras instituições além das fronteiras organizacionais/setoriais?	Getha-Taylor (2012)
<b>Competências Especiais</b>	São necessárias habilidades especiais para colaborar entre setores?	
<b>Literacia Ambiental</b>	Esta iniciativa trouxe para os membros da organização um aumento de conhecimento mais específico em questões relacionadas com o ambiente?	

Fonte: Elaboração Própria

Neste conjunto de perguntas, o objetivo é perceber quais as motivações para a participação em iniciativas de voluntariado, e mais especificamente no voluntariado de cariz ambiental, bem como perceber o antes e o após participação nos CTI nos voluntários e de que forma esta iniciativa foi

benéfica, ou não, para a literacia ambiental destes mesmos voluntários. Para este efeito, foram formuladas algumas questões (Tabela 8), de forma a poder aplicar o questionário aos voluntários que participaram nas edições dos CTI, desde a edição de 2017 até à de 2020.

Tabela 8: Questões destinadas aos voluntários

Dimensões	Dimensão	Premissa	Questões	Autores
<b>Motivações para o voluntariado ambiental</b>	Ajudar o ambiente	As minhas motivações para fazer voluntariado ambiental são...	1. Ajudar a proteger o meio ambiente.	Bruyere e Rappe (2007)
	Carreira		2. Melhorar o meu currículo e beneficiar a minha carreira.	
	Benefícios pessoais		3. Praticar atividades que eu gosto de fazer e enriquecer a minha experiência neste tipo de atividades.	
	Aprendizagem		4. Absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral.	
	Social		5. Interação social com outras pessoas.	
	Organização do projeto		6. Trabalhar com bons líderes e sentir-me envolvido no projeto.	
	Valores e autoestima		7. Cultivar os meus valores e aumentar a minha autoestima.	
			8. Tomei a iniciativa de adotar na minha vida diária as ideias aprendidas sobre as questões ambientais.	
			9. Reflito melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do mesmo em termos sociais e ambientais.	
			10. Senti que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente.	
			11. Fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e a destruição do habitat.	
			12. Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental.	
			13. Sinto que é da minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim.	
			14. Fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente.	

<b>Literacia Ambiental</b>	Afetiva	Depois de participar nos CTI...	15. Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais.	Liang et al. (2018)
			16. Fiquei mais capacitado para comunicar informações ambientais relevantes a terceiros.	
			17. Tentei influenciar os meus familiares e amigos a realizarem ações ambientais.	
			18. Tentei usar os canais apropriados para ajudar a chamar à atenção para incidentes de poluição ambiental.	
			19. Estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as alterações climáticas.	
			20. Sou mais capaz de identificar problemas ambientais e encontrar soluções para eles.	
			21. Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação natural, monitorização e manutenção).	
			22. Fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais.	
			23. Fiquei mais motivado a frequentar atividades escolares e/ou extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas).	
			24. Fiquei mais motivado para participar em comícios, manifestações ou atividades de petição relacionadas com políticas ambientais.	
			25. Percebi que tenho um papel importante ao participar em atividades que ajudem a o meio ambiente.	
			26. Fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais.	
			27. Fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade de recursos naturais da terra.	
	28. Fiquei mais ciente que a prática de um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais.			

	Comportamental		29. Fiquei mais ciente que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los.	
			30. Percebi que o meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente.	
			31. Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas.	
			32. Fiquei mais ciente que é possível restaurar a aparência original da natureza se esta for danificada.	
			33. Posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos.	
			34. Percebi que é da minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma melhor consciência sobre a proteção ambiental.	
			35. Aumentei o meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente), para melhorar a minha compreensão do mundo natural.	
			36. Percebi que enquanto estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais.	
			37. Fiquei mais disposto a aconselhar as outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.).	
			38. Percebi que mesmo ao viajar por outra terra devo adotar práticas amigas do ambiente de modo a não interferir com o meio ambiente local nem com os moradores.	

Fonte: Elaboração Própria

## **6. Apresentação e Discussão de Resultados**

Nesta secção será realizada uma análise dos resultados obtidos, por via da análise das entrevistas efetuadas, neste caso, aos representantes da Organização 1, 2, 3.

Estas entrevistas tiveram como finalidade perceber de que forma as instituições envolvidas nesta parceria colaborativa se relacionam.

### **6.1 Entrevistas**

Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas via Zoom (resultado das medidas sanitárias impostas devido à Covid-19), com a duração máxima de quarenta e cinco minutos. Os entrevistados foram inicialmente contactados via email e contacto telefónico e foi por esta via que se procedeu a todo o processo de agendamento das entrevistas.

Após a realização das mesmas, estas foram transcritas na totalidade, o que se revelou ser fundamental para a sua análise e comparação. Em relação aos entrevistados, não foi identificada a sua identidade.

Considerando as entrevistas feitas às organizações, será apresentada uma análise a cada uma das dimensões da colaboração e a perspetiva de cada uma em relação a estas.

Começando pelos “Laços e interação social”, todas as instituições afirmaram que se fortaleceram laços, quer organizacionais, quer pessoais.

Durante estas quatro edições, a interação social entre as instituições, quer nas atividades do CTI, quer no próprio processo de negociação e preparação destas atividades, levou a que se criassem ligações, que acabaram por se fortalecer e perdurar ao longo do tempo.

Assim, verificou-se que “geraram-se relações de proximidade” (Organização 1), em que” foram criados laços pessoais e organizacionais (...) e uma relação de grande afinidade entre todas as instituições” (Organização 3). Foi também apontado que apesar de “já

existirem laços entre as instituições, estes CTI vieram reforçá-los” (Organização 2), apontando assim para um fortalecimento dos laços estabelecidos entre as organizações e entre os membros que as constituem, mostrando assim uma tendência de continuidade deste laço e conseqüentemente para a criação de projetos conjuntos no futuro.

Como foi encontrado na literatura, os laços fortes evoluem gradualmente e resultam de uma perspectiva de longo prazo, que por sua vez ajudam os parceiros a desenvolverem projetos conjuntos (McDermott e Corredoira, 2009). Desta forma, vemos também que os laços podem persistir no tempo quando as pessoas se conhecem e refletem sobre a qualidade da sua relação e sobre as experiências partilhadas com os parceiros colaboradores, que, neste caso, podemos ver o fortalecimento de um laço já existente e que tem vindo a prolongar-se no tempo, quer através destes CTI, quer em outras atividades de cariz ambiental.

Em relação à dimensão da “Confiança”, os entrevistados reconheceram que “existe uma relação de grande confiança” (Organização 2; Organização 3) em que “existem vários fatores de confiança transmitidos” (Organização 1). Para além disto, estes também reconhecem que este fator é a chave para que corra tudo dentro do previsto e que estes CTI cumpram os seus objetivos, sendo referido que “uma confiança inabalável ou pelo menos uma muito boa relação de confiança, é essencial para se conseguir fazer um bom projeto” (Organização 3). Este último testemunho vai ao encontro da visão de Wong et al. (2008), em que estes apontam a confiança fator chave que contribui de forma preponderante para o sucesso de qualquer projeto.

Esta confiança passa por ter uma segurança extra em aspectos como a logística do projeto, questões de financiamento e mesmo saber que em caso de algum imprevisto todos os seus parceiros estão dispostos a ajudar, “por envolver aspectos de elevada importância e

responsabilidade como transação de dinheiro e faturação, existe uma relação de confiança para que tudo corra bem e da forma mais transparente possível” (Organização 1).

Em relação ao “Compromisso”, os entrevistados reconhecem que existe um grande compromisso e têm a sensação de que os seus parceiros também estão muito comprometidos com o projeto, sendo reconhecido que “existe mesmo um real compromisso e um interesse em colaborar da melhor forma possível.” (Organização 1).

Dada a existência do projeto ao longo destes anos, vemos uma “tendência de continuidade clara” (Organização 1) e compromisso em dar seguimento a estes CTI e retirar dele os frutos esperados. Quando questionados sobre o compromisso em continuar a colaborar com os atuais parceiros, a resposta foi positiva por parte de todas as organizações envolvidas, sendo que as mesmas esperam nos próximos anos dar continuidade a este projeto (Organização 2; Organização 3). Assim, a existência de um histórico de compromisso numa relação entre parceiros permite manter o interesse, dar continuidade à relação existente e dar o seu melhor em prol da relação (Morgan & Hunt, 1994), algo que assistimos nesta parceria em concreto, visto que, todos os entrevistados se mostraram comprometidos e com abertura para prolongarem a realização desta iniciativa no futuro.

Em relação à “Comunicação”, os entrevistados consideram que a mesma é muito aberta e simples e que é um meio para resolver qualquer problema que surja no momento.

Desta forma, neste processo foi apontado que “não (existiram quaisquer dificuldades em comunicar), porque existe uma relação de proximidade entre os intervenientes, sendo que” a comunicação é muito simples e muito prática, em que esta assume diversas formas, quer seja presencial ou não” (Organização 1). Em relação à Organização 2, o seu representante referiu que a comunicação entre o grupo” não é nada complicada, muito transparente e muito fácil”.

No que diz respeito à Organização 3, foi referido que existem sempre pequenos problemas de comunicação quer internos, quer externos, mas que através do diálogo e da centralização da comunicação consegue-se chegar a um bom entendimento e fazer com que todas as partes se entendam.

Visto que nesta parceria se trata de uma junção de dois setores distintos, neste caso o setor público e o terceiro setor, quando questionados com a possibilidade desta diferenciação trazer alguma barreira para a comunicação, todos os entrevistados referiram que este motivo em particular não foi relevante na comunicação que foi estabelecida.

Assim, vemos que no geral a comunicação é boa e em caso de qualquer atrito, esta assume um papel fundamental na sincronização de ideias para que o grupo de trabalho esteja em sintonia. Assim, como referiram Atouba e Shumate (2019), a alta eficácia comunicativa entre parceiros permite uma melhor coordenação de esforços bem como melhorar a definição de metas e estratégias conjuntas. Para além disto, uma boa comunicação pode ser uma via para criar uma relação de maior confiança e compromisso dentro do grupo de trabalho, que se pode revelar um fator de vitalidade para a colaboração e um fator chave de sucesso para a mesma (Mohr & Spekman, 1994).

Em relação à “Interdependência” esta é bem vincada neste grupo de trabalho. Cada organização tem um papel fundamental naquilo que é a organização desta atividade. Desta forma, esta conclusão vai ao encontro da perspectiva de Ashraf et al. (2017), em que estes defendem que existe uma interdependência quando os recursos de cada parceiro são essenciais para se atingirem os objetivos da parceria.

Por um lado, a Organização 3 destaca-se claramente pelo seu conhecimento técnico em termos ambientais e pelos seus recursos humanos tendo “os meios e os biólogos que são fundamentais para estes CTI” (Organização 2). A Organização 1 destaca-se pelo “apoio

técnico, mas também no apoio logístico, fornecendo certos elementos como alimentação, transporte, alojamento ou ferramentas, assim como no apoio em aspectos relacionados com documentação necessária à realização desta iniciativa. “(Organização 3).

A Organização 2 assume um papel importante no que toca a candidaturas a financiamento junto do Instituto Português do Desporto e Juventude, bem como “é importante na parte da mobilização cívica” (Organização 1) e “na promoção de momentos mais lúdicos e culturais” (Organização 3).

Assim, cada uma delas são apontadas como fulcrais para a organização deste projeto, ou seja, há uma grande interdependência entre as instituições, uma vez que cada elemento tem um contributo importante para a colaboração como um todo.

No que diz respeito à “Experiência” no âmbito da colaboração, existem dois elementos que se destacam, neste caso a organização 3 e a organização 1.

A Organização 3 tem uma vasta experiência, com elementos com bastante formação na área do ambiente e na organização deste tipo de atividades. É reconhecido pelos seus parceiros como sendo a organização que é “claramente o elemento mais experiente nestas questões e com mais experiência técnica e em termos de gestão de iniciativas ligadas ao voluntariado (...) tendo uma equipa técnica especializada que já está habituada a tratar da organização de atividades e da respetiva documentação e suporte às equipas de campo (Organização 1), dando assim “um apoio fulcral aos parceiros” (Organização 2).

Visto que estas duas últimas instituições já possuem uma vasta experiência na organização destas iniciativas, esta mesma experiência permite-lhes conhecer melhor as dinâmicas da colaboração e os processos necessários para darem continuidade à colaboração (Loosemore et al., 2020), sendo que estas competências técnicas e conhecimentos adicionais poderão ser essenciais para a resolução de problemas

específicos (Bryson et al., 2015). Como referiu o representante da Organização 1” existem barreiras burocráticas” sendo que esta experiência se torna importante dado que os responsáveis terão de perceber as dinâmicas deste processo, para que possam dar respostas positivas neste tipo de iniciativas (Daymond & Rooney, 2016).

A Organização 2, atua aqui como uma entidade mais secundária assumindo uma posição como organizadores/ colaboradores, “estando a competência máxima na organização 3 e 1” (Organização 2).

Com este tipo de relação com as restantes, esta associação conseguiu ter contacto com a experiência técnica e de gestão de atividades, sendo que é referido pela Organização 1 que os elementos da Organização 2 “ganharam claramente competências connosco, sendo que já replicam atividades autonomamente com aquilo que aprenderam connosco”. Assim, esta perspectiva vai ao encontro da visão de Bauer et al. (2020), que referem que, com a experiência, os intervenientes assimilam novas dinâmicas e conhecimentos, podendo aplicar essas mesmas aprendizagens no futuro.

Em relação à “Assimetria de poder”, o fator experiência faz com que a organização 1 e 2 tenham uma posição de destaque dentro do grupo de trabalho, visto que possuem conhecimento e elementos que fazem com que isto aconteça. Esta realidade vai ao encontro da visão de Belaya et al. (2009) pois referem que o poder dentro da colaboração poderá existir de forma assimétrica entre os parceiros, pelas diferenças naturais que possam existir, podendo estas residir no nível de especialização.

Apesar de existirem estas diferenças, não se verificou uma centralização do poder por parte de qualquer instituição, visto que, como referido por Organização 3, em caso de qualquer discordância era feito um diálogo entre as partes sendo encontrada “uma solução a meio” (Organização 3), de modo que todos pudessem estar satisfeitos com as decisões

tomadas. Desta forma, segundo Purdy & Jones (2012), os parceiros da relação colaborativa ao darem maior atenção ao poder podem ajudar a planejar e implementar processos mais representativos, inclusivos e imparciais, levando assim a um maior empoderamento num sistema democrático (Purdy & Jones, 2012).

Quando questionados com a existência de algum conflito, os entrevistados referiram não ter havido algum conflito de maior, sendo já a comunicação e a relação de proximidade e confiança entre instituições decisiva no processo de negociação, e o diálogo um elemento importante em situações em que algum tópico pudesse não ser tão unânime para o grupo. Desta forma, aqui é ultrapassado umas das grandes dificuldades em manter uma relação colaborativa duradoura apontada anteriormente por Kumar & Goswami (2019) que é a dificuldade dos parceiros na resolução de conflitos.

Em relação aos obstáculos em colaborar com outras instituições de setores diferentes, os inquiridos não apontaram nenhum obstáculo motivado especialmente por este facto.

Em relação às habilidades especiais para colaborar entre setores, estes responderam que não houve nenhuma particularidade especial em colaborar com agentes de outros setores.

Por fim, quando questionados em relação ao aumento da literacia ambiental das equipas internas, a organização 1 e 3 responderam “*não*” referindo que têm equipas com elementos especializados na área do ambiente e que têm mais a missão de transmitir o seu conhecimento do que propriamente aprender. Em relação à organização 2, estes reconhecem que, pela sua menor experiência neste âmbito, aprenderam muito naquilo que ao ambiente diz respeito, ou seja, em termos de literacia ambiental foi bastante benéfico para a equipa desta organização.

## 6.2 Dados Quantitativos

### 6.2.1. Análise Fatorial e estudo de correlações

Estes questionários foram respondidos por voluntários de 13 países diferentes, sendo que os mesmos tinham idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos de idade. Na tabela 9 e 10 estão representadas tabelas que ilustram de forma mais detalhada estes dados demográficos.

Tabela 9: Caracterização por idades

Idades	Nº de Voluntários	Percentagem total
20	2	5%
21	8	20%
22	3	7,5%
23	4	10%
24	2	5%
25	6	15%
26	5	12,5%
27	5	12,5%
28	1	2,5%
29	4	10%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 10: Caracterização por País

País de origem	Nº de voluntários	Percentagem total
Portugal	13	32,5%
Alemanha	7	17,5%
Espanha	4	10%
Polónia	4	10%
Bélgica	3	7,5%
Rússia	2	5%
Estónia	1	2,5%
Itália	1	2,5%
Suíça	1	2,5%
México	1	2,5%
República Checa	1	2,5%
França	1	2,5%
Turquia	1	2,5%

Fonte: Elaboração Própria

Depois de analisados os 40 questionários, preenchidos por participantes destes campos de trabalho internacional entre a edição de 2017 e a edição de 2020, procedeu-se à respetiva análise, com o auxílio da ferramenta estatística SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 25, de forma a podermos tratar os dados e obter outputs que nos permitam fazer uma análise exploratória dos dados.

Esta análise exploratória permitir-nos-á analisar os resultados obtidos, neste caso, no âmbito das motivações dos voluntários e em relação ao impacto destes CTI na literacia ambiental dos voluntários.

Tabela 11: Estatística descritiva dos dados dos questionários

	Questões	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Motivações	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente.	1	2	1,77	0,423
	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para melhorar o meu currículo e beneficiar a minha carreira.	-2	2	0,05	1,280
	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que eu gosto de fazer e enriquecer a minha experiência neste tipo de atividades.	-2	2	1,65	0,802
	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral.	-1	2	1,40	0,841
	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas.	-2	2	1,40	0,810
	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com bons líderes e sentir-me envolvido no projeto.	-1	2	1,28	0,847
Literacia Ambiental	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar os meus valores e aumentar a minha autoestima.	-2	2	1,07	1,095
	Depois de participar no CTI, tomei a iniciativa de adotar na minha vida diária as ideias aprendidas sobre as questões ambientais.	-2	2	1,08	1,047
	Depois de participar no CTI, reflito melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do mesmo em termos sociais e ambientais.	-1	2	1,13	0,883
	Depois de participar no CTI, senti que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente.	-1	2	1,52	0,751
	Depois de participar no CTI, sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental.	-2	2	1,38	0,897
	Depois de participar no CTI, sinto que é da minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim.	-1	2	1,45	0,749
	Depois de participar no CTI, fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente.	0	2	1,37	0,705
	Depois de participar no CTI, consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais.	-1	2	1,30	0,791
	Depois de participar no CTI, fiquei mais capacitado para comunicar informações ambientais relevantes a terceiros.	-1	2	1,22	0,891
	Depois de participar no CTI, tentei influenciar os meus familiares e amigos a realizarem ações ambientais.	-1	2	1,22	0,974
	Depois de participar no CTI, tentei usar os canais apropriados para ajudar a chamar à atenção para incidentes de poluição ambiental.	-2	2	0,70	1,137
	Depois de participar no CTI, estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as alterações climáticas.	-1	2	1,05	1,061
	Depois de participar no CTI, sou mais capaz de identificar problemas ambientais e encontrar soluções para eles.	-2	2	0,95	0,959
	Depois de participar no CTI, fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação natural, monitorização e manutenção).	0	2	1,53	0,640
	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais.	-1	2	1,25	0,870
	Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado a frequentar atividades escolares e/ou extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas).	0	2	1,30	0,823
	Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado para participar em comícios, manifestações ou atividades de petição relacionadas com políticas ambientais.	-2	2	0,80	1,203
	Depois de participar no CTI, percebi que tenho um papel importante ao participar em atividades que ajudem a o meio ambiente.	-2	2	1,18	0,874
	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais.	-1	2	1,35	0,770
	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade de recursos naturais da terra.	0	2	1,53	0,679
	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que a prática de um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais.	-1	2	1,18	0,844
	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los.	-1	2	1,38	0,807
Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e a destruição do habitat.	0	2	1,55	0,597	
Depois de participar no CTI, percebi que o meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente.	-1	2	1,28	0,877	
Depois de participar no CTI, preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas.	0	2	1,50	0,679	

	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que é possível restaurar a aparência original da natureza se esta for danificada.	-1	2	1,40	0,841
	Depois de participar no CTI, posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos.	-1	2	1,13	0,883
	Depois de participar no CTI, percebi que é da minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma melhor consciência sobre a proteção ambiental.	-2	2	0,98	1,165
	Depois de participar no CTI, aumentei o meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente), para melhorar a minha compreensão do mundo natural.	-1	2	1,52	0,716
	Depois de participar no CTI, percebi que enquanto estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais.	-2	2	1,23	0,974
	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a aconselhar as outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.).	0	2	1,28	0,751
	Depois de participar no CTI, percebi que mesmo ao viajar para outra terra devo adotar práticas amigas do ambiente de modo a não interferir com o meio ambiente local nem com os moradores.	0	2	1,53	0,599

Fonte: Elaboração Própria

A escala das motivações varia entre -2 e 2, sendo que as principais motivações que, em média, mais movem estes voluntários são “ajudar o ambiente” (1.77) e “para praticar atividades que gostam de fazer e enriquecer a sua experiência neste tipo de atividades” (1.65). Para além destas, também se destacou o “absorver de novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral.” assim como “para ter interação social com outras pessoas”, ambos com uma média de 1.40.

No ponto oposto, a motivação em relação à participação por motivos de CV (Curriculum Vitae) revela-se a motivação que menos move os voluntários, neste caso, com uma média relativamente abaixo das restantes, fixando-se em apenas 0.05.

Em relação aos aspectos da literacia ambiental, também com uma escala entre -2 e 2, os aspectos que os voluntários consideraram que foram mais preponderantes no aumento da sua literacia ambiental, fruto da sua participação nestes CTI foram as questões 13, 19, 31, ou seja, os voluntários aumentaram o seu “interesse em participar em eventos ambientais” (1.53), ficaram mais “conscientes sobre a extrema dependência da vida humana e animal dos recursos naturais da terra” (1,55) e ficaram com a “ideia de que quer onde passem, devem sempre ter práticas amigas do ambiente sem interferir no ambiente e população local” (1.55).

Em relação à normalidade dos dados, se a amostra em estudo tem mais do que 30 casos a distribuição das médias pode ser aproximada satisfatoriamente por uma distribuição normal (Derriennic & Lin, 2003).

Posto isto, com o objetivo de agrupar as variáveis em estudo, foi realizada uma análise fatorial, em que as variáveis são as perguntas da secção da literacia ambiental direcionadas aos voluntários que participaram nos CTI, estando as mesmas questões representadas na Tabela 8.

Neste sentido, após uma análise à Tabela 16 (Anexo), e considerando um nível de significância igual a 0,01 ( $\alpha = 0,01$ ) e depois de analisar o output apresentado no Quadro 1 (Anexo), podemos concluir que o teste de KMO é inaceitável, uma vez que a média do mesmo não ultrapassa os 0,5.

Esta análise deve ser complementada com a matriz de correlações anti imagem e analisando a Tabela 26 (Anexo) verifica-se que existem várias que não atingem o limiar de 0,5, sendo necessário proceder à eliminação de uma variável. Neste caso, foi escolhida a variável 16 que apresenta a menor média (0,251).

Está representado no Quadro 2 o output com as novas alterações, depois de retirada a variável supramencionada.

Quadro 2: Teste KMO com as variáveis filtradas segundo a correlação anti imagem

<b>Teste de KMO e Bartlett</b>		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		0,514
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1206,214
	Gl	435
	Sig.	0,000

Fonte: Elaboração Própria

O valor do teste de KMO é superior a 0,5 o que significa que já atinge um nível “aceitável”.

Em relação ao teste de esfericidade de Bartlett, temos uma significância de 0,00, ou seja, inferior a 0,05, o que nos leva a rejeitar a hipótese nula “a matriz de correlação é igual à matriz identidade”, sendo o total da variância explicada a apresentada na tabela 12.

Tabela 12: Variância total explicada

Component	Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %
1	13,342	44,473	44,473
2	2,903	9,676	54,149
3	2,450	8,167	62,316
4	1,891	6,302	68,618
5	1,493	4,976	73,594

Fonte: Elaboração Própria

Desta forma, vemos que foram extraídos 5 fatores (valores próprios superiores a 1) que explicam 73,59% da variância total.

Nesta análise teremos de ter em conta que será desejável obter comunalidades superiores a 0,5. Neste caso, todas as variáveis presentes no quadro 3 (Anexo) superam esse valor, significando assim que as variâncias totais das variáveis são explicadas por fatores comuns.

Por último, quando analisada a matriz de componentes principais encontram-se omissos valores inferiores a 0,50, sendo extraídos 5 fatores tal como se verifica na Rotated Component Matrix (Tabela 13).

Tabela 13: Matriz de componente rotativa

Variável	Componente				
	1	2	3	4	5
17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	0,855				
3. (...) sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	0,839				
4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	0,822				
1. (...) Tomei a iniciativa de adotar no dia a dia as ideias aprendidas sobre as questões ambientais. [.]	0,751				
18. (...) fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	0,709				
2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	0,651				
9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos para ações ambientais. [.]	0,613				
10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	0,512				
23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]		0,796			
20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar comportamentos ambientalmente saudáveis pode resolver muitos problemas ambientais. [.]		0,781			
29. (...) percebi que enquanto eu estiver com vontade de tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]		0,748			
24. (...) Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]		0,718			
21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e temo que protegê-los. [.]		0,704			
30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e esgoto, etc.). [.]		0,678			
5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais por mim causados. [.]		0,667			
6. (...) Eu fico mais preocupado quando vejo alguma ação que possa afetar o meio ambiente. [.]		0,584			
27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]		0,583			
8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]			0,786		
26. (...) Posso discutir a questão ambiental com outros jovens para esclarecer causa e efeitos. [.]			0,780		

7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre as questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]			0,743		
28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]			0,701		
31. (...) percebi que mesmo viajando para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]			0,509		
15. (...) Fiquei mais motivado a frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas às atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]				0,768	
22. (...) Fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e destruição de habitat. [.]				0,737	
19. (...) Fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]				0,544	
25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]				0,541	
11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre as mudanças climáticas. [.]					0,695
12. (...) Consigo identificar melhor os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]					0,660
14. (...) fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]					0,627
13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]					0,594
Nº de itens	8	9	5	4	4
Alpha de Crombach	0,934	0,888	0,646	0,765	0,849
Consistência	Muito Boa	Boa	Fraca	Razoável	Boa

Fonte: Elaboração Própria

Podemos observar que foram extraídos 5 fatores (Tabela 13) e na tabela 14 foram agrupadas as variáveis por fator, sendo cada fator categorizado conforme as características das variáveis e estudo.

Para além disto, foi calculado o Alfa de Crombach às variáveis de cada fator para podermos saber a confiabilidade de cada um. Segundo a escala apresentada por Pestana et al. (2008), a consistência do fator 1 é muito boa visto que está entre 0,9 e 1. O segundo fator tem uma consistência boa (entre 0,8 e 0,9), fator 3 apresenta uma consistência fraca (entre 0,6-0,7), enquanto o fator 4 apresenta uma consistência razoável (entre 0,7 e 0,89. Finalmente, o fator 5 apresenta uma consistência boa por apresentar um resultado entre 0,8 e 0,9).<sup>1</sup>

Tabela 14: Perguntas alocadas por fator

Fatores	Perguntas	Grupo
	1. (...) Tomei a iniciativa de adotar no dia a dia as ideias aprendidas sobre as questões ambientais. [.] 2. (...) eu reflito melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.] 3. (...) sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	

<sup>1</sup> Escala do alfa de Cronbach segundo Pestana (2008)- Superior a 0,9 – consistência muito boa| Entre 0,8 e 0,9 – boa | Entre 0,7 e 0,8 – razoável |Entre 0,6 e 0,7 – fraca| Inferior a 0,6 – inadmissível.

1	<p>4. (...) sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]</p> <p>9. (...) tenho procurado influenciar minha família e amigos para ações ambientais. [.]</p> <p>10. (...) tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]</p> <p>17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]</p> <p>18. (...) fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]</p>	Mudança comportamental
2	<p>5. (...) sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais por mim causados. [.]</p> <p>6. (...) fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente. [.]</p> <p>20. (...) fiquei mais ciente de que praticar comportamentos ambientalmente saudáveis pode resolver muitos problemas ambientais. [.]</p> <p>21. (...) fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e temos que protegê-los. [.]</p> <p>23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]</p> <p>24. (...) Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]</p> <p>27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]</p> <p>29. (...) percebi que enquanto eu estiver com vontade de tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]</p> <p>30. (...) fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, jogar lixo e esgoto, etc.). [.]</p>	Conscientização ambiental
3	<p>7. (...) consigo integrar diferentes pontos de vista sobre a questão ambiental e formar opiniões pessoais. [.]</p> <p>8. (...) Estou mais apto a comunicar informações ambientais relevantes para outras pessoas. [.]</p> <p>26. (...) posso discutir a questão ambiental com outros jovens para esclarecer causa e efeitos. [.]</p> <p>28. (...) Aumentei o meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]</p> <p>31. (...) percebi que mesmo viajando para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]</p>	Aprendizagem e comunicação
4	<p>15. (...) Fiquei mais motivado para frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas às atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]</p> <p>19. (...) tomei consciência de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]</p> <p>22. (...) Tornei-me mais consciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e destruição de habitat. [.]</p> <p>25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]</p>	Sensibilidade ambiental
5	<p>11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre mudanças climáticas. [.]</p> <p>12. (...) tenho mais condições de identificar os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]</p> <p>13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]</p> <p>14. (...) fiquei mais disposto a colaborar com as organizações ambientais. [.]</p>	Motivação para agir

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 15: Média dos fatores

Fator	Categorização	Média
1	Mudança comportamental	1,195
2	Conscientização ambiental	1,294
3	Aprendizagem e comunicação	1,34
4	Sensibilidade ambiental	1,445

5	Motivação para agir	1,195
---	---------------------	-------

Fonte: Elaboração Própria

Na tabela 15 estão representadas as médias das respectivas variáveis que constituem cada fator.

Neste caso, temos uma média mais alta nas variáveis do fator 4 correspondendo à sensibilidade ambiental. Assim, podemos perceber que nestes CTI os voluntários reconheceram que ganharam sensibilidade ambiental, sendo este tópico apontado como um elemento fulcral naquilo que é a essência da literacia ambiental (Ramdas & Mohamed, 2014).

Com a segunda média mais alta surge o fator 3, com uma média de 1,34. Desta forma, podemos ver que o fator 3 representa a aprendizagem e a comunicação, significando assim que foi absorvido conhecimento por parte dos voluntários, que lhes deu a capacidade e a vontade de aplicarem e partilharem o seu conhecimento com os outros de forma a poderem influenciar os outros naquilo que ao ambiente e às boas práticas ambientais dizem respeito. Assim, vemos que dentro da literacia ambiental uma postura de persuasão é importante da definição de um indivíduo ambientalmente literado (Hollweg et al., 2011).

A seguir surge o fator 2, que se refere à consciencialização ambiental com uma média de 1,295. Surgindo como a terceira pontuação mais alta, este fator indica-nos que foi passada uma mensagem importante sobre o estado atual do ambiente e de que forma as ações humanas se podem tornar nocivas para o mesmo.

Em relação ao fator 1 e 5, apresentam uma média igual, fixada em 1,195, portanto as mais baixas.

Em relação ao fator 1, que se refere à mudança comportamental, os voluntários acabaram por atribuir menos pontuação à sua mudança comportamental, ou seja, não houve um

impacto grande em termos de mudança de postura daquela que habitualmente os voluntários tinham antes de frequentar estes CTI. Aqui, vemos que um dos aspectos fundamentais da literacia são as ações dos indivíduos que impactam nas condições do meio ambiente, em que apenas o conhecimento não é suficiente para descrever a literacia ambiental, mas sim o complemento deste com a vertente das ações (Ramdas & Mohamed, 2014). Neste caso, vemos uma sobreposição do conhecimento adquirido em relação à implementação efetiva deste conhecimento nas ações diárias.

Por último, temos o fator 5, que não teve uma pontuação de destaque que desse a entender que depois destes CTI houvesse uma maior predisposição a ter uma maior vontade de procurar ajudar o ambiente e a participar ativamente em atividades que promovam este tipo de atividades. Assim, este resultado acaba por contrastar com a ideia de que uma pessoa ambientalmente literada mostra interesse em participar em atividades relacionadas com o meio ambiente e zelar pela sustentabilidade do meio ambiente (Owusu et al., 2017). Em geral, foi reconhecido que estes CTI desempenharam um papel importante na literacia ambiental dos voluntários, visto que, numa escala de avaliação que varia entre -2 e 2, obtivemos valores acima de 1 na média de todos os fatores.

Neste caso, houve um maior destaque ao conhecimento e à consciencialização sobre o ambiente, contudo, nos fatores com menos pontuação, podemos observar que o impacto em termos de efetivamente haver uma adoção de medidas no dia a dia dos voluntários foi menor.

Fazendo agora uma análise às correlações presentes na tabela 31 (Anexo), assumimos a escala apresentada por Marôco (2011):

- i. Fracas quando o valor absoluto de  $r$ ,  $r = \rho < 0,25$
- ii. São moderadas para  $0,25 \leq \rho < 0,5$
- iii. São fortes para  $0,5 \leq \rho < 0,75$

iv. São muito fortes se  $\rho \geq 0,75$

Em relação às motivações dos voluntários ambientais, foram registadas algumas correlações fortes, contudo não alcançaram um valor muito forte, ou seja, superior a 0,75. Assim, as correlações que atingiram um valor mais alto dentro das motivações foram a motivação 4 (Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral) com a variável 17 da literacia ambiental (Percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente) com uma correlação de 0,705. Desta forma, podemos ver que há aqui uma relação entre a aprendizagem sobre os elementos que constituem o meio ambiente e a perceção da importância que estas iniciativas têm naquilo que ao ambiente diz respeito.

Para além destes, também esta mesma motivação 4 obteve uma correlação forte com a variável 18 (0,729): Fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. Assim, vemos que o interesse em aprender mais sobre o ambiente levou a que estes indivíduos estivessem mais conscientes e dispostos a cuidar do meio ambiente. Por fim, existe uma forte correlação de 62,9% entre a variável 1 (Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente) com a variável 4 das motivações dos voluntários (Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral). Posto isto, podemos concluir que o interesse em proteger o meio ambiente está associado a uma vontade de aprender mais sobre este tema e aprofundar o conhecimento mais específico acerca do mesmo.

Em relação aos aspectos da literacia ambiental, tivemos várias correlações muito fortes ( $>0,75$ ), sendo as mais fortes as correlações entre a variável 4 (Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental) e 3 (Sinto que tenho a responsabilidade de

melhorar o meio ambiente) com uma correlação de 80,5%. Neste caso, vemos que temos duas variáveis relacionadas com a qualidade do meio ambiente em que vemos por um lado uma postura de responsabilidade no que diz respeito ao evitar de acontecimentos que possam prejudicar o meio ambiente e por outro um sentimento de responsabilidade individual em zelar pela qualidade do meio ambiente.

A segunda é entre a 3 (Sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente) e 17 (Percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente.) com uma correlação de 83,4%. Aqui, vemos a relação entre uma preocupação de ajudar na proteção do meio ambiente aliada à percepção que a cidadania ativa em prol deste fim é importante e que a ajuda dos intervenientes é fundamental.

Por fim, vemos uma correlação muito forte (79%) entre a variável 4 (Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental) e a 17 (Percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente). Fazendo a ligação entre as duas, vemos que o sentimento de que as ações pessoais podem interferir no ambiente, aliado a um outro sentimento de importância de cada indivíduo dentro de iniciativas ligadas ao ambiente criam um sentimento de importância pessoal naquilo que à melhoria do ambiente diz respeito.

Abordando agora a variável “Idade”, vemos que obtivemos 4 variáveis altamente significativas estando duas delas dentro da dimensão das motivações para o voluntariado ambiental, sendo elas a variável 1 “Ajudar a proteger o meio ambiente” (85%) e 6 “Trabalhar com bons líderes e sentir-me envolvido no projeto.” (81%). As duas restantes encontram-se na dimensão das motivações para o voluntariado ambiental, sendo elas a variável 17 “Fiquei mais motivado para participar em comícios, manifestações ou atividades de petição relacionadas com políticas ambientais” (92%) e a 21” Fiquei mais ciente que a prática de um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos

problemas ambientais” (81%). Tendo estas variáveis uma correlação de Pearson alta e positiva, podemos concluir que, quanto maior a idade dos voluntários ambientais que participaram neste questionário, maior será a motivação para ajudar o meio ambiente, para trabalhar com bons líderes e participar em manifestações públicas em prol do ambiente, bem como há um aumento da consciência que as práticas diárias positivas em prol do ambiente de cada um pode resolver muitos problemas ambientais.

### 6.2.2 Análise de Clusters

O objetivo desta análise é perceber em quantos clusters podemos dividir o grupo e como se caracteriza cada um dos grupos em termos de região, motivações e de literacia.

Na tabela 16, os países foram devidamente agrupados por região a que pertencem, sendo-lhes atribuído um código, para que em análises futuras seja mais fácil a sua interpretação.

Na tabela 17 está apresentada a devida análise descritiva destes dados, já analisadas por regiões conforme definido anteriormente na tabela 16.

Tabela 16: Agrupamento dos países e codificação das regiões

País	Região	Código da Região
Portugal	Europa do Sul	1
Espanha		
Itália		
Bélgica	Europa Ocidental e Central	2
França		
Alemanha		
República Checa		
Suíça		
Polónia	Europa Oriental ou de Leste	3
Estónia		
Rússia		
Turquia		
México	Fora da Europa	4

Fonte: Elaboração Própria

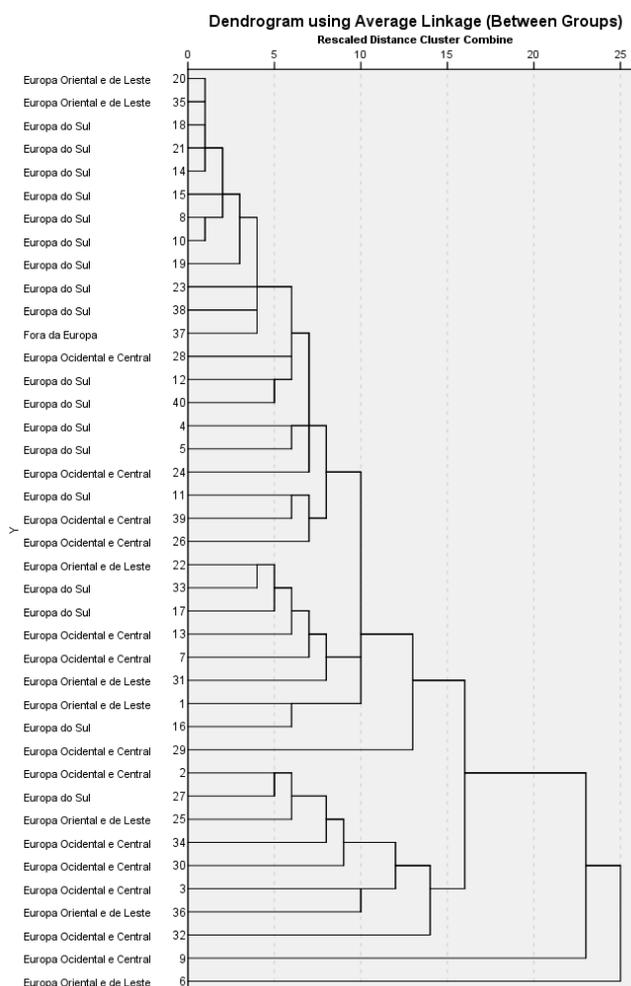
Tabela 17: Voluntários por região

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Europa do Sul	18	45,0	45,0	45,0
	Europa Ocidental e Central	13	32,5	32,5	77,5
	Europa Oriental e de Leste	8	20,0	20,0	97,5
	Fora da Europa	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Fonte: Elaboração Própria

Nesta fase, importa-nos definir em quantos grupos os voluntários são divididos, sendo que através do dendrograma apresentado no gráfico 1, verificamos que foram criados dois clusters. Segundo Marôco (2011), podemos determinar os valores pela análise do dendrograma dado pelo SPSS, sendo que esta ferramenta não nos permite definir concretamente quantos agrupamentos foram feitos, sendo que a forma mais viável é haver uma análise visual e subjetiva por parte do investigador.

Gráfico 1: Dendrograma



Fonte: Elaboração Própria<sup>2</sup>

Esta análise hierárquica de clusters será complementada pela análise K-Means, visto que este método nos ajuda a definir o número ideal de clusters, em que o método não hierárquico irá dar-nos uma melhor classificação das observações aos clusters.

Tabela 18: Clusters segundo K-means

Number of Cases in each Cluster		
Cluster	1	31,000
	2	9,000
Valid		40,000

<sup>2</sup> A análise de clusters foi conduzida tendo em consideração todos os indivíduos, mas no dendrograma foi acrescentada a região à qual cada individuo pertence.

Missing	0,000
---------	-------

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 19: Centro dos Clusters

		Cluster	
		1	2
Motivações	Zscore: 1. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente. [.]	0,30320	-
	Zscore: 2. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para aprimorar meu currículo e beneficiar minha carreira. [.]	0,21295	-
	Zscore: 3. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que gosto de fazer e para enriquecer minha experiência neste tipo de atividades. [.]	0,03418	-
	Zscore: 4. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novos conhecimentos sobre a flora e a fauna, bem como o meio ambiente em geral. [.]	0,36812	-
	Zscore: 5. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas. [.]	0,10352	-
	Zscore: 6. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com bons líderes e me sentir envolvido no projeto. [.]	0,09427	-
	Zscore: 7. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar meus valores e aumentar minha autoestima. [.]	0,07879	-
Literacia Ambiental	Zscore: 1. (...) Tomei a iniciativa de adotar as ideias aprendidas sobre as questões ambientais no meu dia a dia. [.]	0,39041	-
	Zscore: 2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	0,33354	-
	Zscore 3. (...) Sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	0,37495	-
	Zscore: 4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	0,33717	-
	Zscore: 5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim. [.]	0,26044	-
	Zscore: 6. (...) Preocupo-me mais quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente. [.]	0,24600	-
	Zscore: 7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]	0,31403	-
	Zscore: 8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]	0,21808	-
	Zscore: 9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos a fazerem ações ambientais. [.]	0,39838	-
	Zscore: 10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	0,29228	-
	Zscore: 11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre mudanças climáticas. [.]	0,31773	-
	Zscore: 12. (...) Estou mais apto a identificar os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]	0,18660	-
	Zscore: 13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]	0,28855	-
	Zscore: 14. (...) Fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]	0,34308	-
	Zscore: 15. (...) Fiquei mais motivado para frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]	0,30190	-
	Zscore: 16. (...) Fiquei mais motivado a participar em comícios, manifestações ou petições relacionadas a políticas ambientais. [.]	0,13949	-
	Zscore: 17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	0,35350	-
	Zscore: 18. (...) Estou mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	0,34160	-
	Zscore: 19. (...) Tornei-me mais consciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]	0,27203	-
	Zscore: 20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais. [.]	0,25133	-
	Zscore: 21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los. [.]	0,29494	-
	Zscore: 22. (...) Tornei-me mais consciente das questões ambientais relacionadas com a poluição da água, segurança alimentar e destruição do habitat. [.]	0,26747	-

Zscore: 23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]	0,20145	- 0,69390
Zscore: 24. (...) Estou preocupado com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]	0,21367	- 0,73598
Zscore: 25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]	0,17639	- 0,60757
Zscore: 26. (...) Posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos. [.]	0,26043	- 0,89705
Zscore: 27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para ter uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]	0,24287	- 0,83657
Zscore: 28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]	0,25805	- 0,88884
Zscore: 29. (...) percebi que enquanto eu estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]	0,26587	- 0,91576
Zscore: 30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.). [.]	0,27826	- 0,95844
Zscore: 31. (...) percebi que mesmo quando viajo para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]	0,36240	- 1,24826

Fonte: Elaboração Própria

Na tabela 19, vemos que no cluster 1 as variáveis apresentam uma média positiva, enquanto o cluster dois têm média negativa. Assim, conforme este método, podemos ver que no cluster 1 estão inseridos os voluntários que tiveram a percepção que estes CTI foram mais impactantes na sua literacia ambiental e o cluster 2 representam aqueles que tiveram a sensação de que estes CTI não foram tão impactantes na sua literacia, ou seja um impacto menor naquilo que ao conhecimento em relação ao ambiente diz respeito bem como no impacto nas ações do dia a dia e da proatividade em proteger o ambiente (Owusu et al., 2017).

Segundo a tabela 32 (Anexo), no cluster 1, há uma grande predominância indivíduos do “Sul da Europa”, destacando-se com 17 voluntários dentro desta região. Em segundo lugar, surgem 8 voluntários da região Europa Ocidental e Central. Por fim, as regiões menos representadas neste cluster são a região “Europa Oriental e de Leste” com 5 voluntários, enquanto o único voluntário da região “Fora da Europa” aparece neste cluster que representa um maior impacto em termos de literacia ambiental. No cluster 2, identificado como aquele que representa os que adquiriram relativamente menos literacia ambiental, estão apenas presentes 9 dos 40 voluntários que responderam ao inquérito (Tabela 18). Neste, podemos ver na tabela que a região 2 “Europa Ocidental e Central”

foi a mais representada, seguindo-se a “Europa Oriental e de Leste” com 3 voluntários e o “Sul da Europa” com 2.

Com base na tabela 19, vemos que dentro do cluster 1, as variáveis que obtiveram mais importância para os voluntários na dimensão das motivações dos voluntários foi a variável 4 “Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novos conhecimentos sobre a flora e a fauna, bem como o meio ambiente em geral.” (0,36812), enquanto no cluster 2 a variável considerada mais preponderante foi a variável 3 “Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que gosto de fazer e para enriquecer minha experiência neste tipo de atividades.” (-0,11773).

Em relação às dimensões da literacia ambiental, as variáveis com maior importância no cluster 1 foram as variáveis 1” tomei a iniciativa de adotar as ideias aprendidas sobre as questões ambientais no meu dia a dia.” (0,39041), 3” sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente.” (0,37495) e 9” tenho procurado influenciar minha família e amigos a fazerem ações ambientais.” (0,39838).

No que diz respeito ao cluster 2, foram as variáveis 12” Estou mais apto a identificar os problemas ambientais e encontrar soluções para eles” (-0,64274), 16” fiquei mais motivado a participar em comícios, manifestações ou petições relacionadas a políticas ambientais.” (-0,48046), 25” Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada” (-0,60757).

Na tabela 31 (Anexo) vemos que as variáveis 3, 5, 6, 7 e 16 não permitem uma boa discriminação do cluster, enquanto as restantes 26 cumprem o requisito dos 5% de significância e, por isso foram excluídas desta análise. Nas variáveis correspondentes à literacia ambiental apenas a variável 25 não cumpriu este requisito, sendo, também, eliminada.

Assim estão representados na tabela abaixo as médias de cada cluster em cada uma das variáveis de modo a podermos fazer as distinções entre os dois grupos de voluntários.

Neste caso podemos ver que a média das variáveis no cluster 1 superiorizam-se sempre ao do cluster dois, em que podemos concluir que no primeiro cluster temos aqueles voluntários que tiveram a percepção que estes CTI foram mais importantes na sua literacia ambiental.

Tabela 20: Médias dos clusters

	Questões	Média Cluster 1	Média Cluster 2	Diferencial entre clusters
Motivações	1. Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente.	1,93	1,42	0,51
	2. Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para melhorar o meu currículo e beneficiar a minha carreira.	0,46	-0,92	1,38
	4. Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral.	1,71	0,67	1,04
Literacia Ambiental	1. Depois de participar no CTI, tomei a iniciativa de adotar na minha vida diária as ideias aprendidas sobre as questões ambientais.	1,54	0,00	1,54
	2. Depois de participar no CTI, reflito melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do mesmo em termos sociais e ambientais.	1,46	0,33	1,13
	3. Depois de participar no CTI, senti que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente.	1,79	0,92	0,87
	4. Depois de participar no CTI, sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental.	1,71	0,58	1,13
	5. Depois de participar no CTI, sinto que é da minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim.	1,71	0,83	0,88
	6. Depois de participar no CTI, fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente.	1,61	0,83	0,78
	7. Depois de participar no CTI, consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais.	1,61	0,58	1,03
	8. Depois de participar no CTI, fiquei mais capacitado para comunicar informações ambientais relevantes a terceiros.	1,46	0,67	0,79
	9. Depois de participar no CTI, tentei influenciar os meus familiares e amigos a realizarem ações ambientais.	1,61	0,33	1,28
	10. Depois de participar no CTI, tentei usar os canais apropriados para ajudar a chamar à atenção para incidentes de poluição ambiental.	1,18	-0,42	1,60
	11. Depois de participar no CTI, estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as alterações climáticas.	1,39	0,25	1,14
	12. Depois de participar no CTI, sou mais capaz de identificar problemas ambientais e encontrar soluções para eles.	1,21	0,33	0,88
	13. Depois de participar no CTI, fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação natural, monitorização e manutenção).	1,71	1,08	0,63
	14. Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais.	1,68	0,25	1,43
	15. Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado a frequentar atividades escolares e/ou extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas).	1,61	0,58	1,03

16. Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado para participar em comícios, manifestações ou atividades de petição relacionadas com políticas ambientais.	1,14	0,00	1,03
17. Depois de participar no CTI, percebi que tenho um papel importante ao participar em atividades que ajudem a o meio ambiente.	1,50	0,42	1,08
18. Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais.	1,68	0,58	1,10
19. Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade de recursos naturais da terra.	1,71	1,08	0,63
20. Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que a prática de um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais.	1,50	0,42	1,08
21. Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los.	1,68	0,67	1,01
22. Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e a destruição do habitat.	1,71	1,17	0,54
23. Depois de participar no CTI, percebi que o meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente.	1,50	0,75	0,75
24. Depois de participar no CTI, preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas.	1,71	1,00	0,71
26. Depois de participar no CTI, posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos.	1,43	0,42	1,01
27. Depois de participar no CTI, percebi que é da minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma melhor consciência sobre a proteção ambiental.	1,46	-0,17	1,63
28. Depois de participar no CTI, aumentei o meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente), para melhorar a minha compreensão do mundo natural.	1,75	1,00	0,75
29. Depois de participar no CTI, percebi que enquanto estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais.	1,61	0,33	1,28
30. Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a aconselhar as outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.).	1,61	0,50	1,11
31. Depois de participar no CTI, percebi que mesmo ao viajar para outra terra devo adotar práticas amigas do ambiente de modo a não interferir com o meio ambiente local nem com os moradores.	1,79	0,92	0,87

Fonte: Elaboração Própria

Nesta análise das médias, dentro das motivações podemos ver que na variável 1 vemos uma média muito alta no cluster 1 sendo que o cluster 2 também apresenta um valor bastante bom, indicando assim um interesse em ajudar o ambiente nos dois grupos.

Em relação à variável do CV, vemos que esta foi notada como uma motivação secundária, tendo obtido uma pontuação positiva baixa no cluster 1 e uma pontuação negativa no cluster 2.

No que diz respeito à dimensão da literacia ambiental, vemos que na variável 1 temos uma diferença notável entre o cluster 1 e o 2 sendo que o segundo apresenta uma pontuação de 0, mostrando assim que neste cluster a variável “tomei a iniciativa de adotar

na minha vida diária as ideias aprendidas sobre as questões ambientais.”, ou seja, em média, estes CTI não tiveram impacto neste aspecto da literacia ambiental dos mesmos. Em relação à variável 10, esta também representa um ponto que mais difere entre os grupos, neste caso no que diz respeito ao tentar “usar os canais apropriados para ajudar a chamar à atenção para incidentes de poluição ambiental.”, sendo que no cluster 1 obtivemos uma pontuação razoável e no cluster dois uma média negativa, indicando assim que neste segundo cluster, em média, os voluntários consideraram que estes CTI tiveram um impacto negativo neste tópico da literacia.

Em relação à variável 14, “fiquei mais disposto em colaborar com organizações ambientais”, notamos que nesta existiu um dos maiores diferenciais entre as médias dos dois clusters, tendo o cluster 1 uma pontuação bastante razoável (1,68) sendo que o cluster 2 apresentou um valor baixo, muito perto de 0 (0,25).

Por fim, em relação à variável que mais mostrou diferenças entre os grupos foi a variável 27 “Percebi que é da minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma melhor consciência sobre a proteção ambiental.”. Em relação ao cluster 1, este apresenta apenas uma pontuação razoável (1,46), contudo, a pontuação negativa (-0,17) atribuída pelos membros do segundo cluster acabaram por acentuar este diferencial entre os grupos. Assim, podemos notar que no primeiro cluster a pontuação relativa aos voluntários adotarem uma postura de sensibilização e persuasão em relação ao tema do ambiente não se destacou entre as demais variáveis, sendo que no cluster 2 registou-se uma média negativa, indicando assim que os voluntários, em média, não consideraram que estes CTI foi contributivo para este aspecto.

Em relação às variáveis onde os grupos mais se assemelharam foram as variáveis 13 “fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de

conservação natural, monitorização e manutenção)”, 19 “fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade de recursos naturais da terra.”, 22 ” fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e a destruição do habitat.” e por fim a 24 “preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas.”.

### 6.3 Análise Discriminante

A análise discriminante é utilizada para designar técnicas estatísticas que têm como objetivo o estudo das diferenças entre grupos bem definidos à partida com base num conjunto relevante de características dos seus elementos (Marôco, 2010). Neste caso, será feita a análise discriminante dos dois grupos identificados nos dois passos anteriores.

Após a análise do output, concluiu-se que rejeitamos  $H_0$ , porque o teste mostra um valor  $p$  abaixo de 5%, ou seja, as médias dos grupos na função não são iguais. Assim, as funções são discriminantes.

Tabela 21: Lambda de Wilk's

Test of Function(s)	Wilks' Lambda	Chi-square	df	Sig.
1	0,004	111,041	36	0,000

Fonte: Elaboração Própria

A Tabela 22, mostra que existe uma função discriminante e o valor próprio atribuído à função 1 é 256,762 e representa 100% da variância explicada.

Em relação à correlação canónica, a função 1 apresenta correlação canónica  $(0,998)^2$  correspondente a 0,996. Neste sentido, aproximadamente 99,6% da variância dos grupos é explicada pela função discriminante 1.

Tabela 22: Eigenvalues

Function	Eigenvalue	% of Variance	Cumulative %	Canonical Correlation
1	256,762 <sup>a</sup>	100,0	100,0	0,998
a. First 1 canonical discriminant functions were used in the analysis.				

Fonte: Elaboração Própria

Os testes da igualdade das médias dos grupos analisam as diferenças entre os grupos. Deste modo, analisando a Tabela 31 (Anexo), obtiveram-se níveis de significância inferiores a 0,05 ( $\text{sig} = 0,000 < 0,05$ ) em grande parte das variáveis, sendo que se verificaram algumas exceções. Dentro das questões das motivações dos voluntários, as variáveis 3,5,6 e 7, não obtiveram uma significância maior que os 0,05 desejados, sendo que, assumimos que provavelmente estas não diferem entre os grupos. Em relação aos aspectos da literacia ambiental, apenas a variável 16 parece indicar que as médias nos entre os grupos não difere.

Apesar de algumas não preencherem os critérios, vemos que apenas 5 das 38 variáveis em análise não indicam uma diferença entre grupos. Deste modo, rejeita-se a hipótese nula, “as médias dos grupos são iguais”.

Em relação às Matrizes Cruzadas entre os Grupos (Tabela 29 em Anexo), obtivemos correlações bastante heterogêneas e a ausência de correlações altamente significativas, logo, podemos concluir que existe uma diferença entre os grupos.

Após a realização desta análise discriminante, podemos concluir que os grupos apresentam diferenças.

#### **6.4 Discussão dos resultados**

Avaliando a relação da colaboração entre instituições e a literacia ambiental dos participantes, identificamos uma boa relação colaborativa descrita pelas organizações integrantes deste projeto, o que se refletiu em resultados muito positivos e que se refletiram em boas avaliações dos voluntários no que à literacia ambiental adquirida nestes CTI diz respeito.

Na colaboração, a já anterior e próxima relação estabelecida entre as organizações parece ter sido um fator fundamental para uma melhor condução de todos os procedimentos necessários à realização desta iniciativa. Nesta relação, fortaleceram-se elementos

apontados pela bibliografia como fulcrais na colaboração como a confiança, que permite aos parceiros terem mais segurança em todos os relacionamentos estabelecidos uns com os outros (Zhao e Cavusgil, 2006), bem como uma melhor e mais aberta comunicação que pode ser um fator chave nas negociações e na mediação da decisão de certos tópicos que poderão não ser tão unânimes dentro do grupo de trabalho e um fator determinante na formação de parcerias colaborativas eficazes (Atouba e Shumate, 2019).

Havendo um processo colaborativo em que há um bom entendimento entre as partes e um funcionamento mutuamente discutido e pensado, estão reunidas boas condições para a realização de um evento onde todas as partes se encontram motivadas e comprometidas a atingir os objetivos inicialmente estabelecidos.

Abordando o tema do voluntariado, os voluntários mostraram que participam nestas iniciativas porque têm interesse em ajudar, em melhorar o ambiente e melhorarem o seu conhecimento em relação ao ambiente sendo que aspectos mais individuais como o CV foi apontada como uma motivação mais secundária.

No nosso estudo, podemos também concluir que os voluntários ficaram mais sensibilizados, contudo o impacto efetivo nas suas ações quotidianas não foram tão elevadas, ou seja, houve uma absorção de conhecimento, contudo, estes conhecimentos não foram posto em prática na sua plenitude. Assim, podemos ver aqui uma lacuna na literacia ambiental dos voluntários, uma vez que o conceito nuclear implica não apenas conhecimento sobre o meio ambiente e as suas questões, mas também inclui componentes na vertente das atitudes, da sensibilidade ambiental e motivação para agir em prol do ambiente (Ramdas & Mohamed, 2014).

Em termos de **implicações teóricas**, neste trabalho foi estudada a relação colaborativa entre instituições de diferentes setores, sendo que na literatura foi recolhida um conjunto de dimensões da colaboração de modo a podermos analisar a relação estabelecida entre

as instituições em várias vertentes e perceber de que forma estas interagiram, sendo esta análise uma primeira importante implicação, pois foram identificadas as principais dimensões desta relação colaborativa.

Para além disto, abordou-se o tema do voluntariado e do voluntariado ambiental em específico, de modo a percebermos este tema, mas também a identificarmos as motivações que movem os voluntários ambientais para este tipo de iniciativas. Assim, uma importante implicação é a identificação de um conjunto de motivações específicas para o voluntariado ambiental, sendo este também um contributo importante.

Finalmente, a escolha do estudo de caso, o CTI, identifica a importância de desenvolver estudos sobre este tema, visto que o tema do ambiente e da proteção ambiental é um tema bastante importante para a sociedade atual e ao aprofundar a análise da proteção ambiental e da literacia ambiental dos jovens, estamos a tentar combater certos fenómenos prejudiciais para o ambiente e também a trabalhar na educação ambiental os jovens de forma a que estes possam ter um modo de vida mais saudável e sustentável.

Em termos de **implicações práticas**, parece importante referir que as instituições necessitam de encontrar novas/diferentes formas de atrair os mais jovens para este tipo de atividades de forma a podermos ter mais força motriz na preservação do ambiente, com o principal objetivo de caminhar para uma sociedade ambientalmente literada e capaz de fazer face aos grandes desafios ambientais atuais e futuros.

Para além disto, e como apontado neste estudo, novas políticas deverão ser implementadas de forma a poder sensibilizar efetivamente os jovens. Esta sensibilização deve ter um cariz mais prático, de forma que estes esforços sejam efetivos e eficazes e que ao longo do tempo se venham a refletir em melhorias no ambiente. Assim, a colaboração da sociedade civil com instituições que promovem este tipo de iniciativas poderá ser um aspecto importante para o destaque deste tipo de iniciativas.

Considerando toda a informação recolhida e analisada, identificamos um conjunto de sugestões para melhoria de edições futuras deste CTI, eventualmente replicáveis em eventos semelhantes, a saber:

- Uma seleção de imagens ou vídeos mais impactantes para que os participantes possam ver o real impacto da ação humana no ambiente, de forma a perceberem o impacto dos seus atos.
- Visita a áreas que sofrem mais com a poluição, como por exemplo lixeiras ao ar livre ou troços de rios em que há descargas industriais e mostrar a importância dos recursos naturais, quer para nós humanos, quer para as espécies que convivem connosco e que sofrem tanto ou mais com este tipo de comportamentos.
- Alertar/dar a conhecer a presença de certos aspectos que são invisíveis a olho nu e que pode, de certa forma, encobrir a existência de poluição e criar uma postura de relaxamento, como é o caso dos microplásticos, que são extraordinariamente prejudiciais para a saúde dos seres vivos.
- Considerando o aspecto incluído numa das categorias em que foi dada menos importância pelos voluntários (Mudança Comportamental), a variável “tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental” poderia ser melhorada, em futuras edições, com a implementação da presença de representantes das autoridades competentes que tratam das ameaças e crimes contra o ambiente de forma a sensibilizar e fomentar uma postura ativa na denúncia e para que haja assim uma entreaajuda entre entidades e sociedade civil na deteção destes fenómenos de poluição que pode ir contra a legislação ambiental.

- Fazer um apanhado, eventualmente com recurso a vídeos e/ou imagens que mostrassem as mudanças proporcionadas pelos CTI no terreno, de modo a poder mostrar o poder da ação humana neste tipo de iniciativas e da ação das organizações ambientais. Desta forma, podemos estar a reforçar o interesse em colaborar de forma assídua com as organizações para a melhoria do meio ambiente assim como aumentar a componente da “motivação para agir” dando aos voluntários uma maior consciência e maior proatividade ambiental.

Em jeito de conclusão e de forma a conseguirmos ter uma perspetiva mais visual das grandes conclusões deste trabalho, apresentamos de seguida a Tabela 23 que, recupera os grandes objetivos deste trabalho:

- *Como é que os agentes envolvidos na organização dos CTI colaboram?*
- *Quais as motivações para os voluntários participarem neste tipo de iniciativas?*
- *Qual o impacto em termos de literacia ambiental nos voluntários e nos líderes das organizações que organizaram estes CTI?*

E nos permite identificar fácil e resumidamente, os principais resultados obtidos aqui:

Tabela 23: Resultados Finais

Dimensão	Conclusões
Colaboração	Aspectos da confiança realçados entre todos os parceiros.
	Estes CTI foram uma continuidade de uma relação já existente, sendo que não formou laços de raiz, mas conseguiu um grande fortalecimento dos mesmos.
	Boa comunicação entre os parceiros mesmo estes sendo de diferentes setores.
	Relação de interdependência em que a experiência de cada um, em áreas específicas, ajuda à realização desta iniciativa.
	Grande compromisso entre os parceiros em conseguirem alcançar os objetivos comuns em que também apresentam uma vontade de alargarem este compromisso para o longo prazo.
Voluntariado Ambiental	Em relação às assimetrias de poder, existe um destaque para a organização 3, uma vez que possui mais conhecimento acerca do ambiente, contudo, existe uma relação de igualdade e decisão conjunta entre os parceiros.
	As principais motivações dos voluntários são ajudar o ambiente e absorver conhecimento sobre o mesmo.
	Apesar destes CTI serem reconhecidos pelos voluntários como importante para a sua literacia ambiental, identificamos uma pequena discrepância entre a sensibilidade ambiental e as ações tomadas pelos voluntários, o que significa que este conhecimento nem sempre se refletiu nas ações do dia a dia dos voluntários.
	Concluiu-se que os voluntários têm a intenção de ajudar o ambiente, sendo que, reconhecem que são importantes no evitar de acontecimentos que possam prejudicar o ambiente, assim como reconhecem que a sua ação individual e participação em eventos deste género são fundamentais para ajudarem o meio ambiente.

Fonte: Elaboração Própria

## 7. Conclusão

A colaboração entre instituições é um fenómeno muito comum na sociedade civil, sendo este uma estratégia que permite às instituições alcançarem certos objetivos que sozinhos não conseguiriam alcançar.

Em relação à colaboração, através das entrevistas pudemos ver uma relação bastante próxima entre os intervenientes. O seu passado noutras colaborações fizeram com que aspetos como a confiança e a comunicação fossem mais aprimoradas, sendo estes apontados pela literatura recolhida como fundamentais para uma parceria colaborativa duradoura, pautada pelo empenho e compromisso em alcançar os resultados pré-estabelecidos.

Dentro do grupo de trabalho, observamos uma relação de interdependência, em que cada um dos elementos dá à colaboração elementos importantes como apoio técnico ou o planeamento de atividades, beneficiando a relação colaborativa da experiência instalada, relativamente à realização deste tipo de atividades e em todo o processo técnico e burocrático por detrás desta atividade.

Em relação às motivações, através dos questionários, pudemos observar a existência de um genuíno interesse em ajudar o ambiente e conhecer aspetos mais técnicos ligados ao ambiente em detrimento de aspetos mais individualistas como a motivação em participar neste tipo de atividades com a intenção de aumentar o currículo ou melhorar a sua situação profissional.

As conclusões finais levam-nos para um impacto positivo destes CTI na literacia ambiental dos voluntários. Assim, os voluntários consideraram que, após participarem nesta iniciativa, melhoraram a sua literacia ambiental com destaque para o aumento do interesse em participar em atividades destas ligadas ao ambiente, ficaram mais alertas para a extrema dependência da vida humana e animal dos recursos naturais da terra e

ficaram com a “ideia de que onde quer que passem, devem sempre ter práticas amigas do ambiente sem interferir no ambiente e população local”.

Depois de categorizadas as questões da literacia ambiental, com recurso à análise fatorial, podemos observar que apesar dos valores não se diferenciarem de forma expressiva, os valores do “conhecimento” e “sensibilidade ambiental” se encontram acima do fator “mudança comportamental” e “motivação para agir”, mostrando assim uma perspetiva que apesar de ser absorvido conhecimento e ser dado aos voluntários informações sobre o ambiente e as ameaças que este tem, acabamos por concluir que há uma discrepância entre o saber e o fazer, sendo este um aspeto negativo visto que as ações em prol do ambiente são essenciais no conceito de literacia ambiental.

Posto isto, fazemos um balanço positivo destes CTI naquilo que é o objetivo de aumentar a literacia ambiental destes jovens voluntários, sendo que, em futuros estudos seria interessante aumentar a amostra dos voluntários e fazer uma comparação com outro tipo de atividades deste género de forma a perceber os impactos dos mesmos nos voluntários ambientais.

É importante nota que este estudo aborda uma iniciativa que, também, pode ser enquadrada nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Estes objetivos foram adotados pelas Nações Unidas em 2015 como uma chamada universal à ação para acabar com a pobreza, proteger o planeta e garantir que até 2030 todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade (ONU, 2021). Dos 17 objetivos formulados nesta agenda, este trabalho contribui, ainda que indiretamente, para 5 deles, sendo estes os objetivos 11 – Cidades e comunidades sustentáveis, 13 – Ações climáticas, 15- Proteger a vida terrestre, 16 – Paz, justiça e instituições eficazes e 17 – Parcerias para implementação dos objetivos.

Em relação às **limitações do estudo**, a principal lacuna reside na curta amostra, sendo que uma análise a maior escala poderia dar-nos dados mais representativos em relação ao

impacto deste tipo de iniciativas. Esta iniciativa ainda é relativamente recente e o somatório dos voluntários que participaram ao longo destas quatro edições não nos permitem obter uma amostra de dimensões elevadas. Uma outra lacuna está relacionada com o impacto do CTI, não foi medido o impacto deste na comunidade local e nada sabemos sobre a perceção da mesma em relação aos resultados destes campos.

Em relação a **estudos futuros**, podia ser feita uma análise comparativa com outros campos de forma a ser possível avaliar os diferentes impactos causados por Campos de Trabalho Internacional e perceber quais as diferenças entre eles. Neste âmbito, seria pertinente avaliar as políticas adotadas em cada campo e perceber quais delas tiveram mais impacto nos voluntários ambientais de forma a reunir um conjunto de boas práticas a adotar e a replicar noutros campos de trabalho internacional de forma a aumentar o impacto dos mesmos na comunidade.

Para além disto, poderão ser incluídas instituições de uma maior escala, sendo que seria interessante perceber de que forma estes dois tipos de instituições se relacionariam no processo de organização de iniciativas deste género.

## **Bibliografia:**

Agranoff, R. & McGuire, M. (2003). "Collaborative public management: New strategies for local governments."

Almeida, M. M. K., Marins, F. A. S., Salgado, A. M. P., Santos, F. C. A., & Silva, S. L. da. (2017). "The importance of trust and collaboration between companies to mitigate the bullwhip effect in supply chain management." *Acta Scientiarum. Technology*, 39(2), 201.

Almeida, F., Superior, I., Gaya, P., Queirós, A., & Faria, D. (2017). "Strengths and Limitations of Qualitative and Quantitative Research Methods Innovation and Entrepreneurship" View project Observatory of Portuguese Academic Spin-offs View Project European Journal of Education Studies Strengths And Limitations Of Qualitative And Quantitative Research Methods. 369–387.

Alonso, J., Martínez de Soria, I., Orue-Echevarria, L., & Vergara, M. (2010). "Enterprise Collaboration Maturity Model (ECMM): Preliminary Definition and Future Challenges." *Enterprise Interoperability IV*, 429–438.

Alves, O., Moreira, J., & Santos, P. (2020). "Developing community partnerships for primary healthcare: An integrative review on management challenges". *International Journal of Healthcare Management*.

Angermann, A., & Sittermann, B. (2010). "Volunteering in the European Union - An Overview.2. Observatory for Sociopolitical Developments in Europe, 2, 18.

Ashraf, N., Ahmadsimab, A. and Pinkse, J. (2017)." From Animosity to Affinity: The Interplay of Competing Logics and Interdependence in Cross-Sector Partnerships." *Jour. of Manage. Stud.*, 54: 793-822.

Assembleia da República. (1998). Lei. No. 71 de 3 de novembro de 1998. 5694–5696.  
<https://dre.pt/application/conteudo/223016>.

Atouba, Y. & Shumate, M. (2019). “Meeting the Challenge of Effectiveness in Nonprofit Partnerships: Examining the Roles of Partner Selection, Trust, and Communication.” *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*. 31. 10.1007/s11266-019-00143-2.

Austin, J. E. (2000). “Strategic Collaboration Between Nonprofits and Businesses.”. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 29(1\_suppl), 69–97.

Austin, J. E., & Seitanidi, M. M. (2012). “Collaborative Value Creation.” *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*. 41(5), 726–758.

Bauer, Z., AbouAssi, K., & Johnston, J. (2020). “Cross-sector collaboration formality: the effects of institutions and organizational leaders.”. *Public Management Review*, 00(00), 1–23.

Belaya, V., Gagalyuk, T., & Hanf, J. (2009). “Measuring asymmetrical power distribution in supply chain networks: What is the appropriate method?” *Journal of Relationship Marketing*, 8 (2), 165–193.

Belgrade Charter. A Global Framework for Environmental Education. (1975). Available online: [http:// unesdoc.unesco.org/images/0001/000177/017772eb.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0001/000177/017772eb.pdf) (acedido a 23/06/2021).

Bianchi, F., Casnici, N., & Squazzoni, F. (2018). “Solidarity as a byproduct of professional collaboration: Social support and trust in a coworking space.” *Social Networks*, 54, 61–72.

Boje, T. P. (2015). "Citizenship, democratic participation, and civil society." In *Voluntary work and youth unemployment—contributions from the conference on VERSO* (pp. 27–44). Department of Education (DPU), Aarhus University.

Bond-Barnard, T. J., Fletcher, L., & Steyn, H. (2018). "Linking trust and collaboration in project teams to project management success." *International Journal of Managing Projects in Business*, 11(2), 432–457.

Bousquet, G. (2008). "A Model for Interdisciplinary Collaboration." *The Modern Language Journal*, 92(2), 304-306.

Bouwen, R., & Taillieu, T. (2004). "Multi-party collaboration as social learning for interdependence: developing relational knowing for sustainable natural resource management." *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14(3), 137–153.

Braun, V., Clarke, V., Boulton, E., Davey, L. & McEvoy, C. (2020) "The online survey as a qualitative research tool." *International Journal of Social Research Methodology*.

Bruyere, B. & Rappe, S. (2007) "Identifying the motivations of environmental volunteers." *Journal of Environmental Planning and Management*, 50:4, 503-516.

Bryson, J. M., Crosby, B. C., & Stone, M. M. (2015). "Designing and Implementing Cross-Sector Collaborations: Needed and Challenging." *Public Administration Review*, 75(5), 647–663.

Brzustewicz, P., Escher, I., Hermes, J., & Ulkuniemi, P. (2021). "Value creation in company–NGO collaboration in corporate volunteering." *Journal of Business & Industrial Marketing*, ahead-of-p(ahead-of-print).

- Buvik, M. P., & Rolfsen, M. (2015). "Prior ties and trust development in project teams – A case study from the construction industry.". *International Journal of Project Management*, 33(7), 1484–1494.
- Cairns, B., & Harris, M. (2011). "Local cross-sector partnerships.". *Nonprofit Management and Leadership*, 21(3), 311–324.
- Carson, S. J., Madhok, A., & Wu, T. (2006). "Uncertainty, Opportunism, and Governance: The Effects of Volatility and Ambiguity on Formal and Relational Contracting.". *Academy of Management Journal*, 49(5), 1058–1077.
- Caruso, H. M., & Woolley, A. W. (2008). "Harnessing the power of emergent interdependence to promote diverse team collaboration." *Diversity and Groups*, 245–266
- Chen, B.(2010)."Antecedents or Processes? Determinants of Perceived Effectiveness of Interorganizational Collaborations for Public Service Delivery:". *International Public Management Journal*, 13:4, 381-407.
- Clary, E. G., Snyder, M., Ridge, R. D., Copeland, J., Stukas, A. A., Haugen, J., & Meine, P. (1998). "Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach." *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1516-1530.
- Colbry, S. Hurwitz, M. & Adair,R. (2014). "Collaboration Theory.". *Journal of Leadership Education*.13(4), 63–75.
- Costa, A. C., Fulmer, C. A., & Anderson, N. R. (2017). "Trust in work teams: An integrative review, multilevel model, and future directions.". *Journal of Organizational Behavior*, 39(2), 169–184.

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). "Mixed Methods Procedures." In *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*.

Crosby, B. C., & Bryson, J. M. (2005). "A leadership framework for cross-sector collaboration". *Public Management Review*, 7(2), 177–201.

Cross, R. & Parker, A. (2004). "The Hidden Power of Social Networks." Boston: Harvard Business School Press.

Dahlander, L., & McFarland, D. A. (2013). "Ties That Last." *Administrative Science Quarterly*, 58(1), 69–110.

Dang, Q. T., Jasovska, P., Rammal, H. G., & Schlenker, K. (2019). "Formal-informal channels of university-industry knowledge transfer: the case of Australian business schools." *Knowledge Management Research & Practice*, 00(00), 1–12.

Daymond, J. & Rooney, D. (2016) "Voice in a supra-organisational and shared-power world: challenges for voice in cross-sector collaboration." *The International Journal of Human Resource Management*, 29:5, 772-804.

Derriennic, Y., & Lin, M. (2003). The central limit theorem. *Probability Theory and Related Fields*, 125(1), 73–76. <https://doi.org/10.1007/s004400200215>

Ekanayake, S., Childerhouse, P. and Sun, P. (2017). "The symbiotic existence of interorganizational and interpersonal ties in supply chain collaboration", *The International Journal of Logistics Management*, Vol. 28 No. 3, pp. 723-754.

Evers, A., & von Essen, J. (2019). "Volunteering and Civic Action: Boundaries Blurring", *Boundaries Redrawn. Voluntas*, 30(1), 1–14.

Faiz, M. (2020). "Activities of Social Studies Teachers in Non-governmental Organizations and Perception of Volunteering." *International Journal of Psychology and Educational Studies*, 7(4), 61–72.

Fayezi, S., O'Loughlin, A., & Zutshi, A. (2012). "Agency theory and supply chain management: A structured literature review." *Supply Chain Management: An International Journal*, 17(5), 556–570.

Feiock, R. C., In Won Lee, Hyung Jun Park, & Lee, K.-H. (2010). "Collaboration Networks Among Local Elected Officials: Information, Commitment, and Risk Aversion." *Urban Affairs Review*, 46(2), 241–262.

Fromhold-Eisebith, M. (2017). "Intra-regional collaborative learning between cluster initiatives " a factor of cluster (policy) dynamics?," Chapters, in: Dirk Fornahl & Robert Hassink (ed.), *The Life Cycle of Clusters*, chapter 5, pages 95-114, Edward Elgar Publishing.

Fulmer, C. A., & Gelfand, M. J. (2012). "At What Level (and in Whom) We Trust." *Journal of Management*, 38(4), 1167–1230.

Gazley, B. (2008). " Beyond the Contract: The Scope and Nature of Informal Government-Nonprofit Partnerships." *Public Administration Review*, 68(1), 141–154.

Gazley, B. (2017). "The Current State of Interorganizational Collaboration: Lessons for Human Service Research and Management". *Human Service Organizations: Management, Leadership & Governance*, 41:1, 1-5.

Getha-Taylor, H. (2012). "Cross-Sector Understanding and Trust." *Public Performance & Management Review*, 36:2, 216-229.

Googins, B.K. & Rochlin, S.A. (2002). "Creating the Partnership Society: Understanding the Rhetoric and Reality of Cross-Sectoral Partnerships." *Business and Society Review*, 105: 127-144.

Granovetter, M. S.(1973). "The Strength of Weak Ties." *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360–1380

Grant, R. M., & Baden-Fuller, C. (1995). "A Knowledge-based Theory Of Inter-firm Collaboration." *Academy of Management Proceedings*, 1995(1), 17–21.

Gray, B. (1989). "Collaborating: Finding common ground for multiparty problems." San Francisco: Jossey-Bass.

Gui, Q., Liu, C., & Du, D. (2018). "Does network position foster knowledge production? Evidence from international scientific collaboration network." *Growth and Change*, 49(4), 594–611.

Gulati, R. (1995). "Social Structure and Alliance Formation Patterns: A Longitudinal Analysis." *Administrative Science Quarterly*, 40(4), 619-652.

Gundlach, G. T., Achrol, R. S., & Mentzer, J. T. (1995). "The structure of commitment in exchange." *Journal of Marketing*, 59(1), 78–92.

Guo C, Acar M. (2005) "Understanding Collaboration Among Nonprofit Organizations: Combining Resource Dependency, Institutional, and Network Perspectives." *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*.;34(3):340-361.

Gur N., Alayoğlu N. (2017) "The Importance of Trust for Partnership and Collaboration in Volatile Economic Conditions." In: Hacıoğlu Ü., Dinçer H.,

Alayoğlu N. (eds) *Global Business Strategies in Crisis. Contributions to Management Science*. Springer, Cham.

Haski-Leventhal, D., Oppenheimer, M., Holmes, K., Lockstone-Binney, L., Alony, I., & Ong, F. (2019). "The Conceptualization of Volunteering Among Nonvolunteers: Using the Net-Cost Approach to Expand Definitions and Dimensions of Volunteering.". *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 48(2\_suppl), 30S-51S.

Hares, M., Eskonheimo, A., Myllyntaus, T., & Luukkanen, O. (2006). "Environmental literacy in interpreting endangered sustainability." *Geoforum*, 37(1), 128–144.

Hansen, K., Mullin, M., & Riggs, E. K. (2020). "Collaboration Risk and the Choice to Consolidate Local Government Services. ". *Perspectives on Public Management and Governance*, 3(3), 223–238.

Hardy, C. & Phillips, N. & Lawrence, T. (2003). "Resources, Knowledge and Influence: The Organizational Effects of Interorganizational Collaboration." *Journal of Management Studies*. 40. 321-347.

Henneman, E. A., Ccrn, R. M., Leernphdcs, J., & Cohen Rnmn, J. I. (1995). "Collaboration: a concept analysis." *Journal of Advanced Nursing Fournal of Advanced Nursing*, 21(21), 103–109.

Hessels, J., & Parker, S. C. (2013). "Constraints, internationalization, and growth: A cross-country analysis of European SMEs.". *Journal of World Business*, 48(1), 137–148.

Hollweg, K. S., Taylor, J. R., Bybee, R. W., Marcinkowski, T. J., McBeth, W. C., & Zoido, P. (2011). "Developing a framework for assessing environmental literacy.". Washington, DC: North American Association for Environmental Education.

Hooper, D. (2012), 'Exploratory Factor Analysis', in Chen, H. (Ed.), *Approaches to Quantitative Research – Theory and its Practical Application: A Guide to Dissertation Students*, Cork, Ireland: Oak Tree Press.

Hosmer, L. T. (1995). "Trust: The Connecting Link between Organizational Theory and Philosophical Ethics.". *The Academy of Management Review*, 20(2), 379.

Hu, Z., Li, Q., Liu, T., Wang, L., & Cheng, Z. (2020). "Government equity investment, effective communication and public private partnership (PPP) performance: evidence from China.". *Engineering, Construction and Architectural Management*.

Humayun, M., Jhanjhi, N. Z. (2019) "Exploring the relationship between GSD, knowledge management, trust and collaboration" *Journal of Engineering Science and Technology* Vol. 14, No. 2 820 – 843.

Huybrechts, B., & Nicholls, A. (2013). "The role of legitimacy in social enterprise-corporate collaboration.". *Social Enterprise Journal*, 9(2), 130–146.

Inglehart, R. (2003). "Modernization and Volunteering." *The Values of Volunteering*, 55–70.

Keast, R. & Mandell, M., (2014). "The collaborative push: moving beyond rhetoric and gaining evidence.". *Journal of management & governance*, 18 (1).

Kenis, P., & Knoke, D. (2002). "How Organizational Field Networks Shape Interorganizational Tie-Formation Rates.". *The Academy of Management Review*, 27(2), 275-293.

- Khalid, Z. & Mufti, N. & Ahmad, Y. (2016). "Identifying and modeling barriers to collaboration among auto-parts manufacturing SMEs.". *Pakistan Business Review*, 18.
- Koehler, B., & Koontz, T. M. (2008). "Citizen participation in collaborative watershed partnerships.", *Environmental Management*, 41(2), 143–154.
- Kohm, A., La Piana, D., & Gowdy, H. (2000). "Strategic restructuring: Findings from a study of integrations and alliances among nonprofit social service and cultural organizations in the United States (Discussion Paper PS-24).". Chicago: Chapin Hall Center for Children, University of Chicago.
- Kragt, D., & Holtrop, D. (2019). "Volunteering research in Australia: A narrative review.". *Australian Journal of Psychology*, 71(4), 342–360.
- Kumar, G. & Goswami, M. (2019). "Sustainable supply chain performance, its practice and impact on barriers to collaboration.". *International Journal of Productivity and Performance Management*.
- Levy, D. (2006). "Qualitative methodology and grounded theory in property research." *Pacific Rim Property Research Journal*, 12(4), 369–388.
- Lewicki, R.J., Mc Allister, D. J., & Bies, R. J. (1998). "Trust and distrust: New relationships and realities.". *Academy of Management Review*, 23, 438-458.
- Liang, S. W., Fang, W. T., Yeh, S. C., Liu, S. Y., Tsai, H. M., Chou, J. Y., & Ng, E. (2018). "A nationwide survey evaluating the environmental literacy of undergraduate students in Taiwan.". *Sustainability (Switzerland)*, 10(6), 1–21.

Loosemore, M., Bridgeman, J. & Keast, R. (2020). " Reintegrating ex-offenders into work through construction: a case study of cross-sector collaboration in social procurement." Building Research & Information, 48:7, 731-746.

Lu, J., Kaufmann, L., & Carter, C. R. (2020). "How Informal Exchanges Impact Formal Sourcing Collaboration (and What Supply Managers Can Do about It)". Journal of Supply Chain Management, Interviewee 6, 1–37.

Majchrzak, A., Jarvenpaa, S. L., & Bagherzadeh, M. (2015). "A Review of Interorganizational Collaboration Dynamics." Journal of Management, 41(5), 1338–1360.

Marlier, M., Lucidarme, S., Cardon, G. (2015)." Capacity building through cross-sector partnerships: a multiple case study of a sport program in disadvantaged communities in Belgium." BMC Public Health 15, 1306.

Marôco, J. (2010). Análise Estatística - Com a Utilização do SPSS (3 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Marôco, J. (2011). Análise Estatística com o SPSS Statistics, ReportNumber, Pero Pinheiro.

Mayer, R. C., Davis, J.H., Schoorman, D., (1995). "An integrative model of organizational trust." Acad. Manag. Rev. 20 (3), 709–734.

McDermott, G., Corredoira, R. (2010). "Network composition, collaborative ties, and upgrading in emerging-market firms: Lessons from the Argentine autoparts sector." J Int Bus Stud 41, 308–329 (2010).

McGuire, M. and Silvia, C. (2010).” The Effect of Problem Severity, Managerial and Organizational Capacity, and Agency Structure on Intergovernmental Collaboration: Evidence from Local Emergency Management.”. *Public Administration Review*, 70: 279-288.

Measham, T. G., & Barnett, G. B. (2008). “Environmental Volunteering: Motivations, modes and outcomes.” *Australian Geographer*, 39(4), 537–552.

Mohr, J., & Spekman, R. (1994). “Characteristics of partnership success: Partnership attributes, communication behavior, and conflict resolution techniques.”. *Strategic Management Journal*, 15(2), 135–15.

Molsher, R., & Townsend, M. (2016). “Improving wellbeing and environmental stewardship through volunteering in nature.”. *EcoHealth*, 13(1), 151–155.

Morgan, R. & Hunt, S. (1994). “The Commitment-Trust Theory of Relationship Marketing.”. *The Journal of Marketing*. 58. 20-38.

Morton, S. C., Brookes, N. J., Smart, P. K., Backhouse, C. J., & Burns, N. D. (2004). “Managing the informal organisation: Conceptual model.”. *International Journal of Productivity and Performance Management*, 53(3), 214–232.

Murphy, M. & Arenas, D. & Batista-Foguet, J.M. (2014). “Value Creation in Cross-Sector Collaborations: The Roles of Experience and Alignment.”. *Journal of Business Ethics*.

Newell, S., & Swan, J. (2000). “Trust and inter-organizational networking.” *Human Relations*, 53(10), 1287–1328.

Nicholls, A., Huybrechts, B. (2016) “Sustaining Inter-organizational Relationships Across Institutional Logics and Power Asymmetries: The Case of Fair Trade.” *J Bus Ethics* 135, 699–714

Nyaga, G.N., Lynch, D.F., Marshall, D. and Ambrose, E. (2013).” Power Asymmetry, Adaptation and Collaboration in Dyadic Relationships Involving a Powerful Partner.” *J Supply Chain Manag*, 49: 42-65.

Nylén, U. (2007). “Interagency Collaboration in Human Services: Impact Of Formalization And Intensity On Effectiveness.”. *Public Administration*, 85(1), 143–166.

ONU (2021),” Sustainable Development Goals”. Retirado de: <https://www1.undp.org/content/oslo-governance-centre/en/home/sustainable-development-goals.html>

Owusu, G. M. Y., Ossei Kwakye, T., Welbeck, E. E., & Ofori, C. G. (2017). “Environmental literacy of business students in Ghana.”. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 18(3), 415–435.

Pennec, M. & Raufflet, E. (2018). “Value Creation in Inter-Organizational Collaboration: An Empirical Study.”. *Journal of Business Ethics*. 148.

Pesämaa, O., Pieper, T., Vinhas da Silva, R., Black, W. C., & Hair, J. F. (2013). “Trust and reciprocity in building inter-personal and inter-organizational commitment in small business co-operatives.”. *Journal of Co-Operative Organization and Management*, 1(2), 81–92.

Pestana, M. H. & Gageiro, J.N. (2008). “Análise de Dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS”. 5ª edição revista e corrigida. Lisboa, Edições Sílabo, pp. 527-528.

Phillips, N., Lawrence, T.B. and Hardy, C. (2002). "Inter-organizational Collaboration and the Dynamics of Institutional Fields.". *Journal of Management Studies*, 37.

Pilemalm, S., Lindgren, I., & Ramsell, E. (2016). "Emerging forms of inter-organizational and cross-sector collaborations in e-government initiatives.". *Transforming Government: People, Process and Policy*, 10(4), 605–636.

Poocharoen, Ora-orn & Ting, (2015). "Collaboration, Co-Production, Networks: Convergence of theories.". *Public Management Review*. 17..

Prentice C. R. & Brudney, J.L. (2016) "Definitions Do Make a Difference: County Managers and Their Conceptions of Collaboration.". *Human Service Organizations: Management, Leadership & Governance*, 40:3, 193-207

Proulx, K. E., Hager, M. A., & Klein, K. C. (2014). "Models of collaboration between nonprofit organizations.". *International Journal of Productivity and Performance Management*, 63.

Purdy, J. & Jones, R. (2012). "A Framework for Assessing Power in Collaborative Governance Processes.". *Public Administration Review*. 72. 409-418.

Queiroz, A.; Faria, D; Almeida, F. (2017). "Strengths And Limitations of Qualitative and Quantitative Research Methods.". *European Journal of Education Studies*.

Ramadass, S. D., Sambasivan, M. & Xavier, J. A. (2018). "Collaboration outcomes in a public sector: impact of governance, leadership, interdependence, and relational capital.". *J Manag Gov* 22, 749–771.

Ramdas, M., & Mohamed, B. (2014). "Impacts of Tourism on Environmental Attributes, Environmental Literacy and Willingness to Pay: A Conceptual and Theoretical Review." *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 144, 378–391.

Ramesh, A., Banwet, D. K., & Shankar, R. (2010). "Modeling the barriers of supply chain collaboration." *Journal of Modelling in Management*, 5(2), 176–193.

Randle, M., & Dolnicar, S. (2015). "The characteristics of potential environmental volunteers: Implications for marketing communications." *Australasian Journal of Environmental Management*, 22(3), 329–339.

Randrup, N., Druckenmiller, D. and Briggs, R. O. (2016), "Philosophy of Collaboration." 49th Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS), 2016, pp. 898-907.2

Reagans, R., & McEvily, B. (2003). "Network Structure and Knowledge Transfer: The Effects of Cohesion and Range." *Administrative Science Quarterly*, 48(2), 240.

Rousseau, D. & Sitkin, S. & Burt, R. & Camerer, C. (1998). "Not So Different After All: A Cross-discipline View of Trust." *Academy of Management Review*. 23.

Salam, M. A. (2017). "The mediating role of supply chain collaboration on the relationship between technology, trust and operational performance an empirical investigation." *Benchmarking an International Journal*. 24.

Schild, R. (2018). "Fostering environmental citizenship: the motivations and outcomes of civic recreation." *Journal of Environmental Planning and Management*, 61(5–6), 924–949.

Seitanidi, M.M., Koufopoulos, D.N. & Palmer, P. (2010) “Partnership Formation for Change: Indicators for Transformative Potential in Cross Sector Social Partnerships.”. *J Bus Ethics* 94.

Seymour, V., King, M., & Antonaci, R. (2018). “Understanding the impact of volunteering on pro-environmental behavioural change.”. *Voluntary Sector Review*, 9(1), 73–88.

Shumate, M., Atouba, Y., Cooper, K.R. and Pilny, A. (2016). “Interorganizational Communication.”. In *The International Encyclopedia of Organizational Communication* (eds C.R. Scott, J.R. Barker, T. Kuhn, J. Keyton, P.K. Turner and L.K. Lewis).

Shumate, M., Fu, J.S. & Cooper, K.R. (2018).” Does Cross-Sector Collaboration Lead to Higher Nonprofit Capacity?”. *J Bus Ethics* 150, 385–399.

Simo, G. (2009). “Sustaining Cross-Sector Collaborations: Lessons from New Orleans.” *Public Organ Rev* 9, 367.

Simo, G. and Bies, A.L. (2007).” The Role of Nonprofits in Disaster Response: An Expanded Model of Cross-Sector Collaboration.”. *Public Administration Review*, 67: 125-142.

Sloane, G. M. T., & Pröbstl-Haider, U. (2019). “Motivation for environmental volunteering - A comparison between Austria and Great Britain.” *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, 25(January), 158–168.

Snavey, K. & Tracy M.B. (2002). ” Development of Trust in Rural Nonprofit Collaborations.”. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*.;31(1):62-83.

Srinivasan, R. & Brush, T.H. (2006), "Supplier performance in vertical alliances: the effects of self-enforcing agreements and enforceable contracts.". *Organization Science*, Vol. 17 No. 4, pp. 436-452.

Stadtler, L. & Lin, H. (2016). "Moving to the Next Strategy Stage: Examining Firms' Awareness, Motivation and Capability Drivers in Environmental Alliances.". *Business Strategy and the Environment*. 26.

Strandh, V. (2019). "Crisis Volunteerism is the New Black? Exploring the Diversity of Voluntary Engagement in Crisis Management." *Risk, Hazards and Crisis in Public Policy*, 10(3), 311–331.

Tejpal, G., Garg, R. K., & Sachdeva, A. (2013). "Trust among supply chain partners: a review.". *Measuring Business Excellence*, 17(1), 51–71.

Terman, J. N., Feiock, R. C., & Youm, J. (2017). "Comparing Collaboration: Energy Efficiency Action Across Local Governments". 1. 1–22.

Terman, J. N., Feiock, R. C., & Youm, J. (2020). "When Collaboration Is Risky Business: The Influence of Collaboration Risks on Formal and Informal Collaboration.". *American Review of Public Administration*, 50(1), 33–44.

Thomas, G. (2011). "A Typology for the Case Study in Social Science Following a Review of Definition, Discourse, and Structure.". *Qualitative Inquiry*, 17(6), 511–521.

Thomson, A. M., & Perry, J. L. (2006). "Collaboration Processes: Inside the Black Box.". *Public Administration Review*, 66(s1), 20–32.

Thomson, A. M., Perry, J. L., & Miller, T. K. (2007). "Conceptualizing and measuring collaboration." *Journal of Public Administration Research and Theory*, 19(1), 23–56.

Vandaie, R., & Zaheer, A. (2015). "Alliance Partners and Firm Capability: Evidence from the Motion Picture Industry." *Organization Science*, 26(1), 22–36.

Wältermann, M., Wolff, G., & Rank, O. (2019). "Formal and informal cross-cluster networks and the role of funding: A multi-level network analysis of the collaboration among publicly and privately funded cluster organizations and their managers." *Social Networks*, 58, 116–127.

Wildridge, V., Childs, S., Cawthra, L., & Madge, B. (2004). "How to create successful partnerships — a review." *Health Information and Libraries Journal*, 21, 3–19.

Wong, W.K., Cheung, S.O., Yiu, T.W., Pang, H.Y. (2008). "A framework for trust in construction contracting." *Int. J. Proj. Manag.* 26, 821–829.

Woolthuis RK, Hillebrand B, Nooteboom B. (2005) "Trust, Contract and Relationship Development." *Organization Studies*.;26(6):813-840.

Woosnam, K. M., Strzelecka, M., Nisbett, G. S., & Keith, S. J. (2019). "Examining millennials global citizenship attitudes and behavioral intentions to engage in environmental volunteering." *Sustainability (Switzerland)*, 11(8), 13–16.

Wu, F., & Cavusgil, S. T. (2006). "Organizational learning, commitment, and joint value creation in interfirm relationships." *Journal of Business Research*, 59(1), 81–89.

Yamashita, T., Keene, J. R., Lu, C.-J., & Carr, D. C. (2017). "Underlying Motivations of Volunteering Across Life Stages." *Journal of Applied Gerontology*, 073346481770120.

Yang, Z., Zhou, C., & Jiang, L. (2011). "When do formal control and trust matter? A context-based analysis of the effects on marketing channel relationships in China.". *Industrial Marketing Management*, 40(1), 86–96.

Zhang, L., Huang, S. & Peng, Y. (2018). "Collaboration in Integrated Project Delivery: The Effects of Trust and Formal Contracts". *Engineering Management Journal*, 30:4, 262-273.

Zhao, Y., & Cavusgil, S. (2006). "The effect of supplier's market orientation on manufacturer's trust.". *Industrial Marketing Management*, 35(4), 405–414.

# **Anexos**

## Guião das entrevistas

As entrevistas realizadas servirão de base para a sustentação de um estudo sobre o tema da colaboração e perceber de que modo os agentes que organizam estes CTI se relacionam e de que forma esta iniciativa foi relevante em termos de literacia ambiental para os membros das organizações. Para além destes, também estas também têm como finalidade a resposta às questões de investigação propostas.

Após a devida aceitação por parte dos responsáveis das instituições em estudo em colaborar neste estudo, as entrevistas serão gravadas e terão carácter confidencial e os dados recolhidos terão como única finalidade o tratamento de dados para esta dissertação de mestrado, sendo que, estas gravações serão eliminadas depois de ser cumprido o objetivo das mesmas. Qualquer dado que o entrevistado queira ver ocultado neste estudo, deverá ser previamente comunicado ao entrevistador.

Tabela 24: Questões destinadas às organizações 1,2 e 3.

Questão	Questão
1	Durante as edições destes CTI, foram criados laços sociais pessoais e/ou organizacionais? Se sim, de que forma estes afetaram a colaboração no âmbito desta iniciativa?
2	Antes da colaboração nesta iniciativa, já tinha colaborado com algum dos parceiros desta iniciativa? Se sim em que contornos?
3	A organização que representa pode contar com as organizações parceiras para cumprir com as suas obrigações?
4	Sente que no grupo de trabalho existe uma relação marcada por uma confiança mútua? Se sim, de que forma acha que foi um fator positivo na realização desta iniciativa?
5	Quais os fatores de confiança dados por cada um dos seus parceiros para colaborar com esses nesta iniciativa?
6	Sente que os seus parceiros estiveram completamente comprometidos em todas as edições da iniciativa?
7	Estaria disposto a colaborar de novo na realização de uma nova edição dos CTI com os parceiros que trabalhou até então nos CTI? Se sim, sente que da outra parte há um sentimento semelhante?

8	Quais as competências distintas da sua organização que mais contribuem para a realização desta iniciativa? E como?
9	A organização que representa alcança mais facilmente os seus próprios objetivos ao trabalhar com as organizações parceiras ou de forma individual? Se sim, quais as funções desempenhadas pelos seus parceiros que não poderia fazer e que foram importantes para esta iniciativa?
10	De que forma cada um dos seus parceiros trouxe elementos diferenciadores para a colaboração que foram importantes para realização desta iniciativa?
11	Como considera a dinâmica de comunicação e troca de informações dentro do grupo de trabalho? Considera pertinentes os conhecimentos recebidos pelos parceiros?
12	Que desafios e problemas específicos de comunicação são enfrentados em parcerias colaborativas com OSFL? Como são tratados e comunicados?
13	Houve algum tipo de conflito de ideias na realização desta iniciativa? Se sim, como é que os conflitos entre parceiros foram evitados ou geridos?
14	Considera que certas condições como as assimetrias de poder e as lógicas institucionais distintas afetaram a relação de colaboração?
15	Houve algum parceiro que se diferenciava pela sua experiência em assuntos como a criação de alianças com outros agentes ou ao nível de conhecimento mais técnico /especializado?
16	Como essas competências gerais/específicas da organização contribuíram para um melhor funcionamento da parceria?
17	Com base na sua experiência, quais foram os maiores obstáculos ao trabalhar juntamente com outras instituições além das fronteiras organizacionais/setoriais?
18	São necessárias habilidades especiais para colaborar entre setores?
19	Esta iniciativa trouxe para os membros da organização um aumento de conhecimento mais específico em questões relacionadas com o ambiente?
20	O que é que cada organização alcança por meio da colaboração?

Fonte: Elaboração Própria

### **Guião dos Questionários:**

Estes questionários terão como alvo os voluntários internacionais que participaram nas quatro edições dos CTI realizadas entre 2017 e 2020. Estes terão como objetivo perceber de que forma esta iniciativa foi relevante em termos de literacia ambiental para estes participantes e, à semelhança das entrevistas, estes questionários servirão de resposta às perguntas de investigação.

Os questionários serão de carácter anónimo e os dados serão única e exclusivamente utilizados para a análise de dados para o estudo em questão.

A escala usada nestes questionários varia entre -2 e 2, sendo -2 discordo totalmente e 2 concordo totalmente.

Tabela 25: Questionário aos participantes do CTI

Dimensão	Número da questão	Questões
Motivações	1	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente.
	2	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para melhorar o meu currículo e beneficiar a minha carreira.
	3	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que eu gosto de fazer e enriquecer a minha experiência neste tipo de atividades.
	4	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a fauna e a flora, bem como o meio ambiente em geral.
	5	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas.
	6	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com bons líderes e sentir-me envolvido no projeto.
	7	Eu participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar os meus valores e aumentar a minha autoestima.
	8	Depois de participar no CTI, tomei a iniciativa de adotar na minha vida diária as ideias aprendidas sobre as questões ambientais.
	9	Depois de participar no CTI, reflito melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do mesmo em termos sociais e ambientais.
	10	Depois de participar no CTI, senti que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente.
	11	Depois de participar no CTI, sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental.
	12	Depois de participar no CTI, sinto que é da minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim.
	13	Depois de participar no CTI, fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente.

Literacia Ambiental	14	Depois de participar no CTI, consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais.
	15	Depois de participar no CTI, fiquei mais capacitado para comunicar informações ambientais relevantes a terceiros.
	16	Depois de participar no CTI, tentei influenciar os meus familiares e amigos a realizarem ações ambientais.
	17	Depois de participar no CTI, tentei usar os canais apropriados para ajudar a chamar à atenção para incidentes de poluição ambiental.
	18	Depois de participar no CTI, estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as alterações climáticas.
	19	Depois de participar no CTI, sou mais capaz de identificar problemas ambientais e encontrar soluções para eles.
	20	Depois de participar no CTI, fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação natural, monitorização e manutenção).
	21	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais.
	22	Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado a frequentar atividades escolares e/ou extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas).
	23	Depois de participar no CTI, fiquei mais motivado para participar em comícios, manifestações ou atividades de petição relacionadas com políticas ambientais.
	24	Depois de participar no CTI, percebi que tenho um papel importante ao participar em atividades que ajudem a o meio ambiente.
	25	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais.
	26	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade de recursos naturais da terra.
	27	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que a prática de um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais.
	28	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los.
	29	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e a destruição do habitat.
	30	Depois de participar no CTI, percebi que o meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente.

	31	Depois de participar no CTI, preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas.
	32	Depois de participar no CTI, fiquei mais ciente que é possível restaurar a aparência original da natureza se esta for danificada.
	33	Depois de participar no CTI, posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos.
	34	Depois de participar no CTI, percebi que é da minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma melhor consciência sobre a proteção ambiental.
	35	Depois de participar no CTI, aumentei o meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente), para melhorar a minha compreensão do mundo natural.
	36	Depois de participar no CTI, percebi que enquanto estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais.
	37	Depois de participar no CTI, fiquei mais disposto a aconselhar as outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.).
	38	Depois de participar no CTI, percebi que mesmo ao viajar para outra terra devo adotar práticas amigas do ambiente de modo a não interferir com o meio ambiente local nem com os moradores.

Fonte: Elaboração Própria



Depois de participar no CTE, sinto que é da minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim.	,636	,033	-,334	-,354	,475	-,585	-,034	-,241	-,235	-,675	,469	-,406	-,097	,207	,192	,564	,467	-,541	,395	,302	-,304	-,393	-,401	,359	,697	,201	,628	,414	-,603	,565	-,540
Depois de participar no CTE, fico mais preocupado quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente.	-,747	-,098	-,319	,817	-,585	,292	-,587	,771	-,245	,872	-,677	,238	,438	-,701	-,795	-,628	-,149	,806	-,876	-,704	,223	,831	-,034	,140	-,438	-,751	-,664	-,086	,893	-,790	,713
Depois de participar no CTE, consigo ter um diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais.	,209	-,023	,649	-,609	,034	-,587	,480	-,724	-,241	-,317	,483	-,331	-,682	,660	,776	-,013	-,543	-,209	,631	-,361	-,287	-,390	-,578	-,614	-,280	,771	,052	-,625	-,343	,228	-,382
Depois de participar no CTE, fiquei mais capacitado para comunicar informações ambientais relevantes a terceiros.	-,308	-,377	-,665	,738	-,241	,771	-,724	,313	-,388	,636	-,434	-,068	,414	-,654	,824	-,465	,207	,565	-,772	-,422	,202	,681	-,042	,255	-,228	-,834	-,483	,079	,654	-,599	,713
Depois de participar no CTE, tenho influenciado os meus familiares e amigos a realizarem ações ambientais.	-,093	,090	,015	-,084	,235	-,245	,241	-,388	,811	-,254	,392	,134	-,519	,260	,275	,230	-,321	,041	,191	-,202	-,337	-,126	,010	-,085	,155	,396	,081	,019	-,051	,036	-,341
Depois de participar no CTE, tenho usado os canais apropriados para ajudar a chamar a atenção para incidentes de poluição ambiental.	-,816	-,144	-,122	-,773	-,675	,872	-,317	,636	-,254	-,385	-,588	-,381	,225	-,534	,627	-,803	-,433	,886	-,847	-,603	,127	,820	-,288	-,107	-,575	-,617	-,803	-,286	,890	-,841	,755
Depois de participar no CTE, estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as alterações climáticas.	,534	-,203	,002	-,488	,469	-,677	,483	-,434	,392	-,588	,547	-,133	,718	,444	,595	,277	-,053	-,408	,578	,357	-,242	-,494	,229	-,303	,095	,648	,232	-,029	-,459	,440	-,443
Depois de participar no CTE, sou mais capaz de identificar problemas ambientais e encontrar soluções para eles.	-,0383	-,160	,202	-,269	-,406	,238	,331	-,068	,134	-,381	-,133	,518	-,388	,106	,002	-,551	-,625	,520	-,234	-,215	-,242	,337	,479	-,331	-,482	,062	-,585	-,416	-,468	-,552	,287
Depois de participar no CTE, fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação natural, monitorização e manutenção).	-,164	,254	-,150	,266	-,097	,438	-,682	,414	-,519	,225	-,718	-,388	,537	-,603	-,574	,112	,491	-,022	-,378	-,052	,294	,162	-,536	,547	,277	-,0667	,187	,384	,114	-,027	,250

Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,384	,149	,388	-,620	,207	-,701	,660	-,654	,260	-,534	,444	,106	-,603	,561	,660	,192	-,153	-,438	,699	,341	-,199	-,438	,264	-,403	,075	,711	,319	-,240	-,576	,403	-,559
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,435	,119	,548	-,707	,192	-,795	,776	-,824	,275	-,627	,595	,002	-,574	,660	,432	,357	-,231	-,581	,807	,450	-,147	-,743	,263	-,414	,050	,893	,384	-,264	-,640	,602	-,620
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,602	,300	-,007	-,519	,564	-,628	-,013	-,465	,230	-,803	,277	-,551	,112	,192	,357	,251	,564	-,822	,646	,426	,011	-,710	-,500	,235	,701	,337	,761	,545	-,733	,778	-,658
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,499	,038	-,471	-,181	,467	-,149	-,543	,207	-,321	-,433	-,053	-,625	,491	-,153	-,231	,564	,592	-,578	,148	,278	,298	-,236	-,665	,533	,547	-,282	,587	,678	-,454	,461	-,158
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	-,780	-,227	-,134	,725	-,541	,806	-,209	,565	-,041	,886	-,408	,520	-,022	-,438	-,581	-,822	-,578	,404	-,824	-,660	-,058	,819	,312	-,059	-,577	-,478	,836	-,360	,919	-,896	,684
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,682	,148	,381	-,841	,395	-,876	,631	-,772	,191	-,847	,578	-,234	-,378	,699	,807	,646	,148	-,824	,284	,580	-,175	-,795	,059	-,283	,271	,803	,615	-,075	-,828	,792	-,756
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,719	-,219	,287	-,623	,302	-,704	,361	-,422	-,202	-,603	,357	-,215	-,052	,341	,450	,426	,278	-,660	,580	,520	-,204	,686	,114	-,008	,236	,337	,454	,126	-,666	,509	-,249
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	-,134	,212	,000	,013	-,304	,223	-,287	,202	-,337	,127	-,242	-,242	,294	-,199	-,147	,011	,298	-,058	-,175	-,204	,856	,039	-,329	,066	-,024	-,186	,075	,148	-,017	,080	,122
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,691	-,091	,363	,745	-,393	,831	-,390	,681	-,126	,820	-,494	,337	,162	-,438	,743	,710	-,236	,819	,795	-,686	,039	,326	,073	-,047	-,396	,676	,612	-,207	,789	-,752	,555
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	-,064	-,525	,217	,070	-,401	,034	,578	,042	-,010	,288	,229	,479	-,536	,264	,263	-,500	,665	,312	,059	,114	-,329	,073	,503	-,691	-,628	,268	-,583	-,691	,269	-,373	,318
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,073	,112	-,256	,083	,359	,140	-,614	,255	-,085	-,107	-,303	,331	,547	-,403	-,414	,235	,533	-,059	-,283	-,008	,066	-,047	-,691	,570	,462	-,394	,287	,609	-,065	,032	,082
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,446	,312	-,205	-,216	,697	-,438	-,280	-,228	,155	-,575	,095	-,482	,277	,075	,050	,701	,547	-,577	,271	,236	-,024	-,396	-,628	,462	,283	-,020	,746	,613	-,589	,604	-,550
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,384	,123	,540	-,713	,201	-,751	,771	-,834	,396	-,617	,648	,062	-,667	,711	,893	,337	-,282	-,478	,803	,337	-,186	-,676	,268	-,394	-,020	,359	-,262	-,285	-,549	,518	-,630
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,588	,424	,096	-,665	,628	-,664	,052	-,483	,081	-,803	,232	-,585	,187	,319	,384	,761	,587	-,836	,615	,454	,075	-,612	-,583	,287	,746	,262	,424	,408	-,872	,836	-,709
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	,201	,212	-,404	,089	,414	-,086	-,625	,079	,019	-,286	-,029	-,416	,384	-,240	-,264	,545	,678	-,360	-,075	,126	,148	-,207	-,691	,609	,613	-,285	,408	,558	-,249	,267	-,122
Reporte de participación en el CTI de las empresas que participan en el proyecto de construcción de la carretera de Cuzco a Machuca Pilco	-,744	-,259	-,258	,830	-,603	,893	-,343	,654	-,051	,890	-,459	,468	,114	-,576	-,640	-,733	-,454	,919	-,828	-,666	-,017	,789	,269	-,065	-,589	-,549	-,872	-,249	,379	-,914	,732

<p>Impacto de contingência CTI Impacto não discriminado em outras passivas a longo e curto prazo relacionadas com o CTI</p>	,672	,351	,211	-,743	,565	-,790	,228	-,599	,036	-,841	,440	-,552	-,027	,403	,602	,778	,461	-,896	,792	,509	,080	-,752	-,373	,032	,604	,518	,836	,267	-,914	,388	-,784
<p>Impacto de CTI associado passivas a longo e curto prazo relacionadas com o CTI</p>	-,474	-,471	-,247	,646	-,540	,713	-,382	,713	-,341	,755	-,443	,287	,250	-,559	-,620	-,658	-,158	,684	-,756	-,249	,122	,555	,318	,082	-,550	-,630	-,709	-,122	,732	-,784	,388

Fonte: Elaboração Própria





<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,05	,000	,005	,05	,000	,00	,14	,30	,03	,15	,10	,10	,36	,00	,004	,06	,00	,00	,047	,000	,00	,00	,00	,07	,12	,000	,01	,00	,00	,16	
5			5			1	2	6	7	9	2	8	6	8		1	1	7			0	6		0	7	5		7	0	0	6
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,07	,022	,139	,04	,029	,00	,03	,25	,05	,00	,00	,02	,18	,00	,010	,00	,07	,11	,028	,000	,00	,00	,00	,20	,11	,001	,12	,00	,00	,03	
3			4			5	7	8	8	5	6	4	2	0		2	0	3			0	0	0		4	7		7	0	0	8
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,11	,015	,345	,26	,242	,00	,01	,01	,07	,21	,28	,43	,14	,14	,002	,27	,13	,09	,016	,010	,08	,00	,07	,20	,01	,411	,00	,03	,07	,00	
0			6			3	2	2	5	4	6	8	5	0		7	1	3			0	4	7	4		5		2	3	9	1
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,026	,021	,00	,128	,00	,00	,00	,00	,00	,02	,00	,00	,00	,115	,11	,00	,01	,187	,007	,12	,01	,12	,11	,01	,000	,00	,03	,00	,00	
1			3			4	0	0	2	0	1	3	3	6		6	9	4			7	3	5	7	5		0	2	2	0	
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,003	,000	,00	,001	,00	,00	,02	,01	,00	,00	,00	,12	,00	,043	,00	,00	,00	,009	,000	,00	,06	,00	,00	,41	,00	,01	,00	,00	,00	
0			0			4	3	0	0	0	2	1	0	0		5	0	0			0	7	0	1	1	0		2	0	0	3
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,030	,037	,15	,025	,00	,00	,00	,00	,02	,10	,05	,00	,00	,000	,48	,05	,00	,003	,025	,01	,00	,01	,12	,00	,00	,00	,00	,00	,00	
1			5			1	0	0	2	0	7	0	0	5		5	3	2			1	0	7	7	2	0			8	1	1
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,000	,000	,00	,000	,02	,00	,07	,00	,00	,01	,05	,08	,00	,000	,04	,00	,00	,002	,000	,00	,00	,00	,00	,03	,03	,000	,00		,00	,00
4			5			1	8	2	5	4	7	3	9	0		0	0	2			0	1	0	0	3	2		8		0	2
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,009	,019	,00	,001	,00	,00	,01	,00	,00	,01	,00	,04	,00	,011	,02	,00	,01	,094	,000	,00	,00	,00	,00	,07	,00	,000	,00	,00	,00	
6			8			0	0	0	1	1	7	4	1	0		3	6	1			0	6	0	0	9	2		1	0		0
<p>Despesa de participação em CTE, para custeio de atividades de planejamento, avaliação, acompanhamento, controle e prestação de contas.</p>	,00	,002	,016	,01	,023	,00	,00	,01	,00	,00	,00	,04	,00	,00	,000	,05	,01	,00	,002	,009	,02	,00	,16	,03	,00	,00	,003	,00	,00	,00	
0			6			3	0	3	2	1	5	6	5	0		5	1	3			0	0	6	8	1	0		1	2	0	

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 1: Teste de KMO e Bartlett

<b>Teste de KMO e Bartlett</b>		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		0,455
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1273,744
	G1	465
	Sig.	0,000

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 3: Comunalidades

<b>Communalities</b>	
	Extraction
1. (...) Tomei a iniciativa de adotar no dia a dia as ideias aprendidas sobre as questões ambientais. [.]	0,828
2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	0,732
3. (...) sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	0,798
4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	0,842
5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais por mim causados. [.]	0,628
6. (...) Eu fico mais preocupado quando vejo alguma ação que possa afetar o meio ambiente. [.]	0,626
7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre as questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]	0,770
8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]	0,685
9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos para ações ambientais. [.]	0,677
10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	0,710
11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre as mudanças climáticas. [.]	0,817
12. (...) Consigo identificar melhor os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]	0,592

13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]	0,869
14. (...) fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]	0,794
15. (...) Fiquei mais motivado a frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas às atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]	0,845
17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	0,859
18. (...) fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	0,762
19. (...) Fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]	0,586
20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar comportamentos ambientalmente saudáveis pode resolver muitos problemas ambientais. [.]	0,736
21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e temos que protegê-los. [.]	0,772
22. (...) Fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e destruição de habitat. [.]	0,747
23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]	0,705
24. (...) Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]	0,754
25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]	0,695
26. (...) Posso discutir a questão ambiental com outros jovens para esclarecer causa e efeitos. [.]	0,731
27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]	0,743
28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]	0,716
29. (...) percebi que enquanto eu estiver com vontade de tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]	0,735
30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e esgoto, etc.). [.]	0,777

31. (...) percebi que mesmo viajando para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]	0,547
--	-------

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 28: Correlação de Pearson

Correlations

		Age	Região	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Age	Pearson Correlation	1	.039	.085	-.290	.259	.293	-.036	.081	.059	.220	-.027	.100	.012	.100	.093	.129	.104	.199	.291	.124	.160	.132	.071	.023	-.118	.092	.125	.206	.052	.081	-.018	-.111	-.102	.107	.056	.168	.169	.020	-.105	-.028
	Sig. (2-tailed)		.812	.600	.069	.107	.066	.824	.621	.717	.173	.867	.538	.944	.539	.568	.427	.523	.218	.069	.444	.325	.417	.661	.886	.469	.573	.442	.203	.752	.618	.914	.495	.533	.510	.731	.299	.296	.904	.519	.864
Região	Pearson Correlation	.039	1	-.199	-.178	.045	.007	-.067	-.206	-.176	-.184	-.306	.232	-.201	.257	.085	.099	.243	-.160	.275	-.187	-.200	.038	-.207	.095	.065	-.124	-.086	-.168	-.449*	-.298	.181	-.165	-.310	-.171	-.204	-.237	.076	-.376*	-.270	-.090
	Sig. (2-tailed)	.812		.218	.271	.783	.965	.682	.203	.278	.257	.054	.149	.214	.110	.601	.544	.131	.323	.086	.248	.215	.818	.199	.560	.690	.447	.598	.300	.004	.062	.263	.310	.052	.290	.206	.141	.643	.017	.089	.579
1	Pearson Correlation	.085	-.199	1	.448*	.215	.692*	-.180	.034	-.018	.618*	.421*	.462*	-.566*	.166	.204	-.514*	.274	.562*	.549*	.483*	.224	.448*	.436*	.420*	.313*	.526*	.563*	.333*	.329*	.479*	.401*	.309	.491*	.043	.283	.352*	.316*	.251	.361*	.175
	Sig. (2-tailed)	.600	.218		.004	.182	.000	.267	.835	.912	.000	.007	.003	.000	.306	.206	.001	.087	.000	.000	.002	.164	.004	.005	.007	.050	.000	.000	.036	.038	.002	.010	.052	.001	.791	.076	.026	.047	.119	.022	.281
2	Pearson Correlation	.290	-.178	.448*	1	.267	.457*	.054	.224	.235	.322*	.335*	.105	-.184	.190	.320*	.365*	.125	.382*	.433*	.357*	.294	.343*	.380*	.229	.273	.313*	.346*	.146	.419*	.329*	.299	.193	.324*	.148	.357*	.259	.139	.196	.332*	.299
	Sig. (2-tailed)	.600	.218	.004		.096	.003	.739	.166	.144	.043	.035	.517	.255	.241	.044	.021	.443	.015	.005	.024	.065	.030	.016	.155	.088	.049	.029	.369	.007	.038	.061	.233	.041	.363	.024	.107	.394	.224	.036	.060
3	Pearson Correlation	.259	.293	.215	.267	1	.175	.103	.334*	.147	.124	-.045	-.070	-.134	-.115	.057	-.032	.149	.202	.247	.262	.510*	.267	-.018	.124	.032	-.057	.035	-.021	.168	.145	.031	.188	.137	.027	-.037	.016	-.126	-.006	-.088	
	Sig. (2-tailed)	.107	.066	.182	.096		.281	.529	.035	.364	.447	.781	.667	.411	.479	.728	.843	.359	.219	.124	.102	.001	.096	.910	.445	.845	.728	.819	.205	.898	.299	.374	.849	.245	.400	.868	.821	.924	.437	.969	.589
4	Pearson Correlation	.290	-.178	.448*	.267	.175	1	-.090	.050	.280*	.553*	.593*	.578*	.236	.303	.547*	.521*	.639*	.552*	.552*	.248	.552*	.386*	.526*	.132	.705*	.729*	.386*	.224	.302	.368*	.229	.135	.275	.484*	.377*	.451*	.200	.227	.387*	
	Sig. (2-tailed)	.600	.218	.004	.096	.281		.090	.580	.930	.759	.000	.000	.000	.143	.058	.000	.043	.000	.000	.000	.123	.000	.014	.000	.418	.000	.000	.014	.165	.058	.020	.154	.408	.085	.022	.157	.003	.215	.158	.014

5	Pears on Correlation	-.036	-.067	-.180	.054	.103	-.090	.1	.433*	.572*	-.006	.215	.110	-.106	.372*	.225	-.032	-.057	.046	-.006	.245	.158	.079	.328*	.315*	.242	.152	.058	.121	.233	.392*	.170	.383*	.280	.248	-.143	.092	.027	.468*	.236	.190				
	Sig. (2-tailed)	.824	.682	.267	.739	.529	.580		.005	.000	.970	.182	.501	.516	.018	.164	.845	.728	.780	.973	.128	.329	.627	.039	.047	.132	.349	.724	.456	.149	.012	.295	.015	.081	.122	.377	.571	.871	.002	.142	.239				
6	Pears on Correlation	.081	-.206	.034	.224	.334*	-.014	.433*	1	.613*	.121	.262	.090	-.072	.244	.081	-.011	.120	.079	.194	.270	.396*	.294	.148	.247	.232	.072	.124	.233	.182	.371*	.302	.379*	.201	.166	.124	.163	.221	.203	-.001	.163				
	Sig. (2-tailed)	.621	.203	.835	.166	.035	.930	.005		.000	.458	.103	.582	.660	.129	.621	.944	.462	.630	.229	.092	.011	.065	.362	.125	.150	.659	.446	.148	.261	.019	.058	.016	.215	.307	.445	.315	.170	.209	.995	.315				
7	Pears on Correlation	.059	-.176	-.018	.235	.147	.050	.572*	.613*	1	.151	.335*	.169	-.029	.364*	.195	-.086	-.070	-.040	.122	.284	.272	.162	.357*	.430*	.401*	.227	.333*	.222	.318*	.403*	.249	.539*	.293	.161	-.090	.283	.112	.489*	.224	.134				
	Sig. (2-tailed)	.717	.278	.912	.144	.364	.759	.000	.000		.351	.035	.297	.857	.021	.228	.598	.667	.805	.455	.076	.089	.318	.024	.006	.010	.159	.036	.169	.045	.010	.121	.000	.067	.320	.583	.077	.491	.001	.165	.410				
1	Pears on Correlation	.220	-.184	.618*	.322*	.124	.780*	-.006	.121	.151	1	.683*	.731*	.706*	.348*	.378*	.591*	.366*	.788*	.752*	.643*	.412*	.590*	.542*	.568*	.236	.742*	.698*	.448*	.304	.391*	.383*	.256	.234	.198	.489*	.527*	.459*	.410*	.397*	.549*				
	Sig. (2-tailed)	.173	.257	.000	.043	.447	.000	.970	.458	.351		.000	.000	.000	.028	.016	.000	.020	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.142	.000	.000	.004	.057	.013	.015	.111	.146	.221	.001	.000	.003	.009	.011	.000				
2	Pears on Correlation	-.027	-.306	.421*	.335*	-.045	.553*	.215	.262	.335*	.683*	1	.556*	.522*	.494*	.459*	.386*	.257	.623*	.447*	.404*	.220	.244	.359*	.547*	.097	.702*	.613*	.487*	.590*	.509*	.304	.551*	.321*	.345*	.309	.427*	.299	.504*	.373*	.455*				
	Sig. (2-tailed)	.867	.054	.007	.035	.781	.000	.182	.103	.035	.000		.000	.001	.001	.003	.014	.110	.000	.004	.000	.173	.129	.023	.000	.553	.000	.000	.001	.000	.001	.000	.000	.000	.000	.000	.056	.000	.044	.023	.053	.006	.061	.001	.018
3	Pears on Correlation	.100	-.232	.462*	.105	-.070	.593*	.110	.090	.169	.731*	.556*	1	.805*	.572*	.248	.419*	.356*	.641*	.550*	.578*	.358*	.372*	.461*	.444*	.233	.834*	.606*	.401*	.256	.429*	.255	.398*	.176	.065	.324*	.572*	.285	.501*	.329*	.341*				
	Sig. (2-tailed)	.538	.149	.003	.517	.667	.000	.501	.582	.297	.000	.000		.000	.000	.122	.007	.024	.000	.000	.000	.023	.018	.003	.004	.148	.000	.000	.010	.111	.006	.113	.011	.277	.690	.041	.000	.074	.000	.038	.031				
4	Pears on Correlation	.012	-.201	.566*	.184	-.134	.578*	-.106	-.072	-.029	.706*	.522*	.805*	1	.391*	.218	.524*	.245	.576*	.591*	.620*	.350*	.408*	.501*	.295	.261	.797*	.659*	.384*	.318*	.403*	.132	.257	.274	-.102	.425*	.647*	.165	.400*	.376*	.340*				
	Sig. (2-tailed)	.944	.214	.000	.255	.411	.000	.516	.660	.857	.000	.001	.000		.013	.177	.001	.128	.000	.000	.027	.009	.001	.004	.064	.103	.000	.000	.014	.046	.010	.418	.110	.088	.531	.006	.310	.011	.017	.017	.032				

5	Pears on Corrlati on	.10	-.25	.16	.19	-.11	.23	.37	.24	.36	.34	.49	.57	.39	1	.54	.24	.22	.42	.37	.26	.28	.13	.49	.44	.24	.46	.38	.43	.60	.68	.23	.58	.30	.11	.18	.48	.31	.59	.45	.31
	Sig. (2-taile d)	.53	.11	.30	.24	.47	.14	.01	.12	.02	.02	.00	.00	.01		.00	.13	.15	.00	.01	.10	.07	.40	.00	.00	.12	.00	.01	.00	.00	.00	.14	.00	.05	.48	.25	.00	.04	.00	.00	.00
6	Pears on Corrlati on	.09	-.08	.20	.32	.05	.30	.22	.08	.19	.37	.45	.24	.21	1	.54	.48	.31	.39	.40	.31	.29	.12	.55	.37	.27	.26	.27	.22	.66	.37	.22	.49	.40	.43	.41	.41	.46	.32	.57	.43
	Sig. (2-taile d)	.66	.08	.04	.00	.72	.05	.16	.62	.22	.01	.00	.12	.17		.00	.05	.01	.01	.04	.06	.45	.00	.01	.08	.09	.09	.17	.00	.01	.15	.00	.01	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.04	.00
7	Pears on Corrlati on	.12	-.09	.51	.36	-.03	.54	-.03	-.01	-.08	.59	.38	.41	.52	1	.48	.66	.60	.53	.47	.35	.59	.59	.37	.19	.61	.45	.17	.30	.26	.29	.17	.28	.35	.64	.42	.66	.37	.59	.52	
	Sig. (2-taile d)	.42	.09	.00	.02	.84	.00	.84	.94	.59	.00	.01	.00	.00		.13	.00	.00	.00	.00	.02	.00	.00	.01	.21	.00	.00	.27	.05	.10	.06	.28	.07	.02	.00	.00	.00	.01	.00	.00	.00
8	Pears on Corrlati on	.10	-.24	.27	.12	.14	.32	-.05	.12	-.07	.36	.25	.35	.24	1	.31	.66	.42	.25	.49	.46	.35	.32	.11	.24	.25	.22	.25	.16	.29	.08	.10	.35	.64	.32	.65	.23	.36	.35		
	Sig. (2-taile d)	.52	.13	.08	.44	.35	.04	.72	.46	.66	.02	.11	.02	.12		.05	.00	.00	.10	.00	.00	.02	.04	.48	.12	.11	.16	.11	.30	.06	.61	.51	.02	.00	.04	.00	.14	.02	.02		
9	Pears on Corrlati on	.19	-.16	.56	.38	.20	.63	.04	.07	-.04	.78	.62	.64	.57	1	.60	.50	.66	.51	.42	.58	.50	.52	.03	.67	.50	.39	.41	.44	.35	.28	.25	.23	.44	.36	.45	.40	.47	.45		
	Sig. (2-taile d)	.21	.32	.00	.01	.21	.00	.78	.63	.80	.00	.00	.00	.00		.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.80	.00	.00	.01	.00	.02	.07	.11	.15	.00	.02	.00	.01	.00	.01	.00	.00	
10	Pears on Corrlati on	.29	-.27	.54	.43	.24	.55	-.00	.19	.12	.75	.44	.55	.59	1	.40	.53	.42	.67	.62	.46	.62	.40	.42	.57	.47	.40	.40	.35	.24	.16	.39	.12	.54	.63	.32	.41	.46	.46		
	Sig. (2-taile d)	.06	.08	.00	.00	.12	.00	.97	.22	.45	.00	.00	.00	.00		.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.01	.00	.00	.00	.01	.00	.12	.31	.01	.42	.00	.00	.04	.00	.00	.00	.00		
11	Pears on Corrlati on	.12	-.18	.48	.35	.26	.55	.24	.27	.28	.64	.40	.57	.62	1	.26	.31	.47	.67	.60	.71	.70	.54	.57	.62	.60	.31	.27	.36	.36	.20	.39	.09	.32	.45	.20	.33	.33	.40		
	Sig. (2-taile d)	.44	.24	.00	.02	.10	.00	.12	.09	.07	.00	.01	.00	.00		.10	.04	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.04	.08	.02	.02	.20	.01	.57	.04	.00	.21	.03	.03	.01		

12	Pears on Correlation	.160	-.200	.224	-.294	.510*	.248	-.158	-.396*	.272	-.412*	.220	.358*	-.350*	.282	-.294	-.358*	.493*	-.424*	.621*	.607*	1	-.503*	.507*	.312	.480*	-.347*	.337*	.199	-.264	-.290	.228	-.200	.315*	.025	.432*	-.480*	-.263	.259	.411*	-.270	
	Sig. (2-tailed)	.325	.215	.164	.065	.001	.123	.329	.011	.089	.008	.173	.023	.027	.078	.066	.023	.001	.006	.000	.000	.000	.001	.001	.050	.002	.028	.034	.219	.099	.070	.157	.217	.048	.876	.005	.002	.101	.106	.008	.092	
13	Pears on Correlation	.132	-.038	.448*	-.343*	.267	.552*	.079	-.294	.162	-.590*	.244	.372*	-.408*	.136	-.121	-.593*	.462*	.587*	.469*	.716*	.503*	1	-.587*	.618*	-.306	.473*	.606*	.294	-.110	.304	.506*	.056	.147	.171	.426*	.190	.502*	.217	.279	.400*	
	Sig. (2-tailed)	.417	.818	.004	.030	.096	.000	.627	.065	.318	.000	.129	.018	.009	.402	.458	.000	.003	.000	.002	.000	.001	.000	.000	.000	.054	.002	.000	.066	.498	.056	.001	.732	.364	.290	.006	.240	.001	.179	.081	.011	
14	Pears on Correlation	.071	-.207	.436*	.380*	-.018	.386*	.328*	.148	.357*	.542*	.359*	.461*	-.501*	.494*	.554*	-.596*	.356*	.502*	.622*	.709*	.503*	1	.587*	.618*	.515*	.517*	.250	.533*	.521*	.420*	.378*	.564*	.175	.393*	.563*	.402*	.628*	.717*	.529*		
	Sig. (2-tailed)	.661	.199	.005	.016	.910	.014	.039	.362	.024	.000	.023	.003	.001	.001	.000	.000	.024	.001	.000	.000	.001	.000	.000	.000	.000	.001	.001	.120	.000	.001	.007	.016	.000	.279	.012	.000	.010	.000	.000	.000	.000
15	Pears on Correlation	.023	-.095	.420*	.229	.124	.526*	.315*	.247	.430*	.568*	.547*	.444*	.295	.441*	.376*	.370*	.325*	.522*	.400*	.540*	.312	.618*	.573*	1	.347*	.567*	.680*	.537*	.476*	.560*	.700*	.416*	.367*	.452*	.194	.275	.509*	.522*	.361*	.505*	
	Sig. (2-tailed)	.886	.560	.007	.155	.445	.000	.047	.125	.006	.000	.000	.004	.064	.004	.017	.019	.041	.001	.010	.000	.050	.000	.000	.000	.028	.000	.000	.000	.002	.000	.008	.020	.003	.003	.230	.085	.001	.001	.001	.022	.001
16	Pears on Correlation	-.118	-.065	.313*	-.273	.032	-.132	-.242	.232	.401*	-.236	.097	.233	-.261	.245	.272	-.199	.115	.039	.424*	.571*	.480*	.306	.613*	.347*	1	.229	.299	-.025	-.263	.264	.336*	-.248	.439*	-.096	.193	.399*	.006	.280	.318*	.256	
	Sig. (2-tailed)	.469	.690	.050	.088	.845	.418	.132	.150	.010	.142	.553	.148	.103	.128	.089	.217	.480	.809	.006	.000	.002	.054	.000	.028	.000	.155	.061	.878	.101	.099	.034	.123	.005	.554	.232	.011	.971	.080	.045	.110	
17	Pears on Correlation	.092	-.124	.523*	.313*	-.057	.705*	.152	.072	.227	.742*	.702*	.834*	.797*	.464*	.265	.516*	.244	.676*	.570*	.626*	.347*	.473*	.515*	.567*	.229	1	.784*	.403*	.375*	.450*	.253	.471*	.238	.181	.370*	.558*	.259	.559*	.394*	.359*	
	Sig. (2-tailed)	.573	.447	.000	.049	.728	.000	.349	.659	.159	.000	.000	.000	.000	.003	.098	.001	.128	.000	.000	.028	.002	.001	.000	.000	.155	.000	.010	.017	.004	.115	.002	.140	.263	.019	.000	.106	.000	.106	.000	.012	.023
18	Pears on Correlation	.125	-.086	.563*	.346*	.037	.729*	.058	.124	.333*	.698*	.613*	.606*	.659*	.387*	.272	.455*	.256	.508*	.475*	.606*	.337*	.606*	.517*	.680*	.299	1	.784*	.403*	.621*	.417*	.527*	.352*	.386*	.196	.214	.349*	.525*	.449*	.440*	.362*	.426*
	Sig. (2-tailed)	.442	.598	.000	.029	.819	.000	.724	.446	.036	.000	.000	.000	.000	.014	.090	.003	.111	.001	.002	.000	.034	.000	.001	.000	.061	.000	.008	.000	.026	.014	.225	.185	.027	.001	.004	.005	.005	.022	.006	.026	

19	Pears on Corrlati on	.206	-.168	.333*	.146	.205	.386*	.121	.233	.222	.448*	.487*	.401*	.384*	.431*	.221	.177	.224	.399*	.409*	.319*	.199	.294	.250	.537*	-.025	.403*	.621*	1	.462*	.615*	.409*	.268	.306	.341*	.144	.373*	.421*	.437*	.213	.440*	
	Sig. (2-tailed)	.203	.300	.036	.369	.205	.014	.456	.148	.169	.004	.001	.010	.014	.006	.170	.275	.166	.011	.009	.045	.219	.066	.120	.000	.870	.010	.000	.003	.000	.000	.009	.094	.055	.031	.374	.018	.007	.005	.188	.004	
20	Pears on Corrlati on	.052	-.449*	.329*	.419*	-.021	.224	.233	.182	.318*	.304	.599*	.256	.318*	.602*	.663*	.303	.253	.419*	.404*	.276	.264	.110	.533*	.476*	.263	.375*	.417*	.462*	1	.692*	.415*	.557*	.559*	.368*	.383*	.526*	.311	.637*	.610*	.372*	
	Sig. (2-tailed)	.752	.004	.038	.007	.898	.165	.149	.261	.045	.057	.000	.111	.046	.000	.000	.057	.115	.007	.010	.010	.084	.099	.498	.000	.002	.101	.017	.008	.003	.000	.000	.008	.000	.000	.019	.015	.000	.051	.000	.000	.018
21	Pears on Corrlati on	.081	-.298	.479*	.329*	.168	.302	.392*	.371*	.403*	.391*	.509*	.429*	.403*	.689*	.378*	.261	.165	.445*	.350*	.367*	.290	.304	.521*	.560*	.264	.450*	.527*	.615*	.692*	1	.519*	.648*	.585*	.227	.185	.501*	.361*	.706*	.503*	.325*	
	Sig. (2-tailed)	.618	.062	.002	.038	.299	.058	.012	.019	.010	.013	.001	.006	.010	.000	.016	.103	.309	.004	.027	.020	.070	.056	.001	.000	.099	.004	.000	.000	.000	.000	.000	.001	.000	.000	.159	.254	.001	.022	.000	.001	.001
22	Pears on Corrlati on	.018	-.181	.401*	.299	.145	.368*	.170	.302	.249	.383*	.304	.255	.132	.235	.229	.293	.292	.355*	.249	.360*	.228	.500*	.420*	.700*	.336*	.253	.352*	.408*	.415*	.519*	1	.389*	.506*	.419*	.353*	.241	.507*	.487*	.398*	.535*	
	Sig. (2-tailed)	.914	.263	.010	.061	.374	.020	.295	.058	.121	.015	.056	.113	.418	.144	.156	.066	.068	.025	.121	.022	.157	.001	.007	.000	.034	.115	.026	.009	.008	.001	.000	.013	.003	.001	.002	.133	.001	.001	.011	.000	
23	Pears on Corrlati on	.111	-.165	.309	.193	.031	.229	.383*	.379*	.539*	.256	.551*	.398*	.257	.587*	.493*	.174	.083	.286	.162	.205	.200	.056	.378*	.416*	.248	.471*	.386*	.268	.557*	.648*	.389*	1	.581*	.229	.186	.534*	.336*	.647*	.545*	.158	
	Sig. (2-tailed)	.495	.310	.052	.233	.849	.154	.015	.016	.000	.111	.000	.011	.110	.000	.001	.284	.611	.073	.318	.204	.217	.732	.016	.008	.123	.002	.014	.094	.000	.000	.003	.000	.000	.000	.154	.249	.000	.034	.000	.000	.000
24	Pears on Corrlati on	.102	-.310	.491*	.324*	.188	.135	.280	.201	.293	.234	.321*	.176	.274	.302	.402*	.286	.106	.252	.398*	.391*	.315*	.147	.564*	.367*	.439*	.238	.196	.306	.559*	.585*	.506*	.581*	1	.135	.192	.470*	.185	.601*	.629*	.284	
	Sig. (2-tailed)	.533	.052	.001	.041	.245	.408	.081	.215	.067	.146	.044	.277	.088	.058	.010	.073	.516	.117	.011	.013	.048	.364	.000	.020	.005	.140	.225	.055	.000	.000	.001	.000	.408	.234	.002	.254	.000	.000	.000	.076	
25	Pears on Corrlati on	.107	-.171	.043	.148	.137	.275	.248	.166	.161	.198	.345*	.065	-.102	.432*	.355*	.356*	.232	.129	.092	.025	.171	.175	.452*	-.096	.181	.214	.341*	.368*	.227	.419*	.229	.135	1	.345*	.037	.451*	.294	.227	.489*		
	Sig. (2-tailed)	.510	.290	.791	.363	.400	.085	.122	.307	.320	.221	.029	.690	.531	.484	.005	.025	.024	.150	.429	.573	.876	.290	.279	.003	.554	.263	.185	.031	.019	.159	.007	.154	.408	.029	.823	.003	.065	.158	.001		

26	Pears on Corrlati on	.056	-.204	.283	-.357*	.027	.484*	-.143	.124	-.090	.489*	.309	.324*	-.425*	.184	.417*	.643*	.648*	.444*	.549*	.322*	.432*	.426*	.393*	.194	.193	.370*	.349*	.144	.383*	.185	.353*	.186	.192	.345*	1	.576*	.543*	.295	.450*	.504*
	Sig. (2-taile d)	.731	.206	.076	.024	.868	.002	.377	.445	.583	.001	.053	.041	.006	.255	.007	.000	.000	.004	.000	.043	.005	.006	.012	.230	.232	.019	.027	.374	.015	.254	.026	.249	.234	.029	.000	.000	.065	.004	.001	
27	Pears on Corrlati on	.168	-.237	.352*	.259	-.037	.377*	.092	.163	.283	.527*	.427*	.572*	.647*	.483*	.417*	.426*	.326*	.367*	.633*	.457*	.480*	.190	.563*	.275	.399*	.558*	.525*	.373*	.526*	.501*	.241	.534*	.470*	.037	.576*	1	.354*	.683*	.594*	.424*
	Sig. (2-taile d)	.299	.141	.026	.107	.821	.017	.571	.315	.077	.000	.006	.000	.000	.002	.007	.006	.040	.020	.000	.323	.002	.240	.000	.085	.011	.000	.001	.018	.000	.001	.133	.000	.002	.823	.000	.025	.000	.000	.000	.006
28	Pears on Corrlati on	.169	-.076	.316*	.139	.016	.451*	.027	.221	.112	.459*	.299	.285	.165	.313*	.464*	.663*	.654*	.452*	.325*	.201	.263	.502*	.402*	.509*	.006	.259	.449*	.421*	.311	.361*	.507*	.336*	.185	.451*	.543*	.354*	1	.378*	.488*	.477*
	Sig. (2-taile d)	.299	.643	.047	.394	.924	.003	.871	.170	.491	.003	.061	.074	.310	.049	.003	.000	.003	.041	.214	.101	.001	.010	.001	.001	.971	.106	.004	.007	.051	.022	.001	.034	.254	.003	.000	.025	.016	.001	.001	.002
29	Pears on Corrlati on	.020	-.376*	.251	.196	-.112	.200	.468*	.203	.489*	.410*	.504*	.501*	.400*	.596*	.322*	.376*	.236	.405*	.410*	.336*	.259	.217	.628*	.522*	.280	.555*	.440*	.437*	.637*	.706*	.487*	.647*	.601*	.294	.295	.683*	.378*	1	.720*	.452*
	Sig. (2-taile d)	.904	.017	.119	.224	.437	.215	.002	.209	.001	.009	.001	.001	.011	.000	.043	.017	.143	.010	.009	.034	.106	.179	.000	.001	.080	.000	.005	.005	.000	.000	.001	.000	.000	.000	.065	.065	.000	.016	.000	.003
30	Pears on Corrlati on	-.105	-.272	.361*	.332*	-.006	.227	.236	-.001	.224	.397*	.373*	.329*	.376*	.458*	.576*	.592*	.365*	.474*	.460*	.336*	.411*	.279	.717*	.361*	.318*	.394*	.362*	.213	.610*	.503*	.398*	.545*	.629*	.227	.450*	.594*	.488*	.720*	1	.526*
	Sig. (2-taile d)	.519	.089	.022	.036	.969	.158	.142	.995	.165	.011	.018	.038	.017	.003	.000	.000	.021	.003	.000	.034	.008	.081	.000	.022	.045	.012	.022	.188	.000	.001	.011	.000	.000	.158	.004	.000	.001	.000	.000	.000
31	Pears on Corrlati on	-.028	-.090	.175	.299	-.088	.387*	.190	.163	.134	.549*	.455*	.341*	.340*	.317*	.433*	.525*	.350*	.452*	.463*	.402*	.270	.400*	.529*	.505*	.256	.359*	.426*	.440*	.372*	.325*	.535*	.158	.284	.489*	.504*	.424*	.477*	.450*	.526*	1
	Sig. (2-taile d)	.864	.579	.281	.060	.589	.014	.239	.315	.410	.000	.003	.031	.032	.046	.005	.001	.027	.003	.003	.010	.092	.011	.000	.001	.110	.023	.006	.004	.018	.041	.000	.332	.076	.001	.006	.002	.003	.000	.000	.000

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 29: Matriz cruzada entre os grupos

	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Correlat ion	1	1,000	,292	-,218	-,502	-,360	-,126	,358	,099	-,104	-,322	-,158	-,081	-,267	,054	-,248	-,344	-,216	,032	-,201	-,109	-,143	-,206	-,239	,313	-,058	,082	-,239	-,161	-,123	-,348	-,188	,006	-,126	-,055	-,048	,091	-,355	
	2	,292	1,000	,264	,272	-,026	,169	,194	,046	,117	-,272	-,098	,166	,174	-,047	-,135	-,279	,160	,179	-,163	-,174	,002	,190	,069	,127	-,074	-,285	,141	-,123	,049	,195	,017	,202	,093	-,069	-,004	,157	,040	
	3	-,218	,264	1,000	,181	,092	-,328	,140	-,113	-,110	-,163	-,226	-,168	,030	-,087	,135	-,232	-,254	-,280	,521	-,277	-,078	-,107	,016	-,133	-,005	-,200	-,058	-,160	-,130	,007	-,178	-,123	-,005	-,075	-,018	-,183	-,047	-,180
	4	-,502	,272	-,181	1,000	-,318	-,193	-,073	,555	,211	-,205	-,249	-,163	-,027	-,238	,058	-,254	-,299	-,239	,008	-,292	-,110	-,224	-,071	-,454	-,514	,052	-,162	-,135	-,049	-,217	-,067	-,230	,095	-,184	-,233	-,219	-,160	
	5	-,360	-,026	,092	-,318	1,000	,413	,560	-,223	,122	-,040	-,302	,323	,155	-,185	-,153	-,154	-,137	,163	,098	-,032	-,269	-,254	-,202	,031	-,090	,026	-,163	-,348	,085	-,340	-,224	,199	-,279	,004	-,079	,436	,160	,080
	6	-,083	-,169	-,328	-,193	,413	1,000	,603	-,014	-,196	-,050	-,242	-,184	-,002	-,146	,052	-,083	-,118	-,208	-,362	-,240	,045	-,180	-,195	-,062	-,013	-,168	-,113	-,333	-,250	-,342	-,144	-,115	,044	,094	-,157	-,134	-,112	,059
	7	-,126	-,194	-,140	-,073	-,560	,603	1,000	,064	,314	,092	-,161	-,338	-,144	-,217	-,145	-,231	,049	-,246	-,238	,098	-,346	-,424	-,380	,174	-,314	-,172	-,285	-,390	-,204	-,527	-,258	-,120	-,188	-,245	,047	-,484	-,174	,046
	1	,358	,046	-,113	-,555	-,223	-,014	1,000	,422	,445	,459	-,019	,064	-,288	,105	-,529	-,614	-,375	-,243	-,337	-,132	-,272	,067	-,501	-,436	-,125	-,071	-,028	-,025	-,034	-,097	-,071	,219	-,317	-,174	,074	,023	,099	
	2	,099	-,117	-,110	-,211	-,122	-,196	-,314	1,000	,422	-,207	-,207	-,276	-,244	,025	-,000	-,297	-,158	-,047	,000	-,147	-,076	-,299	-,090	-,491	-,353	-,248	-,427	-,249	-,016	-,435	-,097	-,187	,003	-,203	-,007	-,282	-,067	,049
	3	-,104	-,272	-,163	-,205	-,040	-,050	,092	,445	1,000	-,652	-,367	-,123	-,005	,103	-,241	-,275	-,276	-,167	-,017	,013	-,076	,070	-,689	-,282	-,067	-,123	-,065	-,163	-,200	-,165	-,252	-,034	-,397	-,091	-,242	-,066	-,268	
	4	-,322	-,098	-,226	-,249	-,302	-,242	-,161	,459	-,207	1,000	-,120	-,109	-,240	-,022	-,198	-,376	-,400	-,176	-,098	-,157	-,101	-,128	-,651	-,426	-,091	,027	-,081	-,280	-,024	-,027	-,428	-,170	-,520	-,211	-,124	-,068	-,161	
	5	-,158	-,008	-,168	-,323	-,184	-,338	-,019	-,276	-,367	-,120	1,000	-,414	-,066	,035	-,092	-,143	-,044	-,135	-,176	-,264	-,227	-,138	-,213	-,108	-,241	-,483	-,576	-,015	-,498	-,132	-,059	-,334	-,099	-,465	-,272	-,025		
	6	-,081	-,166	,030	-,027	-,155	-,002	,144	,064	-,244	-,123	-,109	1,000	,293	,151	,086	-,197	,058	-,159	-,378	-,155	-,174	-,177	-,063	-,037	-,020	-,569	-,165	-,005	-,387	-,266	-,334	-,247	-,262	-,309	-,119	-,442	-,182	
	7	-,267	-,174	-,087	-,238	-,185	-,146	-,217	-,288	,025	,005	-,240	-,066	-,293	1,000	,575	-,313	-,306	-,182	-,200	-,402	-,350	,053	,057	-,205	-,123	-,035	-,098	-,005	-,067	-,209	-,503	-,217	-,538	-,116	-,411	-,209		

8	.054	-.047	-.135	.058	-.153	.052	-.145	-.105	.000	-.103	-.022	.035	-.151	.575	1.000	-.322	.259	.019	.409	.313	.131	-.123	.008	-.041	-.010	.018	.074	-.082	.108	-.086	-.070	.255	.562	.172	.571	.039	.194	-.106	
9	.248	.135	.232	.252	-.154	-.083	-.231	.529	.297	.241	.198	.092	.086	.313	.322	1.000	.458	.118	.260	.325	.048	.177	-.245	.360	.054	.028	.112	.054	-.037	.004	-.080	.134	.042	.153	.054	.147	-.120		
10	.344	.279	.254	.294	-.137	.118	.049	.614	.158	.275	.376	.143	.197	.306	.259	.458	1.000	.513	.547	.243	.420	.129	.347	.329	.191	.178	.196	.065	-.037	-.059	.232	-.068	.385	.514	.080	.187	.242	.146	
11	.216	.160	.280	.239	.163	.208	.246	.375	.047	.276	.400	-.044	.058	.182	.019	.118	.513	1.000	.529	.581	.528	.305	.335	.383	.362	.019	-.008	.054	.087	-.028	.206	-.140	.042	.259	-.126	.055	.035	-.009	
12	.032	.179	.521	.008	.098	.362	.238	.243	.000	.167	.176	.135	.159	.200	.409	.260	.547	.529	1.000	.398	.392	.146	.429	.163	.156	.024	.120	.122	.064	.077	.203	-.103	.318	.384	.114	.104	.285	.046	
13	.201	.163	.277	.292	-.032	.240	.097	.337	-.147	-.017	.098	-.176	-.174	.402	.313	.325	.243	.581	.398	1.000	.370	.449	.203	.180	.401	.023	-.197	.005	.313	-.192	-.091	.219	-.077	.326	-.074	-.007	-.050		
14	.109	.174	-.078	-.110	.269	.045	.346	.132	-.013	.017	.154	.264	.378	.350	.131	.048	.420	.529	.392	1.000	.370	1.000	.602	.151	.176	-.122	.339	.257	.145	.190	.436	-.053	.115	.395	.133	.463	.581	.161	
15	.143	.002	.107	.224	.254	.180	.424	.272	.299	.076	-.101	.227	.155	.053	.123	.177	.129	.305	.146	.449	.330	1.000	.250	.309	.501	.349	.287	.358	.582	.264	.184	.340	-.116	.022	.325	.334	.092	.197	
16	.206	.190	.016	-.071	.202	.195	.380	.067	-.090	.070	.128	.138	.177	.057	.008	-.245	.347	.535	.429	.203	.602	.250	1.000	.077	.177	-.192	.163	.148	.244	.167	.378	-.201	.077	.325	-.144	.179	.220	.110	
17	.239	.069	-.133	.454	.031	-.062	.174	.501	.491	.689	.651	.213	-.063	.205	-.041	.360	.329	.383	.163	.180	.151	.309	.077	1.000	.623	.099	.092	.132	-.125	.317	-.043	-.055	.069	.384	-.096	.345	.071	-.171	
18	.313	.127	-.005	.514	-.090	.013	.314	.436	.353	.282	.426	.108	-.037	.123	-.010	.054	.191	.362	.156	.401	.176	.501	.177	.623	1.000	.444	.168	.268	.043	.201	-.088	.001	.052	.339	.206	.179	.040	-.021	
19	.058	-.074	.200	.052	.026	.168	.172	.125	.248	.067	.091	.241	-.020	-.180	.018	.028	.177	.019	.024	.023	-.122	.349	-.192	.099	.444	1.000	.291	.463	.203	.094	.122	.214	-.183	.230	-.141	.182	.244	-.075	.146
20	.082	.285	-.058	-.162	.163	.113	.285	-.071	.427	-.123	.027	.483	.569	.035	.074	.112	.196	-.008	.120	-.197	.339	.287	.163	.092	.168	.291	1.000	.587	.233	.464	.458	.255	.197	.396	.106	.526	.483	.078	
21	.239	.141	.160	-.135	.348	.333	.390	-.028	.249	.065	.081	.576	.165	-.098	-.082	.054	.065	.054	.122	.005	.257	.358	.148	.132	.268	.463	.587	1.000	.334	.569	.475	.055	-.120	.335	.126	.595	.300	-.086	
22	.161	.123	.130	.032	.085	.250	.204	.025	-.016	-.163	-.280	.015	.005	.005	.088	-.037	-.037	.087	.064	.313	.145	.582	.244	-.045	.203	.233	.334	1.000	.249	.384	.309	.142	.015	.348	.315	.183	.304		
23	.123	.049	.007	-.049	.340	.342	.527	-.034	.435	.200	.024	.498	.387	-.067	.086	.004	-.059	-.028	.077	-.192	.190	.264	.167	.317	.201	.094	.464	.569	.249	1.000	.506	.119	.001	.438	.188	.570	.439	-.148	

24	,348	,195	,178	-,217	,224	,144	,258	-,097	,097	-,165	,027	,132	,266	,067	-,070	-,082	,232	,206	,203	-,091	,436	,184	,378	-,043	-,088	,128	,458	,475	,384	,506	1,000	,002	-,005	,351	-,013	,504	,536	,015
25	-,188	,017	,123	,067	,199	,115	,120	-,071	,187	,252	-,428	-,059	,334	,209	,255	-,027	-,068	-,140	-,103	-,011	,053	-,340	-,201	-,055	,001	,212	,255	,055	,309	,119	,002	1,000	,223	-,137	,352	,157	,067	,381
26	,006	,202	-,005	,230	-,279	,044	-,188	,219	,003	-,034	-,170	-,073	-,247	,503	,562	,134	,385	,042	,318	,219	,115	-,116	,077	,069	,052	-,141	-,197	-,120	,142	,001	-,005	1,000	,455	,401	,066	,261	,266	
27	,126	,093	-,075	,095	,004	,094	,245	,317	,203	,397	,520	,334	-,262	-,217	-,172	,042	,514	,259	,384	-,077	,395	,022	,325	,384	,339	,183	,396	,335	,015	,438	,351	-,137	,455	1,000	,171	,590	,469	,173
28	,055	-,069	-,018	,184	-,079	,157	,047	,174	-,007	-,091	-,211	,099	,309	,538	,571	,153	,080	-,126	,114	,326	,133	,325	-,144	-,096	,206	,230	,106	,126	,348	,188	-,013	,352	,401	,171	1,000	,179	,314	,230
29	-,048	-,004	-,183	-,233	,436	,134	,484	,074	,282	,242	,124	,465	,119	,116	,039	,054	,187	,055	,104	-,074	,462	,334	,179	,345	,179	,244	,526	,595	,315	,570	,504	,157	,066	,590	,179	1,000	,621	,176
30	,091	,157	-,047	-,219	,161	-,112	,174	,023	,067	-,066	,068	,272	,442	,411	,194	,147	,242	,035	,285	-,007	,583	,092	,220	,073	,040	-,075	,483	,300	,183	,439	,536	,067	,261	,469	,314	,621	1,000	,273
31	-,355	,040	-,180	-,160	,080	,059	,046	,099	,049	-,268	-,161	-,025	,182	,209	,106	-,120	,146	-,009	,046	,050	,161	,197	,110	-,171	-,021	,146	,078	-,086	,304	-,148	,015	,381	,266	,173	,230	,176	,273	1,000

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 30: Anova

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente. [.]	Entre Grupos	2,201	1	2,201	17,522	,000
	Dentro de grupos	4,774	38	,126		
	Total	6,975	39			
2. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para aprimorar meu currículo e beneficiar minha carreira. [.]	Entre Grupos	16,019	1	16,019	12,713	,001
	Dentro de grupos	47,881	38	1,260		
	Total	63,900	39			
3. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que gosto de fazer e para enriquecer minha experiência neste tipo de atividades. [.]	Entre Grupos	,005	1	,005	,007	,933
	Dentro de grupos	25,095	38	,660		
	Total	25,100	39			
4. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novas aprendizagens sobre a flora e a fauna, bem como o meio ambiente em geral. [.]	Entre Grupos	9,219	1	9,219	19,059	,000
	Dentro de grupos	18,381	38	,484		
	Total	27,600	39			
5. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas. [.]	Entre Grupos	,386	1	,386	,581	,451
	Dentro de grupos	25,214	38	,664		
	Total	25,600	39			

6. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com bons líderes e sentir-me envolvido no projeto. [.]	Entre Grupos	,630	1	,630	,875	,355
	Dentro de grupos	27,345	38	,720		
	Total	27,975	39			
7. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar meus valores e aumentar minha autoestima. [.]	Entre Grupos	4,144	1	4,144	3,694	,062
	Dentro de grupos	42,631	38	1,122		
	Total	46,775	39			
1. (...) Tomei a iniciativa de adotar no dia a dia as ideias aprendidas sobre as questões ambientais. [.]	Entre Grupos	19,811	1	19,811	32,782	,000
	Dentro de grupos	22,964	38	,604		
	Total	42,775	39			
2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	Entre Grupos	10,744	1	10,744	20,797	,000
	Dentro de grupos	19,631	38	,517		
	Total	30,375	39			
3. (...) sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	Entre Grupos	6,344	1	6,344	15,423	,000
	Dentro de grupos	15,631	38	,411		
	Total	21,975	39			
4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	Entre Grupos	10,744	1	10,744	19,789	,000
	Dentro de grupos	20,631	38	,543		
	Total	31,375	39			

5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais por mim causados. [.]	Entre Grupos	6,519	1	6,519	16,106	,000
	Dentro de grupos	15,381	38	,405		
	Total	21,900	39			
6. (...) Eu fico mais preocupado quando vejo alguma ação que possa afetar o meio ambiente. [.]	Entre Grupos	5,030	1	5,030	13,324	,001
	Dentro de grupos	14,345	38	,378		
	Total	19,375	39			
7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre as questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]	Entre Grupos	8,805	1	8,805	21,454	,000
	Dentro de grupos	15,595	38	,410		
	Total	24,400	39			
8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]	Entre Grupos	5,344	1	5,344	7,923	,008
	Dentro de grupos	25,631	38	,674		
	Total	30,975	39			
9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos para ações ambientais. [.]	Entre Grupos	13,630	1	13,630	22,186	,000
	Dentro de grupos	23,345	38	,614		
	Total	36,975	39			
10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	Entre Grupos	21,376	1	21,376	27,987	,000
	Dentro de grupos	29,024	38	,764		
	Total	50,400	39			

11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de procurar mais informações sobre as mudanças climáticas. [.]	Entre Grupos	10,971	1	10,971	12,661	,001
	Dentro de grupos	32,929	38	,867		
	Total	43,900	39			
12. (...) Consigo identificar melhor os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]	Entre Grupos	6,519	1	6,519	8,431	,006
	Dentro de grupos	29,381	38	,773		
	Total	35,900	39			
13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]	Entre Grupos	3,344	1	3,344	10,061	,003
	Dentro de grupos	12,631	38	,332		
	Total	15,975	39			
14. (...) fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]	Entre Grupos	17,143	1	17,143	52,717	,000
	Dentro de grupos	12,357	38	,325		
	Total	29,500	39			
15. (...) Fiquei mais motivado a frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas às atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]	Entre Grupos	8,805	1	8,805	19,015	,000
	Dentro de grupos	17,595	38	,463		
	Total	26,400	39			
16. (...) Fiquei mais motivado a participar em comícios, manifestações ou petições relacionadas a políticas ambientais. [.]	Entre Grupos	10,971	1	10,971	9,177	,004
	Dentro de grupos	45,429	38	1,195		
	Total	56,400	39			

17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	Entre Grupos	9,858	1	9,858	18,809	,000
	Dentro de grupos	19,917	38	,524		
	Total	29,775	39			
18. (...) fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	Entre Grupos	10,076	1	10,076	29,400	,000
	Dentro de grupos	13,024	38	,343		
	Total	23,100	39			
19. (...) Fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]	Entre Grupos	3,344	1	3,344	8,685	,005
	Dentro de grupos	14,631	38	,385		
	Total	17,975	39			
20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar comportamentos ambientalmente saudáveis pode resolver muitos problemas ambientais. [.]	Entre Grupos	9,858	1	9,858	20,909	,000
	Dentro de grupos	17,917	38	,471		
	Total	27,775	39			
21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e temos que protegê-los. [.]	Entre Grupos	8,601	1	8,601	19,485	,000
	Dentro de grupos	16,774	38	,441		
	Total	25,375	39			
22. (...) Fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e destruição de habitat. [.]	Entre Grupos	2,519	1	2,519	8,411	,006
	Dentro de grupos					
	Total					

	Dentro de grupos	11,381	38	,299		
	Total	13,900	39			
23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]	Entre Grupos	4,725	1	4,725	7,111	,011
	Dentro de grupos	25,250	38	,664		
	Total	29,975	39			
24. (...) Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]	Entre Grupos	4,286	1	4,286	11,875	,001
	Dentro de grupos	13,714	38	,361		
	Total	18,000	39			
25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]	Entre Grupos	,933	1	,933	1,330	,256
	Dentro de grupos	26,667	38	,702		
	Total	27,600	39			
26. (...) Posso discutir a questão ambiental com outros jovens para esclarecer causa e efeitos. [.]	Entre Grupos	8,601	1	8,601	15,011	,000
	Dentro de grupos	21,774	38	,573		
	Total	30,375	39			
27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]	Entre Grupos	22,344	1	22,344	27,719	,000
	Dentro de grupos	30,631	38	,806		
	Total	52,975	39			
28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]	Entre Grupos	4,725	1	4,725	11,774	,001

	Dentro de grupos	15,250	38	,401		
	Total	19,975	39			
29. (...) percebi que enquanto eu estiver com vontade de tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]	Entre Grupos	13,630	1	13,630	22,186	,000
	Dentro de grupos	23,345	38	,614		
	Total	36,975	39			
30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e esgoto, etc.). [.]	Entre Grupos	10,296	1	10,296	33,503	,000
	Dentro de grupos	11,679	38	,307		
	Total	21,975	39			
31. (...) percebi que mesmo viajando para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]	Entre Grupos	6,344	1	6,344	31,592	,000
	Dentro de grupos	7,631	38	,201		
	Total	13,975	39			

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 31: Testes de igualdade das médias dos grupos

	Wilks' Lambda	F	df1	df2	Sig.
1. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente. [.]	,675	18,278	1	38	,000
2. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para aprimorar meu currículo e beneficiar minha carreira. [.]	,840	7,249	1	38	,010
3. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que gosto de fazer e para enriquecer minha experiência neste tipo de atividades. [.]	,996	,157	1	38	,694
4. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novos aprendizados sobre a flora e a fauna, bem como o meio ambiente em geral. [.]	,521	34,899	1	38	,000
5. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas. [.]	,962	1,495	1	38	,229
6. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com boas lideranças e me sentir envolvida no projeto. [.]	,969	1,232	1	38	,274
7. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar meus valores e aumentar minha autoestima. [.]	,978	,852	1	38	,362
1. (...) Tomei a iniciativa de adotar no dia a dia as ideias aprendidas sobre as questões ambientais. [.]	,462	44,335	1	38	,000
2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	,607	24,604	1	38	,000
3. (...) Sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	,503	37,495	1	38	,000
4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	,598	25,505	1	38	,000
5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais por mim causados. [.]	,760	11,975	1	38	,001
6. (...) Eu fico mais preocupado quando vejo alguma ação que possa afetar o meio ambiente. [.]	,786	10,333	1	38	,003
7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre as questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]	,652	20,316	1	38	,000

8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]	,832	7,674	1	38	,009
9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos para ações ambientais. [.]	,439	48,498	1	38	,000
10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	,698	16,425	1	38	,000
11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre as mudanças climáticas. [.]	,643	21,064	1	38	,000
12. (...) Consigo identificar melhor os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]	,877	5,330	1	38	,026
13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]	,706	15,836	1	38	,000
14. (...) Fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]	,584	27,050	1	38	,000
15. (...) Fiquei mais motivado a frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas às atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]	,678	18,046	1	38	,000
16. (...) Fiquei mais motivado a participar em comícios, manifestações ou petições relacionadas a políticas ambientais. [.]	,931	2,805	1	38	,102
17. (...) Percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	,559	30,033	1	38	,000
18. (...) Fiquei mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	,588	26,653	1	38	,000
19. (...) Fiquei mais ciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]	,739	13,450	1	38	,001
20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar comportamentos ambientalmente saudáveis pode resolver muitos problemas ambientais. [.]	,777	10,915	1	38	,002
21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e temos que protegê-los. [.]	,693	16,858	1	38	,000
22. (...) Fiquei mais ciente das questões ambientais relacionadas à poluição da água, segurança alimentar e destruição de habitat. [.]	,747	12,852	1	38	,001
23. (...) Percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]	,857	6,360	1	38	,016
24. (...) Preocupo-me com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]	,839	7,308	1	38	,010

25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]	,890	4,693	1	38	,037
26. (...) Posso discutir a questão ambiental com outros jovens para esclarecer causa e efeitos. [.]	,760	11,975	1	38	,001
27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para que tenham uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]	,792	10,003	1	38	,003
28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]	,765	11,689	1	38	,002
29. (...) Percebi que enquanto eu estiver com vontade de tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]	,750	12,647	1	38	,001
30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e esgoto, etc.). [.]	,726	14,308	1	38	,001
31. (...) Percebi que mesmo viajando para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]	,536	32,891	1	38	,000

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 32: Voluntários por região segundo o método K-Means

Cluster	Regiões	Número de voluntários
1	Europa do Sul	17
	Europa Central e Ocidental	8
	Europa Oriental e de Leste	5
	Fora da Europa	1
2	Europa do Sul	2
	Europa Central e Ocidental	4
	Europa Oriental e de Leste	3
	Fora da Europa	0

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 33: Anova

	Cluster		Error		F	Sig.
	Mean Square	df	Mean Square	Df		
Zscore: 1. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ajudar a proteger o meio ambiente. [.]	12,666	1	,693	38	18,278	,000
Zscore: 2. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para aprimorar meu currículo e beneficiar minha carreira. [.]	6,248	1	,862	38	7,249	,010
Zscore: 3. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para praticar atividades que gosto de fazer e para enriquecer minha experiência neste tipo de atividades. [.]	,161	1	1,022	38	,157	,694
Zscore: 4. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para absorver novos conhecimentos sobre a flora e a fauna, bem como o meio ambiente em geral. [.]	18,670	1	,535	38	34,899	,000
Zscore: 5. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para ter interação social com outras pessoas. [.]	1,476	1	,987	38	1,495	,229
Zscore: 6. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para trabalhar com bons líderes e me sentir envolvido no projeto. [.]	1,224	1	,994	38	1,232	,274
Zscore: 7. Participo em iniciativas de voluntariado ambiental para cultivar meus valores e aumentar minha autoestima. [.]	,855	1	1,004	38	,852	,362
Zscore: 1. (...) Tomei a iniciativa de adotar as ideias aprendidas sobre as questões ambientais no meu dia a dia. [.]	21,000	1	,474	38	44,335	,000
Zscore: 2. (...) Refleti melhor sobre o meu próprio comportamento e qual o impacto do meu comportamento em termos sociais e ambientais. [.]	15,327	1	,623	38	24,604	,000
Zscore: 3. (...) Sinto que tenho a responsabilidade de melhorar o meio ambiente. [.]	19,370	1	,517	38	37,495	,000
Zscore: 4. (...) Sinto que tenho o dever de prevenir incidentes de poluição ambiental. [.]	15,663	1	,614	38	25,505	,000

Zscore: 5. (...) Sinto que é minha responsabilidade resolver quaisquer problemas ambientais causados por mim. [.]	9,345	1	,780	38	11,975	,001
Zscore: 6. (...) Preocupo-me mais quando vejo algum ato que possa afetar o meio ambiente. [.]	8,337	1	,807	38	10,333	,003
Zscore: 7. (...) Consigo integrar diferentes pontos de vista sobre questões ambientais e formar opiniões pessoais. [.]	13,587	1	,669	38	20,316	,000
Zscore: 8. (...) Sou mais capaz de comunicar informações ambientais relevantes a outras pessoas. [.]	6,553	1	,854	38	7,674	,009
Zscore: 9. (...) Tenho procurado influenciar minha família e amigos a fazerem ações ambientais. [.]	21,867	1	,451	38	48,498	,000
Zscore: 10. (...) Tenho procurado usar canais adequados para ajudar a chamar a atenção para os incidentes de poluição ambiental. [.]	11,770	1	,717	38	16,425	,000
Zscore: 11. (...) Estou mais disposto a tomar a iniciativa de buscar mais informações sobre mudanças climáticas. [.]	13,909	1	,660	38	21,064	,000
Zscore: 12. (...) Estou mais apto a identificar os problemas ambientais e encontrar soluções para eles. [.]	4,797	1	,900	38	5,330	,026
Zscore: 13. (...) Fiquei mais interessado em participar em eventos ambientais (ou seja, atividades de conservação, monitorização e manutenção da natureza). [.]	11,472	1	,724	38	15,836	,000
Zscore: 14. (...) Fiquei mais disposto a colaborar com organizações ambientais. [.]	16,217	1	,600	38	27,050	,000
Zscore: 15. (...) Fiquei mais motivado para frequentar a escola e / ou atividades extracurriculares relacionadas com atividades ambientais (ou seja, limpeza de praias, limpeza de lagoas ecológicas e outras atividades ecológicas). [.]	12,557	1	,696	38	18,046	,000
Zscore: 16. (...) Fiquei mais motivado a participar em comícios, manifestações ou petições relacionadas a políticas ambientais. [.]	2,681	1	,956	38	2,805	,102
Zscore: 17. (...) percebi que tenho um papel importante em participar em atividades que ajudem o meio ambiente. [.]	17,217	1	,573	38	30,033	,000
Zscore: 18. (...) Estou mais disposto a cuidar do meio ambiente e fazer mudanças nas condições ambientais. [.]	16,078	1	,603	38	26,653	,000
Zscore: 19. (...) Tornei-me mais consciente de que a vida humana e animal são extremamente dependentes da disponibilidade dos recursos naturais da terra. [.]	10,195	1	,758	38	13,450	,001

Zscore: 20. (...) Fiquei mais ciente de que praticar um comportamento ambientalmente correto pode resolver muitos problemas ambientais. [.]	8,703	1	,797	38	10,915	,002
Zscore: 21. (...) Fiquei mais ciente de que os recursos da terra são limitados e devemos protegê-los. [.]	11,985	1	,711	38	16,858	,000
Zscore: 22. (...) Tornei-me mais consciente das questões ambientais relacionadas com a poluição da água, segurança alimentar e destruição do habitat. [.]	9,856	1	,767	38	12,852	,001
Zscore: 23. (...) percebi que meu estilo de vida pode afetar o meio ambiente. [.]	5,592	1	,879	38	6,360	,016
Zscore: 24. (...) Estou preocupado com os problemas ambientais causados pelas mudanças climáticas. [.]	6,290	1	,861	38	7,308	,010
Zscore: 25. (...) Fiquei mais ciente de que é possível restaurar a aparência original da natureza se ela estiver danificada. [.]	4,287	1	,914	38	4,693	,037
Zscore: 26. (...) Posso discutir questões ambientais com outros jovens para esclarecer a causa e os efeitos. [.]	9,345	1	,780	38	11,975	,001
Zscore: 27. (...) percebi que é minha responsabilidade influenciar as pessoas ao meu redor para ter uma maior consciência sobre a proteção do meio ambiente. [.]	8,127	1	,812	38	10,004	,003
Zscore: 28. (...) Aumentei meu conhecimento ambiental (ou seja, as interações entre as pessoas e o meio ambiente) para melhorar minha compreensão do mundo natural. [.]	9,175	1	,785	38	11,689	,002
Zscore: 29. (...) percebi que enquanto eu estiver disposto a tentar, posso resolver ou minimizar os problemas ambientais. [.]	9,739	1	,770	38	12,647	,001
Zscore: 30. (...) Fiquei mais disposto a aconselhar outras pessoas a parar a destruição ambiental (por exemplo, despejar lixo e águas residuais, etc.). [.]	10,668	1	,746	38	14,308	,001
Zscore: 31. (...) percebi que mesmo quando viajo para outro país devo adotar práticas ambientalmente corretas para não interferir no meio ambiente local nem com os moradores. [.]	18,095	1	,550	38	32,891	,000

Fonte: Elaboração Própria

